

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRÍTO SANTO  
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA.**

**CLEBERSON PRUDENCIO SARAIVA**

**ASPECTOS DA GEOGRAFICIDADE DA ALIMENTAÇÃO  
EM UM BAIRRO URBANO POPULAR**

**O CASO DO BAIRRO “JARDIM TROPICAL”, MUNICÍPIO DE  
SERRA-ES**

VITÓRIA-ES

2010

CLEBERSON PRUDENCIO SARAIVA

**ASPECTOS DA GEOGRAFICIDADE DA ALIMENTAÇÃO  
EM UM BAIRRO URBANO POPULAR**

**O CASO DO BAIRRO “JARDIM TROPICAL”, MUNICÍPIO DE  
SERRA-ES**

Monografia apresentada junto ao Curso de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Scarim.

VITÓRIA-ES.

2010

**CLEBERSON PRUDENCIO SARAIVA**

**ASPECTOS DA GEOGRAFICIDADE DA ALIMENTAÇÃO  
EM UM BAIRRO URBANO POPULAR.**

**O CASO DO BAIRRO “JARDIM TROPICAL”, MUNICÍPIO DE  
SERRA-ES.**

Monografia apresentada junto ao Curso de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Scarim.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr.: Paulo Cesar Scarim  
Universidade: Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof. Dr.: Simone Raquel Batista Ferreira  
Universidade: Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof. Dr.: Mauricio Sogame  
Universidade: Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, 25 de abril de 2010

## Agradecimentos

A Deus, por cada momento que pude dedicar a este trabalho e à Geografia;

A minha família pela compreensão em relação à necessidade de isolamento;

Especialmente à minha esposa que tanto me ajudou, de tantas maneiras!  
Ao meu filho Pedro por ouvir minhas justificativas e meus pedidos para espera;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Scarim, pela atenção e paciência.

Desde as idades mais tenras a gente olha para a natureza e se pergunta: Por que as coisas são assim?  
Por que as pessoas agem assim?

Tão simples é a razão de existir da Geografia!

Comigo foi assim também, até me encontrar aqui e me apaixonar pela contemplação do mundo, pela oportunidade de podê-lo compreender um pouco mais!

De um geógrafo de coração;  
do coração de um geógrafo.

## RESUMO

Este trabalho é uma reflexão sobre a geograficidade da alimentação em um bairro popular urbano, tendo como enfoque o processo de escolha dos objetos geográficos para a compra de alimentos, a prática da agricultura em quintais e o consumo de alimentos orgânicos. O recorte espacial é o bairro Jardim Tropical, localizado no município de Serra, estado do Espírito Santo, cuja população é em sua grande parte de baixa renda, exercendo atividades que exigem pouca qualificação técnica e tendo um cotidiano bastante compartilhado. Uma parte considerável dos moradores é formada de migrantes que vieram de áreas rurais entre os anos 1960 e 1980, devido ao intenso êxodo rural provocado pela modernização da agricultura.

A totalidade espaço-temporal é a realidade dos países subdesenvolvidos, proposta pela teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana, do geógrafo Milton Santos, dentro do quadro das profundas transformações sociais, econômicas e culturais provocadas pelo modelo de desenvolvimento baseado na modernização industrial, a partir da segunda metade do século passado, geradora de concentração socioespacial e de elevada pobreza nas grandes cidades. O espaço urbano é dividido em dois sistemas de produção, distribuição e consumo de bens e serviços, que mantêm uma relação de subordinação entre si.

Por meio da observação e pesquisa de campo baseadas no cotidiano do bairro, são apresentados aspectos dessa espacialidade relacionada à necessidade social da alimentação, que envolve objetos geográficos, como os grandes supermercados, mercearias, feira e os quintais dos domicílios, conjugados com as ações das pessoas entrevistadas para a escolha dos mesmos, determinadas por questões econômico-funcionais, cultural-afetivas e mesmo fisiológicas (idade e condição de saúde). Percebeu-se que a grande maioria das pessoas de renda mais baixa fazem suas compras principais/ mensais nos supermercados do próprio bairro, enquanto outro grupo, formado predominantemente por pessoas de renda superior, dirige-se, com automóveis, aos grandes supermercados. As mercearias por sua vez, concorrem com os supermercados do bairro para suprirem os consumos/compras complementares dos moradores.

O cultivo dos quintais apontou uma utilização considerável, mas pouco diversificada.

Os entrevistados de origem socioespacial rural e de menor renda apresentaram uma participação maior entre as pessoas que possuem algum cultivo. O grupo de plantas que mais têm sofrido pressão são as árvores frutíferas, cortadas por motivos funcionais e econômicos. As plantas medicinais são as mais freqüentes nos domicílios; já as hortas, devido à exigência de mais cuidados são os cultivos menos recorrentes, mas que no entanto, expressam uma relação mais intensa com a agricultura.

O consumo de alimentos orgânicos mostrou-se praticamente inexistente, apesar de parte considerável dos entrevistados conhecê-los, principalmente pela televisão, e os acharem mais saudáveis. O alto preço é apontado como desestimulante, e em menor grau, a pouca oferta. As representações que muitas pessoas têm dos orgânicos são objetivas, sendo vistos como “naturais”, “da roça” e cultivados “sem veneno”. No bairro já foi possível adquirir orgânicos semanalmente através de uma Cooperativa de Economia Solidária; contudo a pesquisa mostrou que uma quantidade desprezível de pessoas conhece-a, e que ex-consumidores apresentam queixas em relação à qualidade e à impossibilidade de escolha dos itens.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 1	Geomorfologia.	27
MAPA 2	Localização Geográfica.	28
MAPA 3	Delimitação do Bairro Jardim Tropical.	30
MAPA 4	Carta Topográfica.	31
MAPA 5	Compartimentação socioespacial e econômica.	36
FOTO 1	Tabuleiro: quadras e edificações.	37
FOTO 2	Tabuleiro: quadras e edificações	37
FOTO 3	Tabuleiro: Avenida Dido Fontes.	38
FOTO 4	Tabuleiro: Avenida Central.	38
FOTO 5	Tabuleiro: Torres de alta tensão.	38
FOTO 6	Tabuleiro: Hortas sobre a linha de alta tensão.	38
FOTO 7	Tabuleiro: Condomínio de prédios populares.	39
FOTO 8	Compartimento de Encostas	40
FOTO 9	Encosta: melhoria de acesso.	40
FOTO 10	Encosta: becos.	40
FOTO 11	Encosta: crianças brincando.	41
FOTO 12	Planície: aglomerado “José de Anchieta II”.	42
FOTO 13	Planície: aglomerado “José de Anchieta II”.	42
FOTO 14	Planície: aglomerado de Furnas. Novembro de 2009.	43
FOTO 15	Planície: aglomerado “Sete Bicas”.	44
FOTO 16	Planície: aglomerado “Sete Bicas”.	44
FOTO 17	Planície: aglomerado “Recanto Tropical”	44
FOTO 18	Planície: aglomerado “Recanto Tropical”	44
FOTO 19	Quintal com variedade de culturas	73
FOTO 20	Barraca para venda de hortifrutis orgânicos.	94
FOTO 21	Alimentos orgânicos vendidos na feira.	95
FOTO 22	Barraca para venda de hortifrutis orgânicos (mudança de local).	97

GRÁFICO 1	Perfil Socioeconômico e espacial.	46
GRÁFICO 2	Renda Familiar.	50
GRÁFICO 3	Tipo de moradia.	51
GRÁFICO 4	Grau de estudo dos entrevistados	54
GRÁFICO 5	Grau de estudo por compartimento geográfico.	55
GRÁFICO 6	Famílias que fazem compras principais em Laranjeiras (por compartimento e renda).	60
GRÁFICO 7	Grupos quantitativos de plantas por domicílio.	70
GRÁFICO 8	Grau de estudo dos entrevistados que tem plantas.	72
GRÁFICO 9	Domicílios com plantas por compartimento.	82
GRÁFICO 10	Criação de galinhas – localização espacial.	83
GRÁFICO 11	Características socioeconômicas e espaciais dos 17 entrevistados que não têm plantas nos quintais	84
GRÁFICO 12	Características socioeconômicas e espaciais do Grupo dos “14mais”	86
GRÁFICO 13	Características socioeconômicas e espaciais do Grupo dos “Demais”	86
GRÁFICO 14	Entrevistados que conhecem o que é alimento orgânico.	93
QUADRO 1	Origem geográfica dos entrevistados e cônjuges.	48
QUADRO 2	Indicação espaço-temporal da origem geográfica.	49
QUADRO 3	Culturas no quintal de entrevistado.	87
DIAGRAMA 1	Distribuição dos locais de compra principais (numero de pessoas X local de compra).	61
DIAGRAMA 2	Distribuição da compra de vegetais (número de pessoas x estabelecimentos).	67
DIAGRAMA 3	Número de famílias que cultivam hortas, árvores frutíferas e plantas medicinais.	71

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Estabelecimentos existentes no bairro.	35
TABELA 2	Sexo.	45
TABELA 3	Grupos etários.	45
TABELA 4	Integrantes por família.	46
TABELA 5	Tempo de permanência em ambiente rurais.	47
TABELA 6	Propriedade de automóveis.	50
TABELA 7	Ocupações.	52
TABELA 8	Situação empregatícia.	53
TABELA 9	Vínculo empregatício por setor econômico.	53
TABELA 10	Localização do trabalho por município.	53
TABELA 11	Localização do trabalho na Serra.	53
TABELA 12	Cardápio do almoço x renda..	56
TABELA 13	Cardápio café da manhã x renda.	58
TABELA 14	Locais das compras principais.	62
TABELA 15	Motivo para a escolha do local de compras.	63
TABELA 16	Transporte para os grandes supermercados.	64
TABELA 17	Compras pelo “disk cesta”.	64
TABELA 18	Locais de compra de vegetais.	66
TABELA 19	Citações de gastos semanais na feira por grupos de renda (R\$).	68
TABELA 20	Motivos para compra.	68
TABELA 21	Domicílios x quintais.	69
TABELA 22	Tipos de plantas nos quintais.	70
TABELA 23	Origem socioespacial dos entrevistados que cultivam plantas.	72
TABELA 24	Trato dos entrevistados com as plantações.	74
TABELA 25	Grupos de renda x cultivo de plantas.	75
TABELA 26	Plantas cultivadas em hortas.	75
TABELA 27	Impeditivos para ter horta.	77
TABELA 28	Tipos de frutíferas.	77

TABELA 29	Motivos para corte de árvores frutíferas.	79
TABELA 30	Plantas medicinais por domicílio.	80
TABELA 31	Relação de respostas à pergunta “o que é alimento orgânico?”.	89
TABELA 32	Relação de respostas à pergunta “onde ouviu falar?”.	90
TABELA 33	Consumo de alimentos orgânicos.	91
TABELA 34	Causas do não consumo dos alimentos orgânicos.	91
TABELA 35	Locais de compra de alimentos orgânicos.	92
TABELA 36	Relação entre os grupos de entrevistados x conhecimento de alimentos orgânicos.	94
TABELA 37	Comparação entre os preços de alimentos orgânicos e convencionais.	99

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>MÉTODO E METODOLOGIA.</b>	<b>17</b>
2.1	REFLETINDO SOBRE O MÉTODO.	17
2.2	CONTEXTO ESPAÇO-TEMPORAL: OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA.	20
2.3	METODOLOGIA.	23
<b>3</b>	<b>RECORTE ESPACIAL</b>	<b>26</b>
3.1	O BAIRRO JARDIM TROPICAL.	26
3.2	HISTÓRIA E GEOGRAFIA HUMANA DO BAIRRO JARDIM TROPICAL.	31
3.3	COMPARTIMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL, ECONOMICA E FÍSICA.	35
<b>3.3.1</b>	<b>TABULEIRO.</b>	<b>37</b>
<b>3.3.2</b>	<b>ENCOSTAS.</b>	<b>40</b>
<b>3.3.3</b>	<b>PLANÍCIE.</b>	<b>41</b>
<b>4</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO PESQUISADO.</b>	<b>45</b>
<b>5</b>	<b>ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA ALIMENTAÇÃO.</b>	<b>55</b>
5.1	OS ALIMENTOS DO CAFÉ DA MANHÃ E DO ALMOÇO.	55
5.2	OBJETOS GEOGRÁFICOS PARA AS COMPRAS PRINCIPAIS.	59
5.3	A UTILIZAÇÃO DA FEIRA.	66
5.4	A AGRICULTURA URBANA DOMICILIAR.	68
5.5	CONSUMO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS.	87
<b>5.5.1</b>	<b>BARRACA EXPERIMENTAL DE ORGÂNICOS NA FEIRA DE JARDIM TROPICAL</b>	<b>94</b>

<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.</b>	<b>100</b>
<b>7</b>	<b>BIBLIOGRAFIA.</b>	<b>111</b>
<b>8</b>	<b>ANEXO.</b>	<b>114</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A alimentação é uma necessidade humana básica, portadora de geograficidade, isto é, as formações socioespaciais (SANTOS, apud CORREA, 1995), desde os tempos mais remotos, para se alimentarem, territorializam-se, relacionam-se, explorando e modificando a natureza, criando objetos, fluxos e idéias.

O tema foi tratado com muita profundidade pelo geógrafo Josué de Castro (2003). Ele afirma que a falta ou deficiência na alimentação é a causa de violência, de roubos, até de guerras, e pior: do avanço de doenças. Santos (1979, p. 193), considerando os impactos da modernidade industrial nos países subdesenvolvidos, alertava sobre os perigos do “modelo de consumo importado” para os mais pobres que, estimulados por intensa publicidade, “leva as pessoas a preferir outros tipos de consumo [...], em prejuízo de outros consumos essenciais, como o da alimentação”.

A situação de pobreza em que se encontra uma grande parte da população dos grandes centros urbanos é decorrente do modelo de desenvolvimento econômico adotado pelo Estado no século passado – com seus efeitos perversos do intenso êxodo rural e urbanização descontrolada – o qual destina uma grande parte dos recursos nacionais para o benefício de uma minoria de renda mais alta (SANTOS, 1979). Assim, é agravada uma trama de problemas sociais, entre eles a fome. Além disso, desde o advento da Revolução Verde<sup>1</sup>, o uso indiscriminado de insumos químicos industriais na agricultura tem causado a contaminação dos alimentos (ANVISA, 2009), do solo e da água. Assim, o tema da alimentação e produção de alimentos ganha uma importância muito grande na Geografia.

Nas grandes cidades, as pessoas podem adquirir seus alimentos comprando-os em estabelecimentos comerciais especializados – como os grandes ou pequenos supermercados, as mercearias, feiras e/ou quilões - cuja escolha depende de fatores

---

<sup>1</sup> Revolução Verde é uma expressão genérica que designa o processo de mudanças tecnológicas, econômicas e sociais no rural brasileiro a partir da ampliação das políticas públicas de subsídios à agroindústria que propiciaram alterações nos padrões tecnológicos, com a introdução massiva de sementes híbridas, agrotóxicos, fertilizantes de origem industrial, herbicidas, da motomecanização, de novos cruzamentos genéticos animais, dos hormônios para animais, etc., provocando a especialização na produção, a concentração da terra e o êxodo rural. (Carvalho, 2005,p.221).

econômicos, funcionais e cultural-afetivos que se colocam para cada indivíduo. O supermercado é um objeto geográfico moderno surgido no início do século passado, e que, atualmente, comercializa uma grande variedade de itens, principalmente alimentos – sejam industrializados ou hortifrutis. Para atrair clientes utiliza-se de intensa propaganda nos grande meios de comunicação baseada, sobretudo, no aspecto da economia, através das promoções; mas também no conforto, na estética e na variedade. No Espírito Santo, houve um expressivo crescimento no número destes estabelecimentos durante a década de 1990, com concentração e surgimento de grandes redes.

Os estabelecimentos de menor porte, muitos destes funcionando em bairros populares, tiveram que se organizar em associações de compra para enfrentar a concorrência dos grandes supermercados. Num outro extremo estão as mercearias, ainda menores, que se abastecem comprando nos grandes atacadistas e mesmo nos grandes supermercados, tendo que praticar preços mais altos aos consumidores (SCARIM; LUCCI, 2009).

As feiras livres são manifestações comerciais muito antigas, registradas desde a Idade Média, onde camponeses negociavam seus produtos. São bastante ligadas à venda de alimentos, constituindo-se em importantes fontes de abastecimento para a população da Grande Vitória. Localizadas em vários bairros, de diversas classes sociais, proporcionam grande diversidade de produtos. Atualmente, é possível encontrar de tudo: gêneros alimentícios, utilidades para o lar, vestuário, brinquedos, lanches, etc. Nos bairros mais populares, a maioria dos feirantes comercializa seus produtos em bacias ou dúzias, adquirindo-os no CEASA (Centrais de Abastecimento do Espírito Santo) de Vitória, vendendo-os em várias feiras. Existem também, em número menor, aqueles que trazem os produtos direto de suas propriedades.

Outra possibilidade que as pessoas têm para a obtenção de alimentos é pela prática da agricultura urbana, atividade que consiste na utilização de áreas citadinas - terrenos baldios, quintais domiciliares, quintais cultivados em conjuntos habitacionais, áreas sobre linhas de alta tensão, etc. - para o plantio de alimentos e plantas medicinais, representando uma ponte, um tipo de fusão entre o espaço rural e urbano.

A agricultura domiciliar urbana apresenta uma grande potencialidade: atividade terapêutica e de melhoria da auto-estima e de relacionamento social; incremento no orçamento das famílias; aproveitamento do lixo orgânico; criação de uma relativa autonomia produtiva de alimentos - valorizando o saber das muitas pessoas da cidade com origem no interior (REDE<sup>2</sup>). No Brasil existem várias instituições que desenvolvem projetos de agricultura urbana voltados para a produção baseada na Agroecologia<sup>3</sup>.

O exposto anteriormente constitui-se no campo de interesse deste trabalho. Para analisar os aspectos dessa geograficidade, adotou-se como recorte espacial o bairro urbano de Jardim Tropical, localizado no município de Serra, estado do Espírito Santo, considerado como “bairro popular”<sup>4</sup>, por ser habitado por pessoas, em sua grande maioria pobre, cujo cotidiano é flexível e criativo face às necessidades de consumo não atendidas (SANTOS, 2002, p.323, p.326). A categoria geográfica do Lugar, através do conceito operatório do Cotidiano (SANTOS, 1996), portador da interação humana, muito intensa nos centros urbanos, e propiciadora de interdependência, encontros, cooperação e conflitos, através da vivência e observação do pesquisador, é que revela - em tempos de globalização avançada - a

---

<sup>2</sup> Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (REDE) é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, criada em 1986. Em sua primeira fase de atuação, a REDE buscou a identificação, intercâmbio e difusão de experiências de tecnologias alternativas para a agricultura familiar, contrapondo-se aos impactos da “revolução verde” no meio rural. No campo de atuação Urbano a atuação da REDE tem por objetivo potencializar iniciativas comunitárias de agricultura em bases agroecológicas e que incorporam os princípios da segurança alimentar e nutricional, visando melhorar a qualidade de vida das famílias envolvidas e evidenciar a agricultura urbana enquanto uma estratégia de gestão das cidades.

<sup>3</sup> Para efeito deste texto, será utilizado o conceito elaborado por Eduardo Sevilla Guzmán, citado por Costabeber (2004), Para estes dois autores, a agroecologia constitui o campo do conhecimento que articula o manejo ecológico dos recursos naturais aos aspectos sociais, econômicos e políticos, através de propostas de desenvolvimento participativo desde o campo da produção até a circulação alternativa de seus produtos, de tal maneira que contribuam para encarar a crise ecológica e social atual (CAPORAL e COSTABEBER, 2004).

<sup>4</sup> O conceito de bairro popular aqui utilizado, consubstancia-se pelo fator econômico, social e espacial, em relação dialética. São agrupamentos sociais, demarcados político-administrativamente, em que a grande maioria das famílias é de baixa renda, isto é, recebem menos de 2 salários mínimos (R\$465,00, em dez/2009), exercendo profissões que requerem pouca qualificação educacional formal (domésticas, auxiliares de produção, motoristas, pedreiros, carpinteiros, etc.). O cotidiano social e espacial é intensamente compartilhado, seja através da utilização das ruas, praças ou pela cooperação entre os vizinhos e familiares, resultado da grande densidade populacional, da distância entre as residências e do nível econômico dos moradores; e também dos problemas com segurança e outras carências de serviços públicos (AFONSO e SERPA, 2007).

materialidade, concretude do cruzamento de aspectos naturais, culturais, econômicos, sociais e políticos, oriundos, ao mesmo tempo, de heranças de ordem global e local, bem como de uma dinâmica presente aberta à espontaneidade e criatividade dos indivíduos (p.322), que atuam na conformação do fenômeno em estudo.

Considerando que a temática desse trabalho precisa estar inserida num marco espaço-temporal, julgou-se pertinente adotar como contexto para seu estudo a construção teórica dos “Dois circuitos da economia urbana”, a qual sistematiza uma teoria da organização do espaço urbano nos países subdesenvolvidos a partir de suas realidades próprias, com atenção especial ao fenômeno da modernização industrial e à ação do Estado e dos monopólios empresariais, responsáveis pelas condições de pobreza na qual se encontra a maior parte da população desses países (SANTOS 1979). Acessoriamente, este trabalho também se presta como estudo empírico para a discussão da construção teórica dos circuitos da economia urbana de Santos, necessidade levantada pelo próprio autor (1979, p.11).

Para apreender e descrever a realidade vivenciada pelos moradores do bairro em relação à escolha dos objetos geográficos para a compra de alimentos e às ações de cultivo de quintais, bem como avaliar o consumo de alimentos orgânicos<sup>5</sup>, valorizou-se como método a busca de elementos que permitissem entrever a identidade social – construída cotidianamente -, cultural (CUCHE, 1999, p.177) e espacial dos moradores do bairro. Para atingir esses objetivos, valeu-se da aplicação de entrevistas e da observação da paisagem e do cotidiano do bairro. Além disso, foi realizada uma observação participante na feira livre, com a venda de orgânicos, cujo consumo tem aumentado muito nas duas últimas décadas, como parte do movimento agroecológico, mas que também tem sido apropriado por empresários interessados nos lucros propiciados pelas imagens de saúde, criando nas pessoas mais pobres a representação de que os alimentos são orgânicos são muito caros, por isso inacessíveis (SCARIM; LUCCHI, 2009).

---

<sup>5</sup> Alimentos cultivados com técnicas que sejam menos agressivas ao meio ambiente e capazes de proteger os recursos naturais, assegurar maior longevidade, tentando fugir do estilo convencional de agricultura que passou a ser hegemônico a partir dos novos descobrimentos da química agrícola, da biologia e da mecânica, ocorridos a partir do final do século XIX (CAPORAL, 2008).

Como destacou Roberto Lobato Correa, em palestra proferida na Universidade Federal do Espírito Santo, durante a Semana de Geografia em 21/10/2009, “é preciso um esforço intelectual para articular os elementos distintos de um fenômeno” a fim de que se tenha um entendimento do todo, e, dessa forma, a Geografia dê uma contribuição para o desenvolvimento da sociedade – isto é, conhecer critica e sistematicamente a relação entre a sociedade e natureza, possibilitando uma vida política e econômica participativa, que busque a justiça! E neste sentido, acreditamos que este trabalho poderá propiciar às pessoas uma oportunidade de reflexão, talvez mais sistemática e crítica, acerca do funcionamento da sociedade no campo da geograficidade da alimentação, sobretudo para o caso particular em questão.

O desenvolvimento a que se referiu Lobato, deve passar também pelo campo da participação política dos indivíduos nas decisões do espaço cotidiano (Lugar), o que os capacita para a atuação em escalas espaciais mais amplas, caminho para a criação de uma sociedade mais autônoma (SOUZA, 2001, p.175). Acreditamos que o cultivo dos quintais, o conhecimento a respeito da qualidade dos alimentos para assim escolher onde adquiri-los, bem como a militância por uma alimentação que não agrida a saúde também são partes dessa totalidade criadora de autonomia política!

## **2 MÉTODO E METODOLOGIA**

A seguir são discutidos os elementos escolhidos para a formulação deste trabalho, no que concerne ao seu método e à metodologia. As subseções que se seguem levam em consideração a busca pelo método, o contexto espaço-temporal e a descrição da metodologia.

### **2.1 REFLETINDO SOBRE O MÉTODO.**

A escolha de um paradigma epistemológico geográfico para a análise dum fenômeno pode provocar confusão, uma vez que o pesquisador já tem uma tendência a privilegiar uma dimensão espacial – como a cultural, política, econômica, regional – herdada da dialética entre a vivência social e a influência do

ambiente acadêmico. Acontece, dessa forma, um choque entre a tendência pessoal e a escolha racional de uma abordagem.

Conseqüência direta da questão anterior são as categorias e conceitos que estarão permeando explicita ou implicitamente, a pesquisa. As categorias principais da Geografia – espaço, território, paisagem, região, lugar, redes – seus conceitos correlatos e procedimentos desenvolvidos pelos teóricos presta-se a mostrar como se dá a ação e a relação humana sobre e com a natureza, além de servirem também para intervenções nesta.

Ao utilizar a Teoria de Milton Santos sobre o Espaço Dividido (1979) como ponto de partida, confrontando-a com a realidade, admite-se a grande importância da base econômica e política para o estudo da geografia da alimentação - sem, contudo descartar outros campos de influência, como o cultural, afetivo - que se insere num contexto maior dos países subdesenvolvidos, fruto da modernização industrial e da urbanização após a Segunda Guerra Mundial.

Santos reconhece o Lugar como local de interação e afirma que nas atuais condições de globalização “cada lugar é à sua maneira o mundo” (2002, p.314), sugerindo que se deve considerar na análise geográfica tanto os aspectos locais quanto os globais, no campo econômico, cultural e político. Ainda, nas entrelinhas, Santos aponta uma escala de referência para o Lugar, ao afirmar que “para ser universal basta falar de sua aldeia” (p.313), o que remete aos espaços de pequena dimensão, como vilas e bairros.

Como conceito operacional para o estudo do Lugar no mundo atual, Santos aponta a consideração do Cotidiano como: *“uma categoria da existência que se presta a um tratamento geográfico do mundo vivido que leve em conta as variáveis [...]: os objetos, as ações, a técnica e o tempo”*. (2002, p.315).

Acrescenta ainda que no Lugar a informação, a comunicação e a interação (proximidade, co-presença, convivência, vizinhança, encontros, interdependência) do cotidiano compartilhado das pessoas, firmas e instituições é fonte de comunhão, conflitos e territorializações políticas, relações essas oriundas da combinação das

heranças passadas e do dado dinâmico dos fatos presentes, misturando tempos interno e externos e “enlaçando as noções e realidade de espaço e tempo” (p.322). Ao comentar sobre a relevância do cotidiano para a Geografia, deixa claro que seu interesse relaciona-se com os objetos, as ações, a técnica e o tempo. A via de análise da sociedade se dá pela base produtiva e, também, pela dimensão histórica, como ele próprio preconiza ao se referir à compreensão do processo de subdesenvolvimento (SANTOS, 1979, p.18).

Outra abordagem sobre o Lugar se dá pela Geografia Humanista, corrente de pensamento que se consolida depois da Segunda Guerra Mundial, numa reação em relação à ciência hegemônica de orientação positivista e à ordem mundial marcada por grandes desigualdades econômicas, pelo clima de guerra e pelos danos à natureza (LENCIONI, 1999). O enfoque geográfico que focalizava os aspectos econômicos e funcionais passa a incorporar também a dimensão vivida do espaço, que ocorre no lugar, carregada de cultura, de representações, de componentes psicológicos (FONSECA, 2001). Esta Geografia se interessa pelos sentimentos, pelas representações que os homens fazem do meio em que vivem, como afirma Fremont (apud MENDONÇA; KOZEL, 2002, p. 21). Para apreender tais representações e sentimentos, recorre-se à dimensão vivida, ao cotidiano, através da intersubjetividade e da cultura, tendo como procedimento o uso dos sentidos, da experiência direta, tentando-se eliminar as idéias pré-concebidas.

O conceito de Lugar é ressignificado em face da especificidade dessa relação que o grupos sociais têm com um certo espaço, influenciando notadamente a ação humana *“pelo jogo de representações que as pessoas recebem do mundo que as cerca, e que constituem as grades das quais elas percebem o real”* (BAILY apud CLAVAL 2002, p.32)

Finalizando, os conceitos discutidos nesta seção são os que nortearam as análises deste trabalho. Uma conjugação entre as forças racionais – econômicas e funcionais – também criadoras de representações, com as forças culturais e afetivas, que explicam comportamentos que escapam à primazia da eficiência.

## 2.2 CONTEXTO ESPAÇO-TEMPORAL: OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA

Em seus estudos sobre a organização espacial dos centros urbanos nos países subdesenvolvidos, durante a segunda metade da década de 1970, Milton Santos analisou o efeito da industrialização e modernizações tecnológicas impulsionadas pela Segunda Guerra Mundial, associadas à ação do Estado e dos monopólios econômicos sobre a sociedade.

Uma parte da estrutura de produção destes países, sobretudo os monopólios industriais e comerciais, agregava os progressos técnicos e destinava suas mercadorias, mais caras face aos custos de implantação das inovações tecnológicas, para as classes médias e ricas. Como consequência disso, ocorre uma inadequação do consumo, com os pobres ficando privados dos “bens modernos”<sup>6</sup>. Deve-se destacar a importância do fenômeno da “informação” nesse período. A quantidade de rádios e televisores nos países subdesenvolvidos aumentou continuamente a partir da década de 1950, influenciando notadamente o consumo das mercadorias modernas nos países pobres (SANTOS, 1979, p.36).

O Estado agia como um grande incentivador político destes monopólios, através da construção de grandes infra-estruturas, formação profissional, promoção das indústrias de base, subsídios para exportação, legislações fiscais, leis de investimento e planos de desenvolvimento (p.162, 163), concentrando os investimentos sociais e econômicos em poucas grandes cidades. Com isso, no setor doméstico, isto é, aquele que não moderniza seus produtos, ocorre uma queda de renda cumulativa das pessoas ocupadas (p.187).

Ao mesmo tempo, o Estado apoiou a modernização da agricultura, também chamada de “Revolução Verde”, mudando as relações tradicionais de trabalho e a organização espacial no campo. Tal movimento fez com que grandes contingentes

---

<sup>6</sup> Bens modernos referem-se aos objetos fabricados por indústrias que introduziram inovações tecnológicas na produção, agregando novos padrões estéticos e funcionais. Por exemplo: calçados de plástico, tecidos em nylon, eletrodomésticos, rádio portátil, alimentos em conserva, leite condensado, água sanitária, etc.

populacionais deixassem as áreas rurais e fossem para as grandes cidades, induzidos pelas imagens hegemônicas difundidas pelos meios de comunicação modernos, que alimentavam a esperança de uma vida melhor, com direitos trabalhistas, serviços públicos e acesso aos bens modernos.

Tais fatores combinados são responsáveis por uma distribuição de renda desigual, criando um espaço dividido, com duas estruturas distintas de produção, distribuição e consumo de bens e serviços, denominadas circuitos econômicos:

*A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas de consumo. Essas diferenças são a causa e efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo de bens e serviços (Santos, 1979, p.37).*

Estes circuitos são denominados Circuito Superior (CS) e Circuito Inferior (CI) da economia urbana. Os termos “superior” e “inferior” expressam a dependência que estrutura inferior tem da superior, pois é esta última quem a abastece com mercadorias, faz financiamentos e utiliza-se de sua mão-de-obra. A atividade do CS tende a controlar toda a economia urbana, diretamente ou via Estado, subordinando o CI (Santos, 1979, p.47). Do CS fazem parte os bancos, o comércio e a indústria de exportação, a indústria urbana moderna, os serviços modernos e os grandes atacadistas. O CI é formado por formas de fabricação que não aplicam capital intensivo (por exemplo, marcenarias, serralherias, pequenas oficinas de automóveis), o comércio não-moderno e de pequena dimensão (ambulantes, feirantes, bares, mercearias) e os serviços fornecidos a varejo (pedreiro, pintor, limpeza de quintais, etc.). Estes circuitos envolvem objetos, ações e classes sociais – classe alta, média e os pobres. Os pobres são a parcela da sociedade que não consegue ter acesso regular aos bens de consumo correntes (alimentos, vestuário, energia) considerados como o mínimo necessário para se sobreviver. Constitui-se, em geral, por desempregados, subempregados e assalariados com baixos salários. A classe superior é formada por aqueles que têm controle sobre a economia urbana, sendo proprietários das grandes empresas do setor moderno ou membros da média

e alta administração. As classes médias são formadas por aqueles que estão entre os pobres e os ricos, sendo assalariados diversos que estão acima do nível de subsistência, podendo ter consumo com turismo, viagens, automóveis e casa, etc. (p.49).

Os pobres, em sua grande maioria, participam das atividades do CI, que funciona como “verdadeiro fornecedor de ocupação para a população pobre da cidade” (p.45). A classe média tem uma participação tanto no CI quanto no CS. Já a classe alta participa diretamente no CS. No entanto, devem-se salientar alguns desvios no que tange à população ligada a cada um dos circuitos: todas as camadas da população podem consumir, de modo parcial ou ocasional, fora do circuito ao qual pertencem; os indivíduos mais ligados ao CI não trabalham exclusivamente neste circuito; existem atividades que embora tenham predomínio das características de um dos circuitos, também apresentam alguma do outro.

Os dois circuitos não devem ser analisados por variáveis isoladas, mas as diferenças fundamentais entre as atividades consistem nas tecnologias utilizadas e na organização (p.43). O funcionamento do CS baseia-se nas necessidades de produção local ou externa, articulando-se fora da cidade e de sua região. Suas atividades utilizam modernas tecnologias, muitas vezes importadas, financiadas pelo crédito bancário oficial, frequentemente controlados por grandes firmas, também usufruindo direta ou indiretamente de ajuda governamental. Os estabelecimentos comerciais ou industriais operam com grande quantidade de volumes, mas existem lojas especializadas que operam com pequenas quantidades. O emprego é geralmente do tipo assalariado, mas com poucos postos, considerando-se a grande dimensão de capital investido nos empreendimentos, com tendência de redução na indústria por conta do uso de novas tecnologias. No setor de serviços, grande parte dos postos de trabalho concentra-se nas grandes cidades ou em regiões mais desenvolvidas. Os preços, em geral, são fixos, nivelados, mas busca-se a acumulação de capitais para a continuidade dos negócios e sua modernização. Os lucros por unidade são reduzidos, mas elevados em relação ao volume de produção.

O CI, por sua vez, tem suas atividades integradas localmente, caracterizadas pelo trabalho intensivo, com adaptações locais para substituir a alta tecnologia e sem

apoio governamental, sendo, muitas vezes, perseguidas (como no caso dos vendedores ambulantes em muitas cidades). O crédito pessoal direto predomina, com pouco dinheiro líquido disponível. Os estabelecimentos trabalham com pequenas quantidades de volumes, capitais reduzidos, podendo dispensar a burocracia para se organizarem. Já o emprego, geralmente é temporário, com uma remuneração muito baixa e contratos sob a forma de acordo pessoal. É relevante também o trabalho familiar e de autônomos. As pequenas empresas empregam poucas pessoas, mas em relação ao número total de estabelecimentos, a quantidade de postos de trabalho é considerável. No CI é freqüente a negociação de preços, a “pechincha”. Não se procura a acumulação de capitais, o que se deseja é garantir a subsistência cotidiana e participar de algumas formas de consumo modernas. O lucro total do negócio é pequeno, mas elevado por unidade de produto.

### 2.3 METODOLOGIA

O estudo em tela, orientado pelo método apresentado anteriormente, ainda que tacitamente, utilizou a seguinte metodologia:

- Observação e levantamento de todos os estabelecimentos comerciais e públicos em funcionamento no bairro. Para o primeiro item, verificou-se o número de funcionários, o tempo de existência, o setor e ramo da economia. No desenrolar dessa atividade aconteceram muitas conversas com os trabalhadores; também foi oportuna para a percepção da distribuição espacial dos estabelecimentos, os núcleos centrais e os núcleos segregados. Além disso, foi grande a contribuição para a percepção do espaço vivido e do cotidiano do bairro.
- Para que a pesquisa pudesse ser operacionalizada, foi realizado um trabalho de campo para o conhecimento da realidade empírica, com a aplicação de 54 entrevistas (utilizando-se o questionário do anexo 1). Os participantes da pesquisa foram escolhidos entre três compartimentos geomorfológicos do bairro, a saber: o Tabuleiro / planalto de Carapina, a Encosta e a Planície de alagamento, os quais apresentam diferenciações socioespaciais. Foram levantados dados culturais, espaciais e socioeconômicos, e ainda sobre o

cardápio alimentar (qualitativo e quantitativo), a compra de alimentos e seu local, a utilização dos quintais para o cultivo de hortas, plantas medicinais e árvores frutíferas. Também foi alvo de investigação a percepção que os entrevistados têm acerca dos alimentos orgânicos.

Os dados recolhidos pela metodologia citada anteriormente, foram transferidos para um programa de computador - planilha eletrônica Excel - e organizados para consulta, cruzamentos de dados e extração de informações geográficas, mostradas ao longo desse estudo sob a forma de considerações escritas, tabelas e gráficos. Durante a análise, evitou-se o tratamento de muitas variáveis simultaneamente pela percepção de que tal procedimento pode ser muito complexo e demorado. Optou-se por trabalhar com duas ou no máximo três variáveis nas tabelas, diagramas e gráficos visando simplificar as análises. Contudo, isso não invalida a percepção do pesquisador em sugerir relações mais complexas, as quais demandam um esforço grande de fundamentação.

A pesquisa qualitativa/quantitativa recolheu dados de um grupo pequeno – 54 pessoas - as quais forneceram dados relativos aos membros das famílias, abrangendo um grupo de 199 pessoas, o que corresponde a cerca de 2% da população e a 2% dos domicílios da área de estudo. Os números, se associados a outras pesquisas, podem ser sugestivos de tendências para as populações de bairros populares. Conhecê-las (sua realidade, seu cotidiano) é fundamental para interpretar os dados e daí trazer informação para a compreensão do fenômeno da alimentação.

A pesquisa qualitativa caracteriza-se por ter o próprio local do fenômeno estudado como fonte direta dos dados, por ser descritiva e interessar-se pelo significado que os indivíduos atribuem às coisas, tendo uma natureza indutiva. O pesquisador, frequentemente, interessa-se pela representação que os participantes têm do fenômeno, para depois desenvolver a sua interpretação. A descrição é uma etapa muito importante, pois é por meio dela que os dados são analisados. Sua operacionalização requer que o pesquisador faça um recorte espaço-temporal para o objeto estudado.

Outra característica importante é que a pesquisa qualitativa geralmente é direcionada pelo andamento do estudo, com foco amplo e, em geral, sem empregos de técnicas estatísticas. Já os estudos quantitativos, normalmente partem de hipóteses mais precisas, com variáveis definidas.

Dentro das ciências humanas, a pesquisa qualitativa tem significado particular. Ela não exclui a possibilidade do pesquisador aplicar as técnicas estatísticas do empirismo científico, adequadas para estudos mais objetivos, mas “parte da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambigüidade”. Assim, as técnicas de pesquisa qualitativa e quantitativa, apesar das diferenças, não se excluem:

“Uma pesquisa pode revelar a preocupação em diagnosticar um fenômeno (descrevê-lo e interpretá-lo); o autor poderia também estar preocupado em explicar esse fenômeno, a partir dos seus determinantes, isto é, as relações denexo causal”. (NEVES, 1996, p.2).

É possível que num trabalho sejam combinados esforços das duas naturezas, embora nem sempre esse procedimento fique explicitado nas pesquisas. Uma situação particular, por exemplo, pode ter um grande significado para a interpretação da pesquisa; por outro lado, a estatística descritiva, através do uso de tabelas de frequência, gráficos, parâmetros (médias, modas, desvio padrão, etc.), bem como o uso de técnicas de amostragem, contribuem para perceber tendências e comportamentos dentro do grupo pesquisado. Então, as duas técnicas podem se complementar, misturando procedimentos de natureza intuitiva e racional que permitem um melhor entendimento do assunto pesquisado (NEVES, 1996).

Esses procedimentos juntaram-se à percepção do pesquisador acerca da subjetividade dos entrevistados, ainda que esta não tenha sido objeto de uma análise operacional exclusiva e sistematizada. Porém, admite-se aqui o efeito dos sentimentos e das imagens captadas no espaço vivido sobre as análises deste trabalho e sobre as questões do método.

Outro aspecto metodológico destacável é a vivência-residência do autor no bairro, há cerca de 30 anos. Sua família, assim como outras identificadas nas entrevistas, migrou do interior de Minas Gerais no início dos anos 1980. Então, é inegável a influência das representações de uma infância, juventude, trabalho, casamento e paternidade e outras experiências vividas no bairro sobre as análises da pesquisa.

Em relação à investigação sobre o consumo de alimentos orgânicos, utilizou-se a metodologia da observação participante na feira livre do bairro, acrescentando-se o experimento da “barraca de orgânicos” instalada na feira pelo autor. Nesta ocasião, foram comercializados alimentos orgânicos adquiridos com um produtor certificado pela Chão Vivo<sup>7</sup>, e fornecedor da Cooperativa O Broto<sup>8</sup>. Buscou-se ainda fazer um comparativo de preços entre os alimentos convencionais e os alimentos orgânicos que fazem parte da “cesta” que a Cooperativa O Broto vende nos bairros populares.

### **3 RECORTE ESPACIAL**

A apresentação do lugar como espaço geográfico: humano, socioespacial e econômico, com seus aspectos conceituais e suas delimitações físicas é essencial para o entendimento da geograficidade da alimentação..

#### **3.1 O BAIRRO JARDIM TROPICAL**

O bairro Jardim Tropical situa-se na área urbana do município de Serra (mapa 2), uma das maiores economias do Estado do Espírito Santo. Ocupa uma área aproximada de pouco mais de 1km<sup>2</sup>, distribuída sobre três ambientes

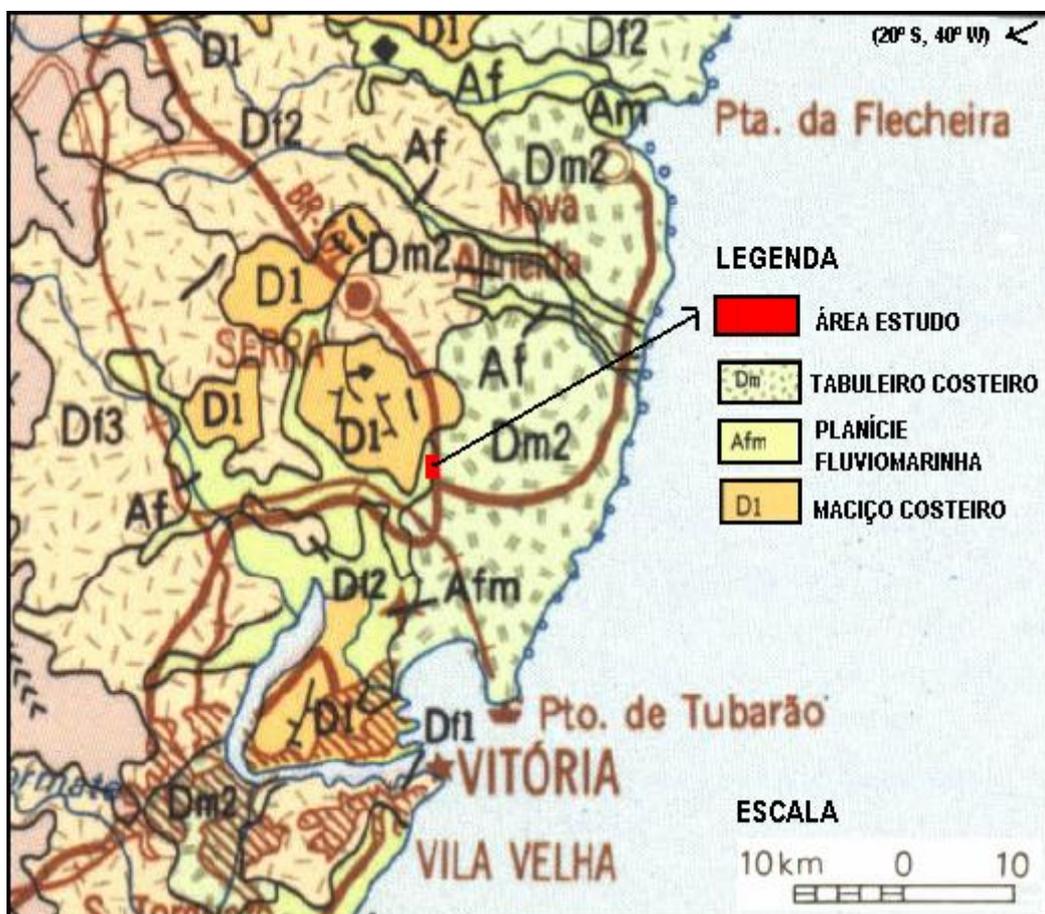
---

<sup>7</sup> A Chão Vivo é uma instituição criada pelos produtores de alimentos orgânicos do Espírito Santo, sem fins lucrativos, apartidária, com sede em Santa Maria do Jetibá, que visa assegurar e garantir, por meio de certificação, a qualidade dos processos utilizados no cultivo de alimentos orgânicos (CHÃOVIVO).

<sup>8</sup> Cooperativa solidária de alimentos orgânicos do estado do Espírito Santo, criada em 2003, que se dirige à realidade comunitária, às camadas populares das áreas urbanas e das áreas rurais, a um segmento que se mantém em precárias condições de reprodução e insuficiente renda auferida. A cooperativa repassa os produtos agrícolas orgânicos para o consumidor por um preço mais justo e remunera o produtor de forma mais regular e imediata, sem sobrepor necessidades meramente técnicas e interesses comerciais. (BERNADINO, 2006).

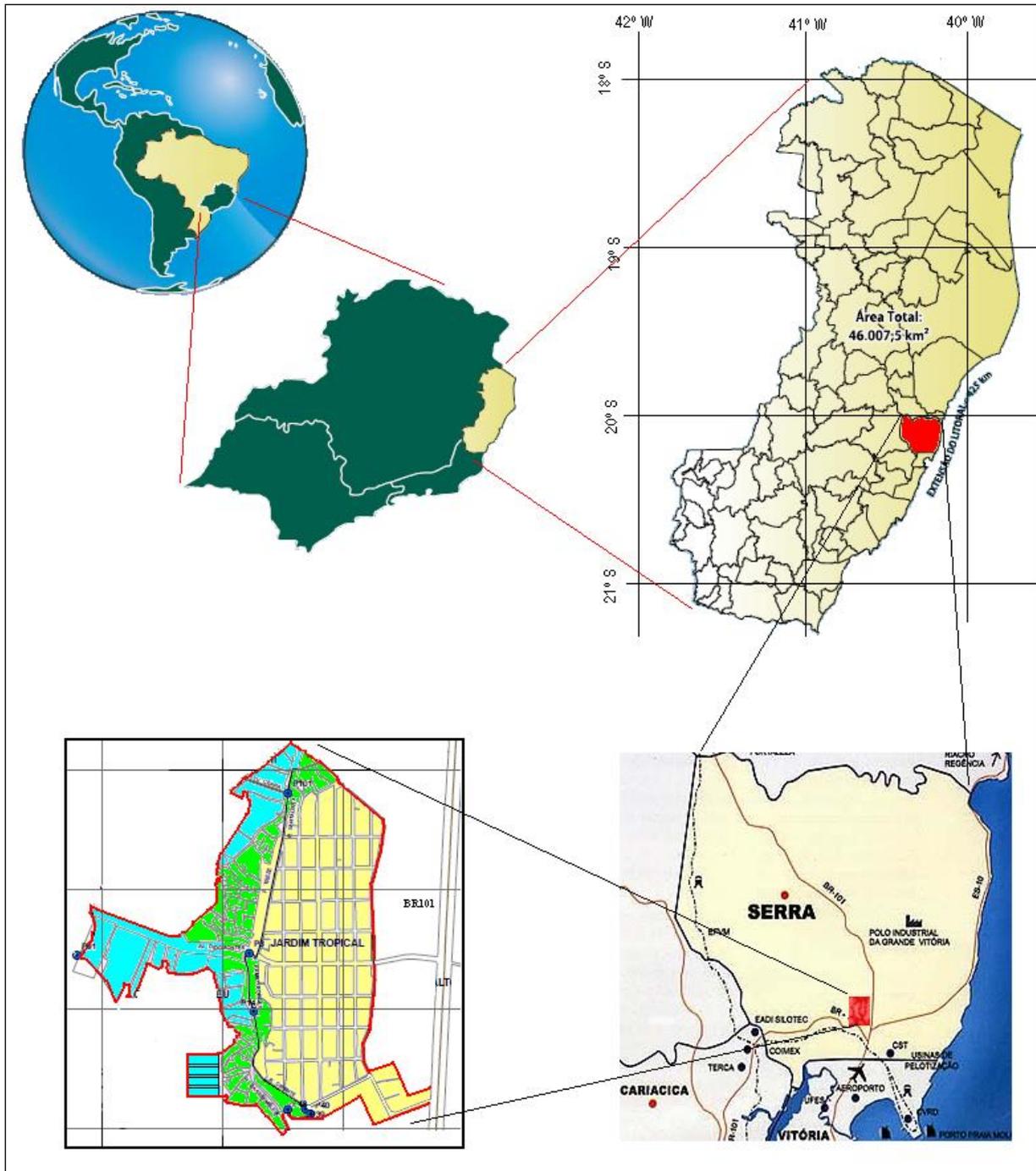
geomorfológicos diferentes, a saber: Tabuleiro Costeiro, Encostas do Tabuleiro Costeiro e Planície Fluviomarinha (mapa 1 / mapa 4). Sua população no ano de 2000 era de 6541 moradores, residentes em 1849 domicílios na porção de Tabuleiro. Já as áreas de Planície e Encostas detinham 3.614 habitantes, em 902 domicílios respectivamente.

O compartimento do Tabuleiro costeiro tem altitude média de 40m. A Planície Fluviomarinha do Rio Santa Maria tem altitude que varia de 5 a 10m, sendo sujeita a alagamentos (RADAM BRASIL, 1983).



MAPA 1 – Geomorfologia

Fonte: Adaptado de Projeto Radam Brasil 1983 - Mapa Geomorfológico.



MAPA 2 – Localização Geográfica  
 Fonte: Adaptado de IJSN, 2010 e PMS, 2010.

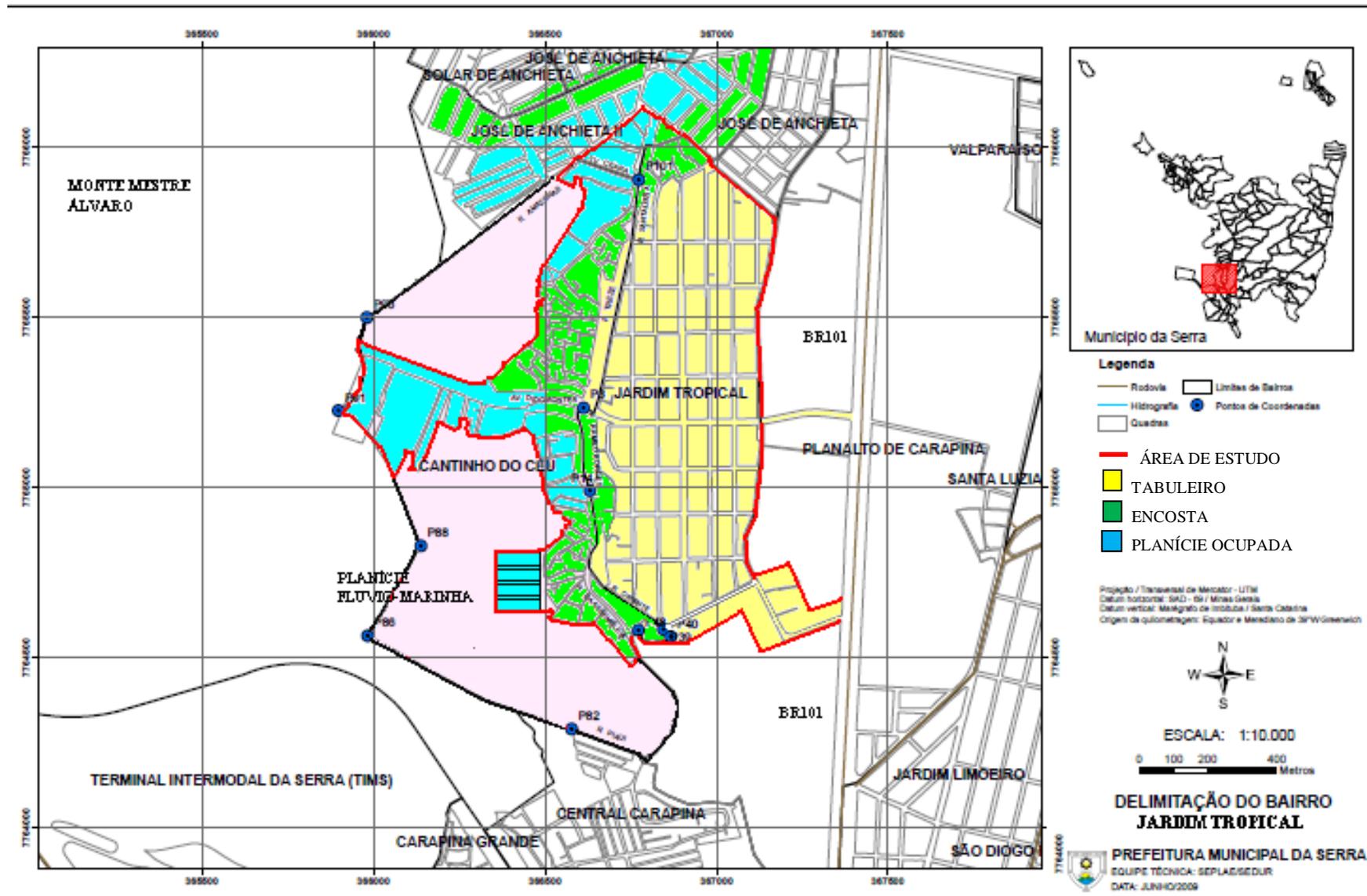
Os mapas 2 e 3 mostram a área de estudo desse trabalho, considerada pelos moradores entrevistados como Jardim Tropical – é a porção contornada em vermelho. Entretanto, pela divisão administrativa da Prefeitura da Serra (Lei de Bairros nº 3.421/2009 de 27/07/2009), o bairro Jardim Tropical é somente a área

localizada na feição geomorfológica de Tabuleiro; a porção de Encosta e a maior parte da Planície (pintada em amarelo) formam o Bairro Cantinho de Céu; uma pequena parte da Planície a norte, segundo a Prefeitura da Serra, faz parte do bairro José de Anchieta II. O tempo gasto para se chegar ao centro de Vitória é de aproximadamente 30 minutos de carro e 50 minutos de ônibus (aproximadamente 20 km de distância).

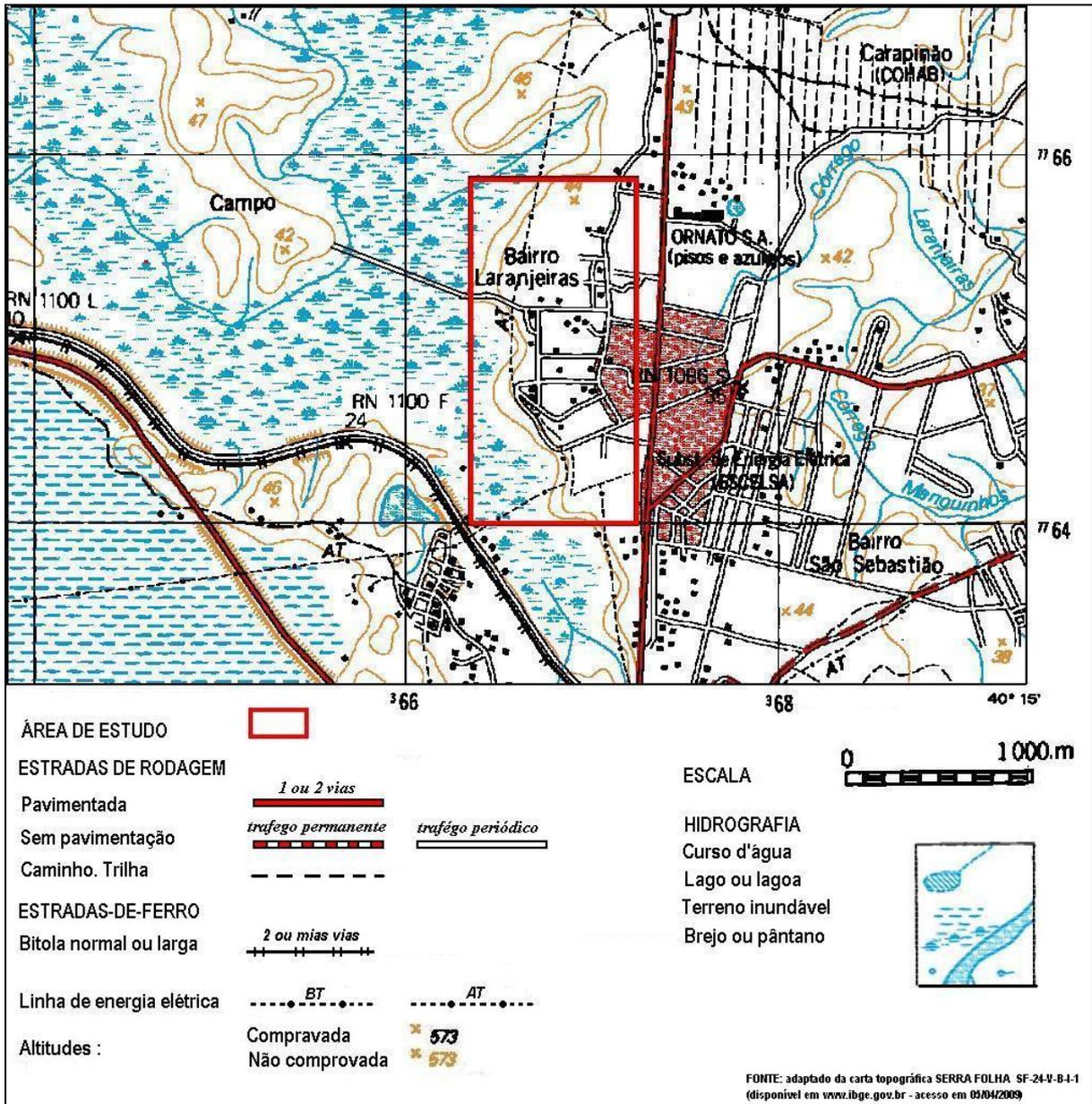
No entorno leste, esta a Rodovia BR101 e muitas empresas (concessionárias de automóveis, escritórios comerciais, posto de gasolina, armazéns, empresas de comércio e serviços diversos. Nestas áreas até 1990, havia grandes vazios urbanos, muitos destes sendo utilizados para diversão, como campos de futebol para adultos e crianças (três de futebol para adultos, quatro campinhos de crianças).

À Oeste situam-se a área de alagados da Planície Fluviomarinha e o Monte Mestre Álvaro. Ao sul, na porção de Tabuleiro, a subestação elétrica da Escelsa; na Planície está o bairro Central Carapina, antigo Sossego, com ocupação ocorrida no início dos anos 1980.

Ao norte estão os bairros de José de Anchieta, sobre o Planalto de Carapina - conjunto habitacional construído em 1980 – e o bairro José de Anchieta II (popularmente conhecido como “sobaco da cobra”), situado sobre Planície. Este último experimentou um crescimento populacional considerável, sendo ocupado depois de Jardim Tropical e de José de Anchieta (como frente de expansão); assim como as Encostas, tem seus imóveis mais baratos.



MAPA 3 – Delimitação do Ba  
Fonte: Adaptado de PMS, 2010.



MAPA 4 – Carta Topográfica

Fonte: Adaptado de IBGE, 2009.

### 3.2 HISTÓRIA E GEOGRAFIA HUMANA DO BAIRRO JARDIM TROPICAL

A partir de meados da década de 1960 ocorreu no Espírito Santo, um processo de redistribuição da população, com grande transferência de mão de obra das zonas rurais - interior do Espírito Santo e de outros estados - que aglomeraram na região dinâmica do estado, muito influenciada pela implantação dos grandes projetos industriais (CASTIGLIONI, 1994). Os desequilíbrios regionais são consequência do modelo de desenvolvimento adotado que modificou a economia do Estado,

priorizando a indústria e privilegiando a região da Grande Vitória com a concentração dos investimentos econômicos e sociais - causas desse processo de êxodo rural intenso. Grande parte dos migrantes que deixa suas regiões devido às más condições de vida enfrentam nos grandes centros a mesma situação de miséria da sua região de origem agravada pela concentração econômico-espacial urbana, com o desemprego, o subemprego, a violência, a insegurança, o stress, a poluição, a falta de serviços públicos, entre outros.

Nesse cenário, é que, a partir das décadas de 1960 e 1970, as primeiras famílias, vindas de bairros da Grande Vitória, de áreas rurais e cidades do norte do Espírito Santo, nordeste Minas Gerais e do sul da Bahia, no movimento socioeconômico do êxodo rural e da urbanização, passaram a se reproduzir. Quase todas de baixa renda, chegaram com seus costumes, seu modo de vida, em geral ligado à cultura de interior, iniciando uma trajetória de transformação, sobretudo cultural. As grandes indústrias de Vitória – Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) e a Companhia Vale do Rio do Doce (CVRD), também foram responsáveis por atrair pessoas para a ocupação do bairro. O centro industrial de Vitória - CIVIT, localizado no município de Serra, foi criado em 1969, mas até o início da década de 1980 tinha poucas indústrias.

O bairro começa como loteamento particular, com os primeiros habitantes chegando no início dos anos 1960 . Alguns moradores comentam que as áreas verdes e grande parte do loteamento foram ocupados, existindo muitas barracas nessa ocasião. Até o ano 1982, ainda não havia água, luz e muito menos ruas pavimentadas. Na década de 1960 a ocupação ficou conhecida como Concheiras e, mais tarde, como Cantinho do Céu. No dia 16 de março de 1986, os moradores se reuniram e resolveram escolher um novo nome para o bairro, que passou a ser chamado Jardim Tropical - é importante destacar que tal mudança foi motivada pelas brincadeiras pejorativas em relação ao nome Cantinho do Céu devido à repercussão na mídia de alguns eventos de violência ocorridos no bairro, como assassinatos e roubos. O asfaltamento e as obras de drenagem aconteceram nessa época. Esta última ficou com obras paradas por cerca de dois anos, deixando grandes valas abertas.

A cultura é uma expressão social muito ampla, envolvendo tradições oriundas do trabalho, da espiritualidade, na relação com o ambiente físico, dependendo em grande parte de processos inconscientes. Cada grupo social, ou mesmo comunidade, ao diferenciar-se dos demais, apresenta uma *identidade cultural* que remete a uma norma de vinculação, consciente, a qual orienta suas relações e ações (CUCHE, 1999). Num bairro popular, parece difícil percebê-la, mas certamente é o que surge da vivência de muitos anos no Lugar e que é praticado por muitas pessoas. O modo de vida<sup>9</sup> dos primeiros moradores que chegaram ao bairro, oriundos de cidades do interior do Espírito Santo, Minas Gerais e Sul da Bahia, e também da Grande Vitória foi se adaptando, se fazendo, refazendo, com as novas relações cidadinas. No início, por exemplo, as igrejas tinham uma função destacada, um sentido importante para os moradores, como local de encontro, amizade e até mesmo de lazer, inclusive para os jovens, que tinham quase nenhuma opção de entretenimento.

Como opção de lazer, até meados dos anos 1980, os moradores tinham muitos campos de futebol de várzea – eram cinco, atualmente, restou apenas um. Para quem pudesse, havia também a opção de ir até o Parque Moscoso levar as crianças, (como fazia, às vezes, o pai do autor). Elas também podiam brincar nas ruas tranquilamente porque quase não circulavam carros. A praça do bairro só ficou pronta durante os anos 1990. Nos primeiros quinze anos do bairro, o movimento comunitário era bastante atuante, com muitos dos seus membros ligados à Igreja Católica. Até meados da década de 1980, o bairro tinha apenas duas mercearias grandes. Quem quisesse comprar em um grande supermercado ou quilão, tinha que ir até o Centro de Vitória, como faziam os pais do autor deste trabalho, que iam aos Supermercados da Vila Rubim. Por volta da segunda metade dos anos 1980, os grandes supermercados foram se descentralizando pela Grande Vitória, surgindo, por exemplo, em Goiabeiras, Carapina e Jardim Limoeiro – locais mais próximos da área em estudo.

---

<sup>9</sup> Cada espaço geográfico específico (rural, urbano, industrial, etc.) criado na relação sociedade-natureza pelo trabalho, apresenta aspectos sociais, políticos, ideológicos e culturais. Dessa forma, “envolve um modo de produzir, pensar e sentir – logo, um *modo de vida*” (CARLOS, 2003, p.34).

Até os anos 1990, o município de Serra não contava com centros comerciais expressivos. Atualmente, o bairro de Laranjeiras, que dista de Jardim Tropical cerca de 5 km, tornou-se seu grande centro comercial, com uma grande variedade de estabelecimentos comerciais e de serviços, como por exemplo, grandes supermercados (Epa, Ok, Extrabom, Carone, Makro), grandes redes de eletrodomésticos, móveis, lojas de roupas, etc.

Atualmente, a rede de transporte urbano de Jardim Tropical é atendida por duas linhas de ônibus. No entanto, devido à proximidade, muitas pessoas, preferem tomar ônibus na BR101, por contarem com mais opções e evitarem a passagem pelo Terminal de Carapina, o que torna mais rápido o deslocamento para Vitória. A população foi aumentando, com grande incremento na década de 1980 e início dos anos 1990. Hoje, na área em estudo, residem cerca de 10.000 habitantes (PMS, Serra em Números, 2010).

O crescimento populacional do bairro deu-se paulatinamente, acelerando-se a partir da década 1980. Surgiu a especulação imobiliária; a arquitetura mudou: houve uma verticalização no decorrer de tal crescimento, surgiram bares, mercearias, lojas de roupas, farmácias, e oficinas de automóveis, etc. Na porção de Tabuleiro concentram-se os estabelecimentos comerciais e o aparelhamento público. Nas ruas próximas à entrada principal do bairro estão instalados armazéns, indústrias e serviços articulados à atividade produtiva da Grande Vitória, as quais utilizam parte da mão de obra do bairro.

Em 2004, foi construído um condomínio popular – política de habitação do governo federal para famílias de baixa renda - na área lateral à BR101, contando com 350 apartamentos; o que aumentou a população do bairro em aproximadamente 1500 habitantes. Em contrapartida, nos anos anteriores, muitas famílias e/ou seus descendentes mudaram-se para bairros novos da Serra, como Cidade Continental (1990), Feu Rosa (1985), Cidade Pomar (2004), Serras Douradas (1983).

E assim, de um bairro com poucos moradores e sem aparelhamento público, no passar de quase 40 anos, acompanhando o movimento de concentração socioeconômica e espacial da Grande Vitória, Jardim Tropical experimentou uma

grande transformação. Em levantamento feito durante esta pesquisa, foram listados os estabelecimentos mostrados na tabela 1, a seguir.

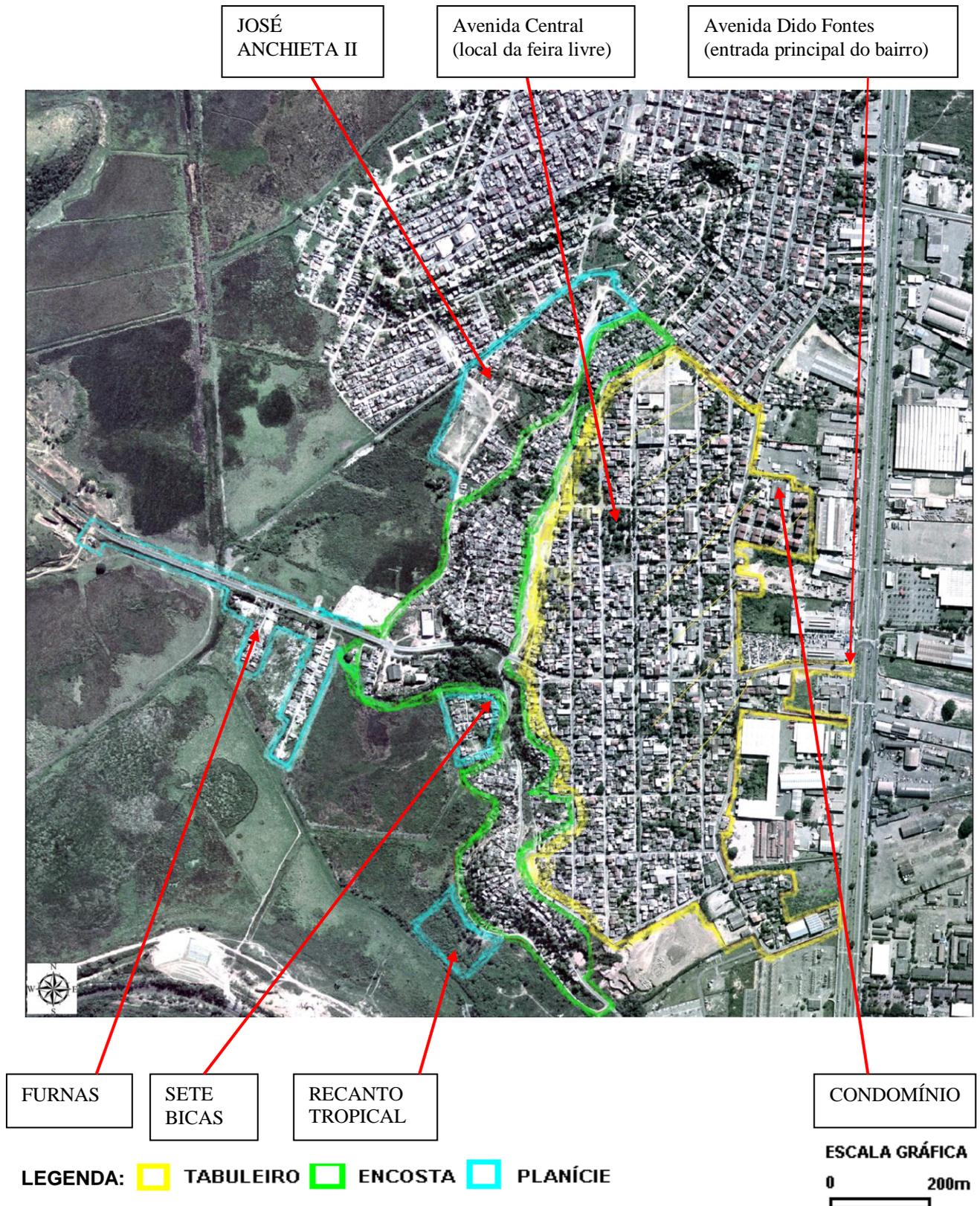
**TABELA 1 – Estabelecimentos existentes no bairro.**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Tipo</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Tipo</b>	<b>Quantidade</b>
Bar	60	Material Construção	4
Outros comércio e serviços	49	Papelaria e Armarinho	4
Igreja	43	Rações	4
Salão beleza e barbearia	32	Foto	3
Loja Roupas	23	Farmácia	3
Ambulantes e vendas em casa	19	Comunicação visual	3
Oficina de Automóveis	18	Oficina Geladeira	3
Mercearia / quilão	12	Oficina Bicicleta	3
Indústrias	10	Utilidades	3
Sorveteria	8	Supermercado	2
Móveis usados	8	Calçados	2
Lavanderia	8	Ótica	2
Padaria	7	Caixa Eletrônico	2
Lanchonete	7	Creche pública	2
Serralheria	7	Consultório odontológico	2
Restaurante	6	Bazar roupas e calçados	2
Sucata e Ferro-Velho	6	Vidraçaria	2
Entretenimento	6	Manutenção Computadores	2
Marcenaria	5	Posto Saúde	1
Eletrônica	5	Oficina de refrigeração	1
Borracharia	5	Refrigeração industrial	1
Gás	5	Estamparia	1
Móveis novos	4	Manicure	1
Lava-jato	4	Caldo cana	1
Escola pública	4	Açougue	0
<b>Total:</b>	<b>411</b>		

### 3.3 COMPARTIMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL e ECONOMICA

Em Jardim Tropical, a paisagem expressa uma nítida diferenciação socioespacial associada aos diferentes extratos geomorfológicos, conforme indicado no mapa 5: Tabuleiro (contorno amarelo), Encostas (contorno verde) e Planície Fluviomarina

alagada (contorno azul). A seguir, descrever-se-á cada um desses compartimentos e algumas de suas subdivisões.



MAPA 5 – Compartimentação socioespacial e econômica  
Fonte: Adaptado de IDAF (2009)

### 3.3.1 TABULEIRO

A porção de Tabuleiro é a porta de entrada do bairro. Localizam-se nesta área o posto de saúde, a praça, lojas de roupas, salões de beleza, igrejas, pequenos restaurantes, campo de futebol, escolas, creches e algumas empresas. As quadras de habitação são regulares, as ruas amplas (foto 1 e 2). Praticamente não existem mais lotes vagos.

No Tabuleiro existem muitas edificações de dois andares (foto 1 e 2) e um número talvez até menor de casas com apenas um andar, mas ambas, em sua maioria, têm quintais. Na paisagem observa-se um número significativo de árvores, mas dentro dos quintais. As casas, em geral, têm muros baixos, mas grande parte apresenta grades de ferro nas portas e janelas.



Foto 1- Tabuleiro: quadras e edificações. Novembro de 2009. Foto do



Foto 2 - Tabuleiro: quadras e edificações. Novembro de 2009. Foto do

A Avenida Dido Fontes (foto 3) é o principal acesso ao bairro; possui dois supermercados, farmácias, lojas de móveis, calçados, caixa eletrônico de banco, lojas de conserto e venda de celular, de bicicleta, etc. A Avenida Central (foto 4) é formada por duas vias, divididas por um canteiro, e são bem movimentadas.



Foto 3- Tabuleiro: Avenida Dido Fontes. Novembro de 2009. Foto do autor.



Foto 4- Tabuleiro: Avenida Central. Novembro de 2009. Foto do autor.

Há uma grande movimentação de pessoas nas ruas de grande comércio, com fluxo intenso de carros, sobretudo nos horários de pico. Na pracinha, os brinquedos de criança, a quadra de futebol, o parquinho e os ambulantes de alimentação atraem muitas pessoas a partir do final de tarde.

Na transição entre a porção de Tabuleiro e as Encostas, passam as torres de distribuição de energia – alta tensão – da Companhia elétrica do Estado (foto 5). A área sob a linha elétrica não pode ser habitada, nem mesmo utilizada como local de lazer. Entretanto, os moradores, apropriaram-se delas fazendo, em alguns casos moradias, campinhos de futebol e, até mesmo hortas (foto 6).



Foto 5- Tabuleiro: Torres de alta tensão. Novembro de 2009. Foto do autor.



Foto 6- Tabuleiro: Hortas sobre a linha de alta tensão. Novembro de 2009. Foto do autor.

As demais ruas da área de Tabuleiro contam principalmente, com pequenos bares, igrejas, sorveterias, salões de beleza, etc. É comum encontrar crianças brincando nas ruas em vários horários do dia, pela manhã, pela tarde e também no início da noite.

O condomínio de prédios populares (foto 7), construído há 6 anos, tem cerca de 1500 moradores, contando com uma pequena área de lazer interna, com quadra de areia, um pequeno salão social e churrasqueira. As crianças fazem bastante uso dessa área, principalmente no final da tarde. O acesso aos prédios é restrito aos seus moradores; a maioria deles possui carro - segundo informações do porteiro, 70% deles. Em nossas observações, percebemos que a maior parte dos moradores vem de outros bairros da Grande Vitória. As compras de alimentos, em geral são feitas nos grandes supermercados de Laranjeiras, nas feiras de Jardim Tropical (sexta-feira), de José de Anchieta (domingos) e nas mercearias/quilões mais próximos. Durante a noite, na entrada do condomínio, sempre há ambulantes de alimentos (churrasquinhos e cachorro-quente).



Foto 7- Tabuleiro: Condomínio de prédios populares. Novembro de 2009. Foto do autor.

### 3.3.2 ENCOSTAS



Foto 8- Compartimento de Encostas. Novembro de 2009. Foto do autor.

Nas Encostas (foto 8) praticamente não existem ruas regulares, mas becos, a maior parte com escadarias ou rampas de concreto (foto 9). A prefeitura, nos últimos anos, abriu e pavimentou algumas ruas nas Encostas para a melhoria de acesso (foto 10). Não há estabelecimentos comerciais nesta porção, apenas alguns bares.



Foto 9- Encosta: melhoria de acesso. Novembro de 2009. Foto do autor.



Foto 10- Encosta: becos. Novembro de 2009. Foto do autor.

A maioria das casas é de alvenaria, muitas delas sem reboco. Em algumas partes existem muitos sobrados. Em geral os quintais são pequenos e não pavimentados. Na paisagem, percebem-se grandes árvores espalhadas pelas Encostas, como mangueiras, abacateiros, jaqueiras. No mês de novembro de 2009, a chuva

prolongada fez com que muitos moradores cortassem árvores frutíferas por medo de queda. Em vários pontos aconteceram deslizamentos e rastejamentos de solo. Durante o dia muitas crianças brincam nos becos e áreas livres próximas às torres de alta tensão, favorecidas pelo fato de quase não haver circulação de carros (foto 11).



Foto 11- Encosta: crianças brincando.  
Novembro de 2009. Foto do autor.

Percebeu-se que nestes locais, algumas famílias fazem a compra mensal através do “Disk Cesta”, mecanismo de venda de alimentos, através de pedidos feitos por telefone e entregues nos domicílios por uma Kombi, pelo valor de R\$200,00, que pode ser parcelado. Em alguns poucos locais é possível entrar de carro.

### 3.3.3 PLANÍCIE

A porção de Planície é formada por quatro aglomerados populacionais, cujas denominações foram dadas pelos próprios moradores: Jose de Anchieta II, Furnas, Sete bicas e Recanto Tropical. Todos têm recebido obras recentes de infra-estrutura e saneamento (foto 12). Tem ocorrido neste compartimento, que é vizinho à Área de

Proteção Ambiental do Mestre Álvaro, um avanço dos aterros destinados a loteamentos e atividades econômicas.

A área denominada José de Anchieta II é dividida por um curso de água que nasce na Encosta e flui no sentido Vitória. Em uma parte do seu entorno oeste estão áreas alagadas vegetadas, as quais vêm sendo paulatinamente aterradas. Está em fase final de obras a construção de uma grande escola com quadra. Há também um campo de futebol de várzea bastante utilizado, localizado sobre uma área que, no passado, seria destinada ao tratamento de esgoto.

As ruas são regulares (foto 12), mas existem também becos e ruelas. Algumas casas nas margens do curso d'água (foto 13) têm pequenos pomares e jardins, inclusive bancos em que as pessoas podem se sentar e conversar. O transporte coletivo é feito pelo mesmo ônibus que atende a parte do Tabuleiro, sendo aí o ponto final. As torres de alta tensão cruzam esta área; sob elas existem lotes desabitados utilizados para cultivos.



Foto 12- Planície: aglomerado “Jose de Anchieta II”. Novembro de 2009. Foto do autor.



Foto 13- Planície: aglomerado “Jose de Anchieta II”. Novembro de 2009. Foto do autor.

O comércio é formado de pequenos estabelecimentos, como duas pequenas mercearias, uma sorveteria e alguns bares. Contudo, muitos moradores compram seus alimentos nos supermercados de Jardim Tropical, José de Anchieta e Laranjeiras. As feiras freqüentadas pelos moradores são as de Jardim Tropical e de Jose de Anchieta. D. Tininha, uma senhora simpática, moradora dessa porção há 25

anos, disse que suas compras são feitas em Jardim Tropical ou José de Anchieta e que os supermercados têm serviço de entrega.

Furnas (foto 14) é uma área rodeada por alagados vegetados. O nome deriva da empresa Furnas (estatal de distribuição de energia elétrica) – cuja via de acesso asfaltada passa em frente a este aglomerado. É a parte mais distante do centro comercial de Jardim Tropical.



Foto 14 - Planície: aglomerado de Furnas. Novembro de 2009. Foto do autor.

São três ruas que recentemente receberam calçamento. As casas, em geral, têm quintais, algumas com árvores. Alguns moradores tiveram suas hortas destruídas por um grande alagamento ocorrido em novembro de 2009; muitos deles tiveram que deixar suas residências temporariamente.

Praticamente não há comércios no local, somente duas pequenas “vendas” que comercializam alguns itens de limpeza, utilidades, alimentos não perecíveis, refrigerantes e guloseimas para crianças (chips, doces, balas). É comum ver pessoas subindo e descendo o “morro” asfaltado que vai até o Tabuleiro, percorrendo cerca de 1,5 km para chegar aos supermercados e fazer as compras complementares do dia a dia.

A área de Sete Bicas é uma ocupação antiga que se consolidou nos últimos anos, tendo recebido obras de infra-estrutura como calçamento de ruas (foto 20 e 21). Seu nome origina-se de um campo antigo de nascentes de água, ainda em uso, que vem

do Tabuleiro. Neste local existe uma concentração de pequenas casas sem quintal e outra com muitos sobrados.



Foto 15- Planície: aglomerado “Sete Bicas”. Novembro de 2009. Foto do autor.



Foto 16 - Planície: aglomerado “Sete Bicas”. Novembro de 2009. Foto do autor.

O aglomerado de Recanto Tropical (foto 17 e 18) existe a aproximadamente 5 anos, sendo vizinho ao bairro Central Carapina, de onde vieram muitos de seus moradores. Ocupa uma área de aterro, formada por quatro ruas, com tamanho de 200m por largura de 50m. Existem muitas casas de madeira, pequenas, aproveitando sobras de materiais de construção civil (imagem 22). Quase todas têm quintais, grande parte com árvores e algumas com hortas. As compras de alimentos são feitas em supermercados do bairro Central Carapina, devido à proximidade e por muitos de seus moradores terem vindo de lá.



Foto 17- Planície: aglomerado “Recanto Tropical”. Novembro de 2009. Foto do autor.



Foto 18 - Planície: aglomerado “Recanto Tropical”. Novembro de 2009. Foto do autor.

#### 4 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO PESQUISADO

Nesta parte do trabalho, será feita uma identificação socioespacial do grupo pesquisado, com informações sobre sexo, trabalho, renda, origem geográfica, grau de estudo e tipo de moradia.

Em relação ao sexo dos entrevistados (tabela 2) a grande maioria são mulheres, face à pesquisa ter sido feita entre a segunda a sexta-feira, durante o dia, período em que os homens da casa estão trabalhando fora.

TABELA 2 – Sexo (Fonte: Pesquisa de campo. 2009)		
Sexo	Frequência absoluta	(%)
Feminino	41	75,9
Masculino	13	24,1

Os entrevistados são majoritariamente adultos, todos casados. Os grupos etários mais presentes nos domicílios, segundo dados fornecidos pelos entrevistados, são os dos adultos e crianças, seguido pelos dos idosos (tabela 3).

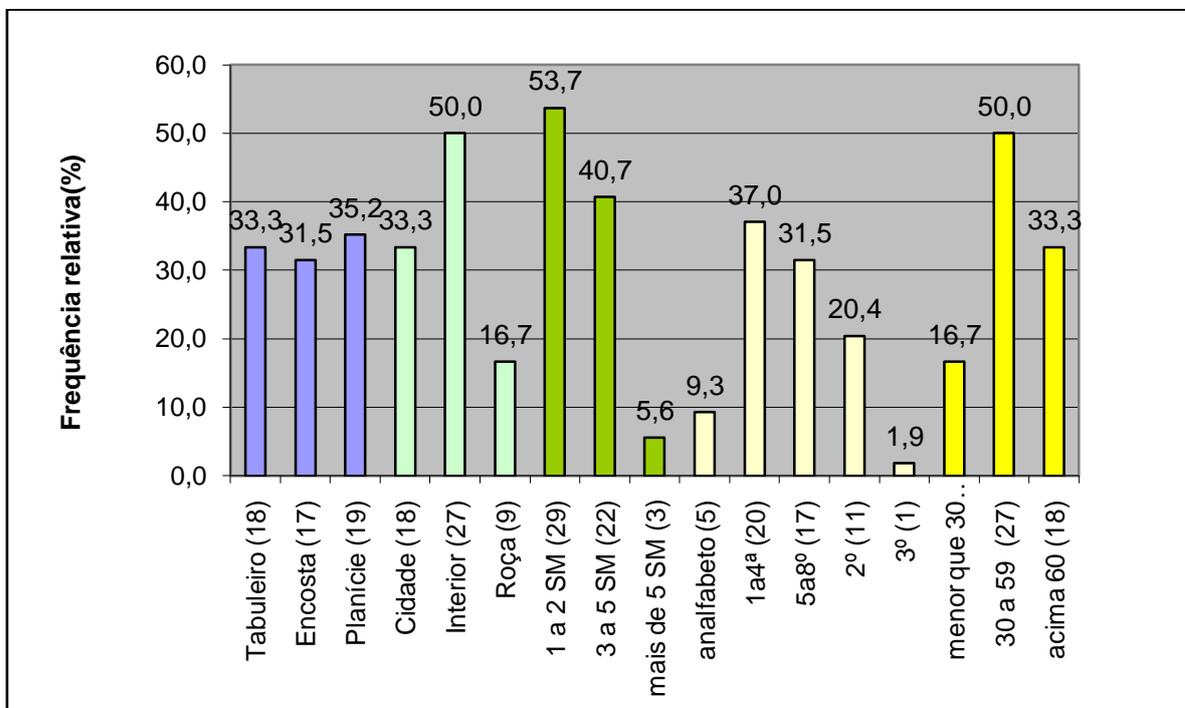
TABELA 3 – Grupos etários (Fonte: Pesquisa de campo. 2009)		
Grupo	Frequência absoluta	(%)
Adultos	46	41,8
Crianças	25	22,7
Idosos	15	13,6
Adolescente e jovens	12	21,8
<b>Total</b>	<b>110</b>	

O número de pessoas moradoras nas residências pesquisadas fica principalmente entre 3 e 4, conforme indicado na tabela 4. Famílias com mais de 5 membros são minoria.

**TABELA 4 – Integrantes por família**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Grupos	Frequência absoluta	(%)
Até 2	15	27,8
3 a 4	26	48,1
Mais de 5	13	24,1
<b>Total</b>	<b>54</b>	<b>100,0</b>

No gráfico 1 estão agrupados vários aspectos socioeconômicos e espaciais dos entrevistados. Em primeiro lugar, verifica-se que a distribuição deles em relação ao compartimento geomorfológico foi praticamente equitativa. Em relação à idade a maioria é de adultos (entre 30 e 59) anos.



**LEGENDA**

Compartimento geográfico	Origem socioespacial	Renda (salários mínimos)	Grau de estudo	Idade (anos)
--------------------------	----------------------	--------------------------	----------------	--------------

**GRÁFICO 1 – Perfil Socioeconômico e espacial**

(Pesquisa de campo. 2009).

Obs.: Números entre parênteses no eixo "x" das categorias, indicam a quantidade de entrevistados.

Além disso, objetivou-se ter uma aproximação acerca da origem socioespacial<sup>10</sup> dos entrevistados. Para isso, foram usados os conceitos de cidade, interior e roça. Pelo gráfico 1 constata-se que a maioria dos entrevistados veio do interior (66,7%), isto é, de espaços pouco urbanizados.

O tempo de permanência das pessoas que vieram do interior ou da roça, nesses ambientes, é variável, mas sem dúvida um fator importante no arraigamento dos costumes culturais, entre eles, a alimentação. Há uma inclinação em se acreditar que quanto mais tempo se vive em um ambiente, mais reforçados seriam os hábitos. Neste trabalho, entretanto, não foi possível um aprofundamento sobre tal período de permanência frente à dificuldade que se teve em conseguir estas informações nas entrevistas. Considerar-se-á apenas a origem socioespacial, independente do período em que se viveu no interior ou na roça. Tal fator, por si só, já implica numa grande herança cultural transmitida pela família. Abaixo, a tabela 5 mostra algumas citações dos entrevistados relativas ao tempo de permanência nos ambientes rurais.

**TABELA 5 - Tempo de permanência em ambientes rurais**

(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Tempo a partir do nascimento (anos)	Quantidade de citações	
	Interior	Roça
Até os 10	12	2
10 aos 30	7	1
Mais de 30	3	4

Algumas atividades exercidas pelas pessoas que vieram dos ambientes rurais identificadas na pesquisa foram o plantio de café e cacau, a colheita da safra de cana, no norte do estado; a colheita de mamão e o plantio de café no sul da Bahia; a criação de gado e o plantio de café no noroeste do estado – nesta região, um entrevistado que era meeiro mudou-se para a cidade depois que o patrão substituiu a lavoura por gado.

<sup>10</sup> Nesse trabalho o termo roça refere-se a “residir em ambientes rurais”, onde todas as pessoas trabalham na agricultura, sendo os domicílios distantes uns dos outros. A expressão “interior” refere-se aos espaços muito próximo das áreas rurais, onde muitos dos habitantes trabalham na agricultura, mas residem em agrupamento maiores, em que já existe um aparelhamento público e comercial. Já o termo cidade corresponde aos ambientes urbanizados distantes das áreas rurais, dotados de grandes estabelecimentos comerciais e de indústrias. Os deslocamentos para o trabalho são muitas vezes distantes, necessitando de uma rede de transportes públicos.

Também foi avaliada a origem geográfica dos entrevistados e seus cônjuges (quadro 1) – isto é, o local em que eles moravam antes de vir residir em Jardim Tropical. Pode-se notar uma contingente considerável de pessoas vindas de municípios fronteiriços dos Estados de Minas Gerais e da Bahia. Do norte do Espírito Santo também vieram muitas pessoas. Por trás dessas origens comuns podem existir redes de migração.

<b>Espírito Santo</b>	<b>Bahia</b>	<b>Minas gerais</b>	<b>Rio de janeiro</b>
Aracruz	Caravelas	Carlos Chagas	Duque de Caxias
Boa Esperança	Eunápolis	Consel. Pena	Magé
Cariacica	Ibirapuã	Itabirinha	Campos
Colatina	BA- Itajimirim	Mantena	
Marilândia	Itamaraju	Montes Claros	
Linhares	Ituberá	Nanuque	
Barra São Francisco	Salvador	São Manoel Mutum	
Pedro Canário	Valença	Governador Valadares	
São Mateus			
Cariacica			
Vitoria			
Jerônimo Monteiro			

QUADRO 1 – Origem geográfica dos entrevistados e seus cônjuges  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Dos 54 entrevistados, 30 vieram de outras cidades, todas distantes da Grande Vitória. O quadro 2 fornece uma indicação espaço-temporal da origem geográfica anterior dos entrevistados.

Ano de chegada	Quant.	%	Idade do entrevistado	Origem
Antes de 1985	15	50,0	Maioria entre 25 e 40 anos	BA: Itamaraju, ES: Aracruz, Colatina, Barra S. Francisco, Linhares, Jerônimo Monteiro, Marilândia MG: Carlos Chagas, Conselheiro Pena, Mantena, São Manoel Mutum RJ: Majé
Entre 1985 - 1995	8	26,7	Entre 20 e 30	BA: Salvador, Eunapólis, Valência, Caravelas ES: Boa Esperança, Linhares MG: Itabirinha de Mantena
Depois de 2000	7	23,3	25 e 40	ES: Pedro Canário, Conceição da Barra, São Mateus, Cariacica BA: Itajimirim, Ituberá MG: Mantena
<b>Total</b>	<b>30</b>			

QUADRO 2 – Indicação espaço-temporal da origem geográfica.  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

A renda familiar constitui-se numa informação muito importante para a espacialidade do bairro, agindo como condicionante das formas geográficas e do cotidiano das pessoas. O gráfico 1 mostra que 53,7% das famílias pesquisadas é de baixa renda, percebendo entre 1 e 2 salários mínimos. Quando analisada a proporção interna por compartimento geomorfológico (gráfico 2), verifica-se ainda que na porção de Encosta e da Planície, a proporção das famílias que percebem de 1 a 2 salários mínimos (SM) é bem superior do que a porção de Tabuleiro.

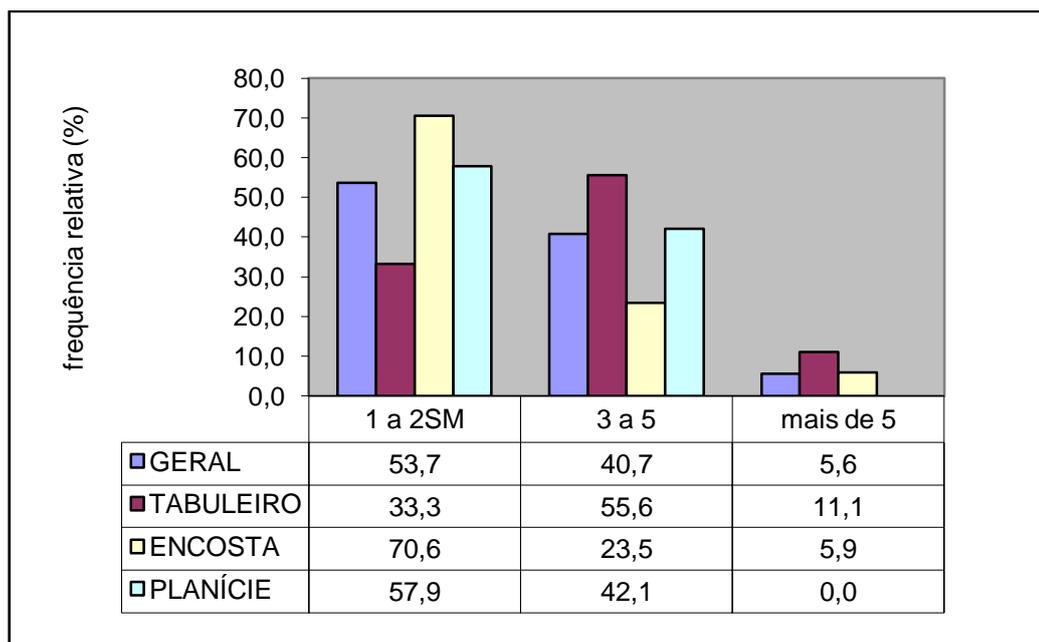


GRÁFICO 2 – Renda Familiar  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Dentro da questão da renda, também é importante destacar o número de famílias que possuem automóveis, pois trará implicações na escolha do local de compra de alimentos. Assim, conforme a tabela 6, verificou-se que 13 famílias (24,1%) detêm tal bem. Destas, somente 2 possuem renda entre 1 e 2 SM, sendo que os demais pertencem aos grupos de 3 a 5SM (8 famílias) e de mais de 5SM (3 famílias). É na porção de Tabuleiro que residem 61,5% dos proprietários de automóveis da pesquisa.

TABELA 6 – Propriedade de automóveis  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Compartimento	Nº pessoas que têm automóveis	Frequência relativa	Renda (salário mínimo) x Nº pessoas		
			1a2	3a5	Mais de 5
Tabuleiro	8	61,5	0	6	2
Encosta	2	15,4	1	0	1
Planície	3	23,1	1	2	0
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>24,1</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>3</b>

Investigou-se também na pesquisa o tipo de moradia dos entrevistados. O resultado é que praticamente todas as moradias são próprias. Contudo, no compartimento da Planície de alagamento, observou-se um número maior de moradias de aluguel, sugestivo de uma investigação mais aprofundada (Gráfico 27).

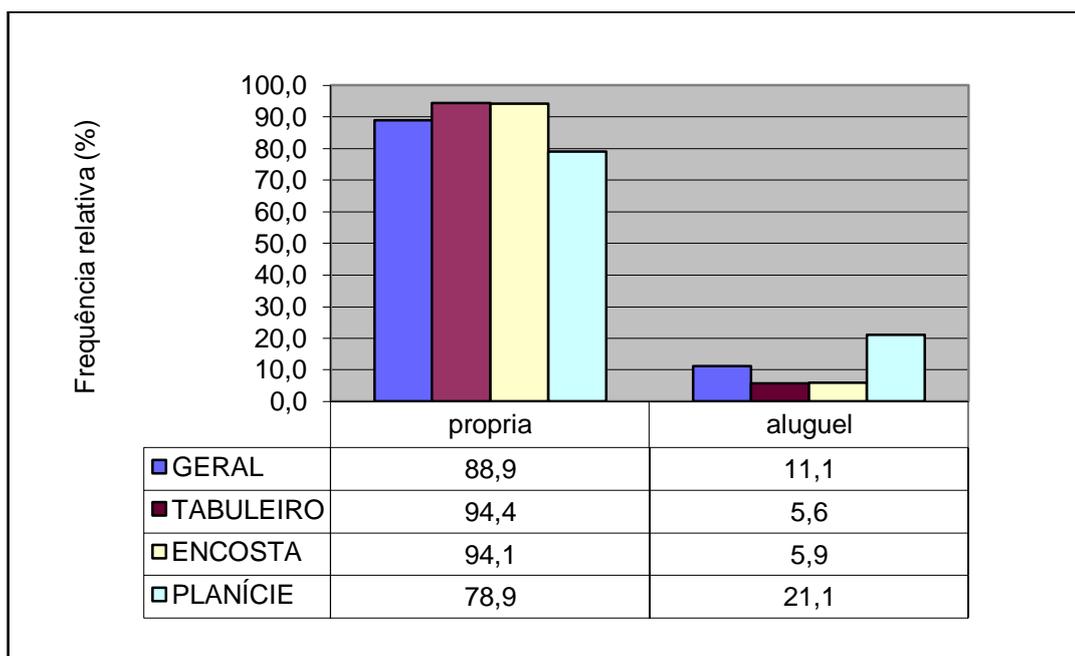


GRÁFICO 3 – Tipo de moradia  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Em relação ao trabalho dos entrevistados, as tabelas a seguir trazem algumas informações, como as atividades desenvolvidas, os setores econômicos e a situação empregatícia dos membros das famílias. Relevante destacar que as ocupações (tabela 7), em geral, requerem pouca qualificação educacional e técnica (do ponto de vista formal), estando concentradas em atividades de comércio e serviços (tabela 9). Entre as pessoas que citaram sua situação empregatícia, 42% encontram-se empregados, mas nem todos com carteira assinada (tabela 8)

**TABELA 7 – Ocupações**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Grupos</b>	<b>Quant.</b>
Dona de casa	6
Autônomos (3 fotógrafos, 1 vendedor de pano de prato, 1 de cosmético, 1 de roupas íntimas, 1 vendedor de picolé e papelão, 1 vendedor de colchas)	6
Ajudante (lavador de carro, carregador de armazém, ajudante cozinha, limpeza pública, doqueiro)	5
Ajudante Empresa Gás	1
Auxiliar (lavanderia, cozinha, serviços gerais, escritório)	4
Conferente	2
Domestica, baba	4
Faxineira	4
Salgadeira	2
Costureira	3
Mestre de obra	1
Pedreiro	3
Carpinteiro	2
Pintor	3
Marceneiro	1
Vendedor, recepcionista, comercio, estoquista, caixa	7
Vigilante	3
Área de saúde	1
Motorista	2
Frentista	1
Professor	2
Téc. Industrial	1
Engenheiro	1
Auxiliar produção	1
Mecânico manutenção	1
Eletricista de automóveis	1
Moldador indústria metalúrgica	1
<b>Total</b>	<b>69</b>

**TABELA 8 – Situação empregatícia**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Situação	Frequência absoluta	(%)
Empregado	34	42,0
Desempregado	13	16,0
Aposentado	14	17,3
Benefício	7	8,6
Diarista, domésticas	7	8,6
Autônomos	6	7,4
<b>Total</b>	<b>81</b>	<b>100</b>

**TABELA 9 – Vínculo empregatício por setor econômico**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Setor	Frequência absoluta	(%)
Comércio e serviços	45	65,2
Indústria	21	30,4
Autônomos	6	8,7

Algumas informações dadas sobre o local de trabalho de alguns entrevistados e de pessoas da família indicam que muitas delas trabalham no próprio município da Serra, e desses, a maioria no próprio bairro (tabelas 10 e 11).

**TABELA 10 – Localização do trabalho por município**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Local	Frequência absoluta	(%)
Serra	38	74,5
Vitória	12	23,5
Cariacica	1	2,0
<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>100</b>

**TABELA 11 – Localização do trabalho na Serra**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Local	Frequência absoluta	(%)
Jardim Tropical	11	44,0
Laranjeiras	5	20,0
Jardim Limoeiro	3	12,0
José de Anchieta	1	4,0
Carapina	3	12,0
Civit	1	4,0
Feu Rosa	1	4,0
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

Em relação ao grau de estudo dos entrevistados, pelo gráfico 29 observa-se que a maioria deles estudou até a 4ª série (37%). Até a 8ª série, chega-se uma proporção de 77,8%. Somente uma pequena parcela dos indivíduos pesquisados conseguiu concluir o 2º grau (20,4%). E para o 3º grau, o número é inexpressivo: somente 1 pessoa no grupo dos 54 entrevistados, e 3 pessoas considerados os familiares.

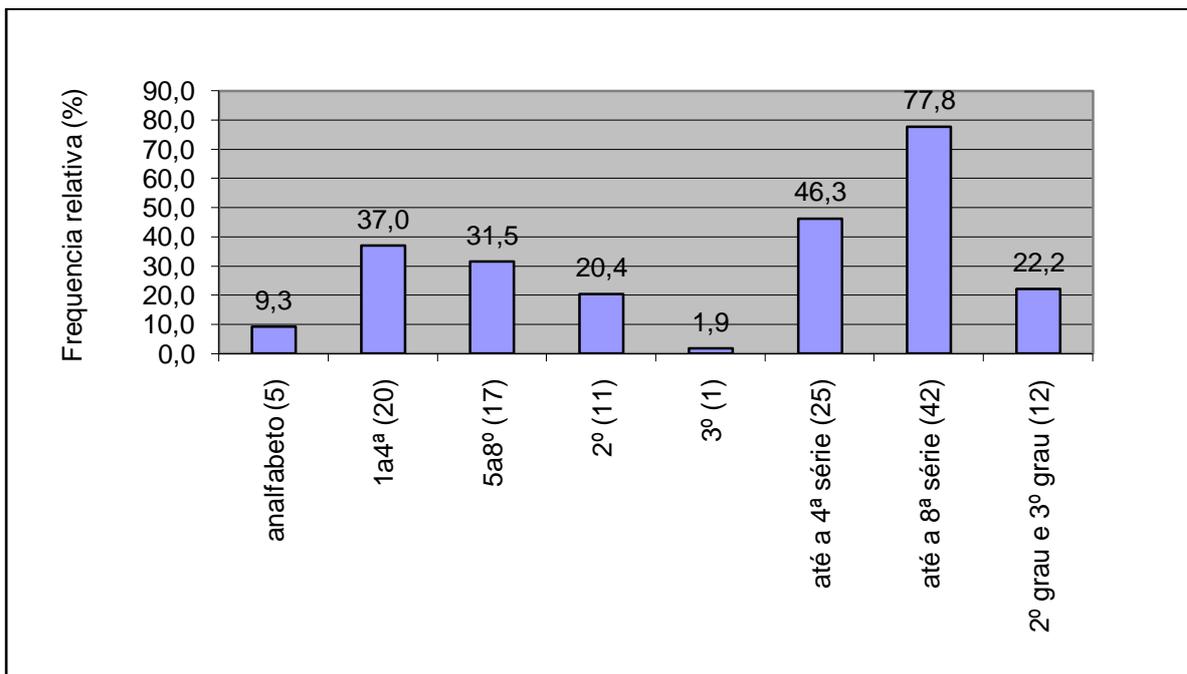


GRÁFICO 4 – Grau de estudo dos entrevistados.  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Analisando o grau de estudo por compartimento, pelo gráfico a seguir (gráfico 5), vê-se que na porção de Tabuleiro uma proporção muito maior dos entrevistados tem o 2º grau e 3º (58,3%), em relação aos outros compartimentos.

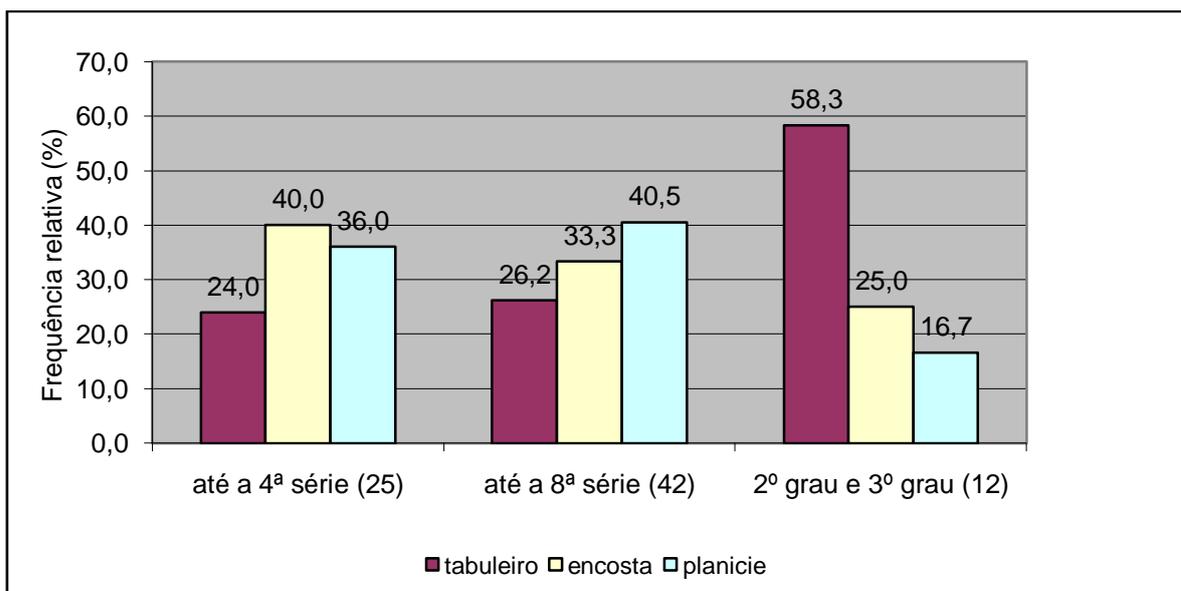


GRÁFICO 5 – Grau de estudo por compartimento geográfico

(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

## 5 ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA ALIMENTAÇÃO

Considerou-se como aspectos geográficos da alimentação, neste trabalho, os locais em que as famílias fazem suas compras, a prática da agricultura domiciliar através do cultivo de hortas, plantas medicinais e também de árvores frutíferas. Outro ponto de investigação, nesse sentido, é o conhecimento e o consumo de alimentos orgânicos.

### 5.1 OS ALIMENTOS DO CAFÉ DA MANHÃ E DO ALMOÇO

Abaixo estão elencados os alimentos mais consumidos pelas famílias entrevistadas na refeição do almoço. Deve-se observar que a utilização de médias estatísticas das frequências de consumo utilizadas nos questionários das entrevistas precisa ser cuidadosa, uma vez que estas não deixam que os extremos apareçam e também não consideram os pontos vazios. No entanto, podem se prestar para observar comportamentos e tendências.

Verifica-se que as famílias com renda maior, em geral, comem em maior quantidade praticamente todos os itens alimentícios listados nas tabelas 12 e 13. Alguns itens têm uma diferença maior, como no caso da carne de boi, que por ser, em geral, mais cara, é mais consumida por famílias de renda maior; por outro lado a carne de frango, mais barata, é mais preferida à de boi pelas famílias de mais baixa renda. De certo, os fatores culturais influenciam no resultado, contudo é relevante como o fator econômico é um forte condicionante da alimentação.

Cabe afirmar ainda, como captado na pesquisa, o valor sentimental e simbólico existente em alguns alimentos, os quais trazem lembranças de entes queridos: em entrevista, uma senhora com aproximadamente 55 anos referiu-se, com saudade, ao peixe que o marido gostava muito e sempre comprava, no entanto, após seu falecimento, o consumo caiu muito por causa da dificuldade de se conseguir tal alimento, principalmente com boa qualidade.

**TABELA 12 - Cardápio do almoço x renda**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Item	Média de consumo geral *	Média de consumo por renda (salário mínimo)	
		1a2	3a5
Arroz	3,93	3,86	4
Feijão	3,93	3,86	4
Alface	3,06	2,97	3,18
Carne frango	3,02	3	3,05
Carne boi	2,98	2,76	3,27
Tomate	2,81	2,86	2,82
Ovo	2,8	2,69	2,95
Batata inglesa	2,72	2,48	3
Couve	2,57	2,59	2,5
Macarrão	2,54	2,32	2,86
Farinha	2,3	2,38	2,14
Cenoura	2,15	1,9	2,36
Peixe	2,06	2	2,14
Abobora	2,02	1,72	2,45
Repolho	1,89	1,72	2,09
Suco	1,81	1,41	2,27

**TABELA 12 - Cardápio do almoço x renda**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Item	Média de consumo geral *	Média de consumo por renda (salário mínimo)	
		1a2	3a5
Polenta	1,78	1,59	2,09
Mandioca	1,57	1,34	1,91
Carne porco	1,33	1,14	1,41
Chuchu	1,3	1,17	1,45
Refrigerante	1,24	1,41	1,05
Banana terra	1,2	1	1,32
Água	0,91	1,21	0,5
Jiló	0,89	0,9	0,77
Quiabo	0,87	0,72	0,91
Beterraba	0,78	1,07	0,41
Lingüiça	0,52	0,48	0,64
Inhame	0,39	0,55	0,14
Agrião	0,37	0,31	0,41
Pepino	0,35	0,55	0
Brócolis	0,14	0,15	0,14
Frutas	0,14	0,44	0,18

\* Refere-se, em nossa pesquisa, a média dos critérios adotados na avaliação qualitativa do cardápio do almoço: 1-nunca, 2 raramente, 3 frequentemente, 4 sempre

Além disso, a pesquisa trouxe a percepção de que a formação do cardápio familiar envolve frequentemente a interação do gosto dos membros mais velhos (os pais), com os mais novos (filhos, netos), acontecendo de muitas vezes as pessoas mais velhas acostumarem-se com alimentos modernos consumidos pelos filhos, como refrigerantes, salgadinhos tipo chips, etc. As disputas por mercado levaram ao uso generalizado de corantes, essências, conservantes e outros aditivos químicos. Propagandas na TV, embalagens coloridas, cheiros, sabores agradáveis disputam com os alimentos tradicionais como o arroz, o feijão, as verduras e legumes.

Para o café da manhã (tabela 13) também ocorre uma seletividade dos alimentos que vão à mesa das famílias. Itens mais caros, como a pêra, uva, queijo e presunto, normalmente são pouco consumidos pelas famílias de baixa renda. A pesquisa

revelou, em muitos casos, sobretudo nas famílias mais pobres, um grande consumo de biscoitos, às vezes substituindo o pão, por ficarem mais baratos e também, em alguns casos, pelo fato das padarias ficarem muito longe das residências. As dietas alimentares derivadas de problemas de saúde também alteram a seletividade referida acima.

Ocorre também no café da manhã uma tendência de consumo quantitativo maior para as famílias de renda maior, caracterizando uma restrição quantitativa para as famílias mais pobres. Outro aspecto que a pesquisa dá luz é que o café da manhã composto por alimentos chamados aqui de tradicionais ou alternativos – aqueles que as pessoas mais velhas comiam quando moravam na roça, como milho cozido, batata doce, mandioca, inhame, banana da terra – são muito pouco consumidos. Predomina fortemente a ingestão de pães, biscoitos, café e leite. Além disso, esse baixo consumo sinaliza uma perda do hábito cultural alimentar por parte das pessoas que vieram do interior e da roça, depois de adultos, tendo que se render aos costumes e à funcionalidade da vida citadina.

**TABELA 13 - Cardápio café da manhã x renda**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Item	Média de consumo por renda (salário mínimo)	
	1a2	3a5
Café	3,86	3,77
Pão padaria	2,76	2,95
Leite caixinha	2,52	3,09
Biscoito	2,28	2,23
Margarina	1,38	1,05
Banana	1,24	1,36
Manteiga	1,10	1,09
Fruta	1,07	1,64
Laranja	1,03	0,68
Suco	1	1,45
Banana terra	0,97	1
Queijo	0,9	1,91
Salame	0,9	1,55
Batata doce	0,79	0,55

**TABELA 13 - Cardápio café da manhã x renda**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Item	Média de consumo por renda (salário mínimo)	
	1a2	3a5
Bolo caseiro	0,76	1,55
Mandioca	0,76	0,91
Mamão	0,62	0,73
Refrigerante	0,62	0,82
Pão caseiro	0,59	0,41
Milho	0,59	0,5
Achocolatado	0,55	0,73
Água	0,52	0,36
Maça	0,48	0,82
Biscoito polvilho	0,48	0,59
Iogurte	0,48	0,86
Manga	0,41	0,41
Presunto	0,38	0,59
Bolo	0,28	0,68
Inhame	0,21	0,23
Leite em pó	0,14	0,29
Requeijão	0,14	0,1
Pão integral	0,14	0,18
Pêra	0	0,36
Uva	0	0,23
Melancia	0	0,14

Refere-se, nessa pesquisa, a média dos critérios adotados na avaliação qualitativa do cardápio do almoço: 1-nunca, 2 raramente, 3 frequentemente, 4 sempre

## 5.2 OBJETOS GEOGRÁFICOS PARA AS COMPRAS PRINCIPAIS

A escolha do estabelecimento para se fazer as compras de alimentos envolve vários fatores, desde o condicionante econômico, geográfico (mais perto de casa), até o afetivo/psicológico – amizade, confiança, qualidade, gosto pelo ambiente – e o cultural (costume herdado dos pais).

As famílias do bairro Jardim Tropical para fazerem suas compras principais de alimentos - que é de periodicidade mensal - ou as complementares – que podem ser semanais ou quinzenais - adquirindo itens não perecíveis e perecíveis, como carnes e vegetais, dirigem-se aos seguintes estabelecimentos:

- ✓ Supermercados e mercearias do próprio bairro ou bairros vizinhos;
- ✓ Grandes supermercados do entorno próximo (Makro, Epa, Ok, Carone, Extrabom), localizados principalmente no centro comercial do bairro Laranjeiras, distante cerca de 4 km. Outra opção é o Supermercado Canguru, situado no Bairro Jardim Limoeiro – a cerca de 2 km.

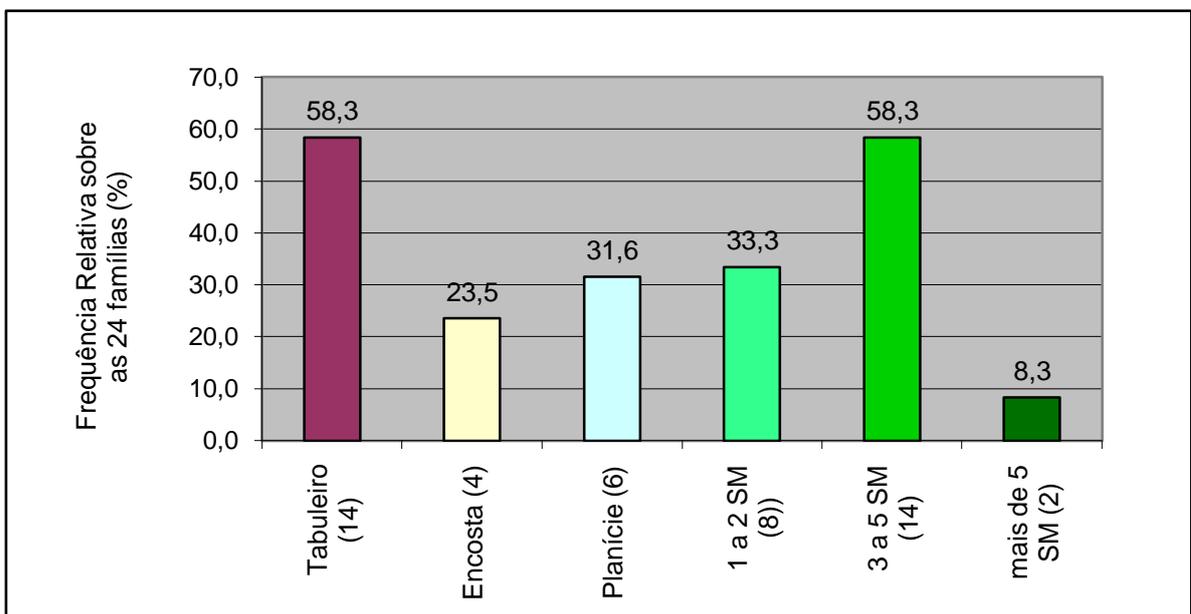


GRÁFICO 6 – Famílias que fazem compras principais em Laranjeiras (por compartimento e renda).

(Fonte: Pesquisa de campo, 2009)

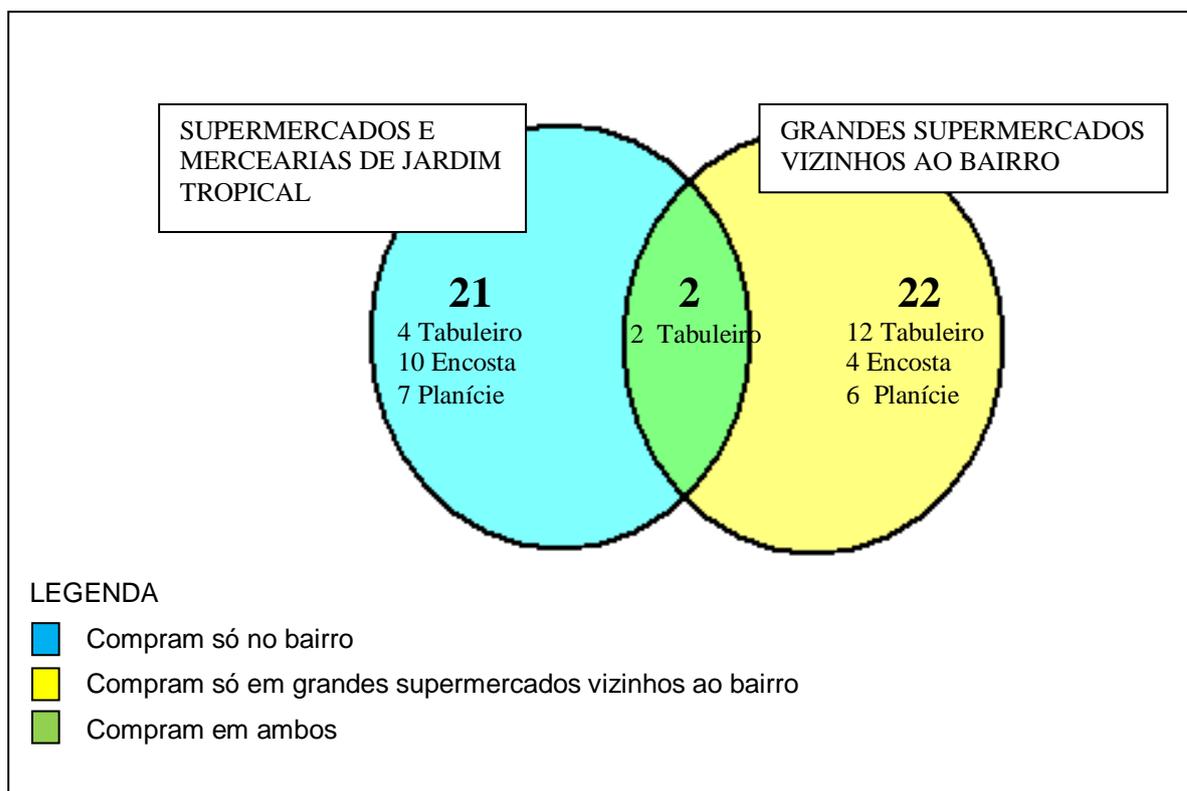
Considerando o compartimento em que os entrevistados moram, observa-se que das 21 famílias que fazem compras só em Jardim Tropical, apenas 4 residem na porção do Tabuleiro (diagrama 1). Por outro lado, das que compram em grandes supermercados, é pouco expressiva a participação das famílias residentes nos compartimentos de Planície e Encosta (gráfico 6).

Contribuem para este fato a renda maior das famílias residentes no Tabuleiro; as dificuldades encontradas pelas pessoas que residem nas Encostas e Planície: a

maioria não tem carro e tem que tomar ônibus, gasta-se muito tempo, existe um custo financeiro para a entrega das compras em domicílio.

Em relação à renda das pessoas que compram nos grandes supermercados de Laranjeiras, o gráfico 6 traz um indicativo de que a maior parte delas (58%) tem acima de 3 salários mínimos.

Importante também salientar que uma quantidade considerável das famílias entrevistadas faz suas compras nos grandes supermercados, equivalendo a 24 delas - a soma das 22 que só compram em Laranjeiras com as 2 que compram em Laranjeiras e Jardim Tropical (diagrama 1), o que corresponde a cerca de 45% das 54 pessoas entrevistadas.



**DIAGRAMA 1 – Distribuição de entrevistado por estabelecimento em que são feitas as compras principais.**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Tais escolhas estão ligadas a muitos fatores. A tabela 15 lista alguns desses aspectos. Nela, além de Jardim Tropical, comparecem também os bairros vizinhos de José de Anchieta e Central Carapina, uma vez que algumas famílias de Jardim

Tropical que moram perto desses bairros fazem suas compras nos supermercados e mercearias dos mesmos.

**TABELA 14 – Locais das compras principais**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Estabelecimento</b>	<b>Quant. Absoluta</b>	<b>Quant. Relativa sobre os 54 entrevistados da pesquisa (%)</b>
Só em supermercados de Jardim Tropical e bairros vizinhos	21	39,6
Só em grandes supermercados de Laranjeiras	22	41,5
Jardim Tropical e grandes supermercados	2	3,8
Supermercados de Central Carapina	3	5,7
Disk Cesta (Kombi)	6	11,3

É relevante para as pessoas que fazem suas compras nos grandes supermercados a influência dos preços. Na pesquisa, algumas delas afirmaram que ficam sabendo das promoções pela televisão; outra razão apontada é a grande variação nos preços dos itens não alimentares, como produtos de higiene e limpeza, que seriam bem mais em conta do que nos supermercados e mercearias do bairro.

No caso de quem faz as compras no próprio bairro, a tabela 15 aponta como motivação a entrega nos domicílios, o atendimento, a confiança, a distância e o crédito. Alguns entrevistados falaram com entusiasmo sobre o atendimento e a atenção recebida dos funcionários e do próprio dono dos estabelecimentos do bairro. Além disso, comentou-se sobre a melhor qualidade das carnes, sobretudo pelo corte e limpeza das mesmas no açougue.

A distância a ser percorrida para que se façam as compras parece funcionar como agente tácito, até mesmo pouco citado. No entanto, para pessoas idosas principalmente, é uma grande impulsionadora para que se realizem as compras no próprio bairro.

**TABELA 15 - Motivo para escolha do local de compras**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Local	Nº citações
<b>LARANJEIRAS</b>	
Promoção	18
Cartão	1
Costume	1
<b>JARDIM TROPICAL</b>	
Perto	6
Entrega	9
Barato	6
Atendimento	2
Costume	3
Confiança	2
Prático	1
<b>CENTRAL CARAPINA</b>	
Conta	3
Entrega	3
Perto	3
<b>JOSÉ DE ANCHIETA</b>	
Perto	1
Qualidade	3

Devem ser analisados ainda, no que concerne às compras principais, os meios de transporte utilizados pelas famílias que freqüentam os Grandes Supermercados (tabela 16). Das 24 famílias que compram em Grandes Supermercados, um pouco mais da metade vai de carro. Em alguns casos, a família residente não possui carro, mas algum parente que tem, realiza o transporte (tabela 16).

Os demais, buscando quase sempre economizar, vão a pé (percorrendo cerca de 3 km) ou de ônibus, voltando de táxi ou ônibus. Há ainda aqueles que vão de bicicleta ou mesmo, em um caso específico da pesquisa, utilizando um carrinho de mão.

Uma situação particular, ocorrida na pesquisa, é que um casal de idosos que tem passe livre em ônibus faz suas compras nos grandes supermercados de Laranjeiras para comprar itens em promoção. Este mesmo casal também compra em um supermercado do bairro, valorizando o atendimento e a confiança.

**TABELA 16 - Transporte para grandes supermercados**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Meio transporte</b>	<b>Número citações</b>
Carro (próprio ou de parentes)	13
Ônibus (para ida)	4
Táxi (volta)	3
Bicicleta	3
Carrinho de mão	1
A pé (somente ida)	5

Uma outra possibilidade de fazer a compra mensal revelada pela pesquisa foi o “Disk Cesta”. Trata-se de um serviço de venda de alimentos via telefone, com entrega em domicílio feito por um veículo tipo Kombi; existe a opção de parcelamento em duas vezes. O valor da cesta é de R\$200,00 – mais cara do que nos supermercados, porém, como relatado nas entrevistas, viável para quem está com problemas financeiros por propiciar o parcelamento do pagamento em duas vezes. As pessoas que recorrem a esta modalidade de compras residem na porção geomorfológica da Encosta (3) e Planície (3), sendo que todas possuem renda entre 1a2 salários mínimos (tabela 17). Quer dizer: os mais pobres gastam mais!

**TABELA 17 - Compras pelo “disk cesta”**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Porção geomorfológica</b>	<b>Nº famílias</b>	<b>Renda (salário mínimo)</b>
Tabuleiro	0	-
Encosta	3	1a2 SM
Alagado	3	1a2 SM

As compras complementares, isto é, dos alimentos que faltaram adquirir na compra principal, acabaram ou que a pessoa sente, esporadicamente, vontade de comer, de acordo com a pesquisa, são feitas diariamente, nas mercearias e supermercados do bairro. Apenas dois entrevistados afirmaram completar suas compras em Laranjeiras. Como comentou um deles, *“seria demorado e caro fazer compras complementares semanais em Laranjeiras”*.

Salienta-se que os estabelecimentos especializados em venda de vegetais existentes no bairro, popularmente conhecidos como quilões/verdurões, atualmente transformaram-se em mercearias, agregando uma série de outros alimentos e produtos para a diversificação do negócio e atração de clientes.

Ainda é pertinente comentar que no bairro existem muitos bares, estabelecimentos que normalmente vendem bebidas, refrigerantes e petiscos, contando também com opção de lazer como sinuca e totó (pebolim). Alguns destes também comercializam alimentos não-perecíveis e produtos de higiene e limpeza, os quais, segundo o depoimento de um proprietário, *“são vendidos nas emergências”*, referindo-se aos momentos em que se sente a falta destes itens, não sendo possível recorrer aos supermercados ou grandes mercearias por estarem fechados, como dias de semana à noite, feriados e domingos. Além disso, esses bares utilizam o expediente da conta particular ou do *“fiado”* para fidelizar os clientes, porém os produtos são vendidos a preços mais caros. A grande quantidade de pequenos bares que propiciam um lucro muito pequeno sinaliza que seus proprietários não precisam de grande quantidade de dinheiro para sobreviver.

Outro aspecto que merece destaque é que algumas famílias que moram no Condomínio fazem suas compras somente em Laranjeiras, mesmo as complementares. Como grande parte desses moradores veio de outros bairros da Grande Vitória, este fato pode sugerir como causa a pouca relação de pertencimento ao bairro Jardim Tropical

### 5.3 A UTILIZAÇÃO DA FEIRA

Alimentos não perecíveis (arroz, feijão, farinha, etc.), carnes, mas sobretudo os vegetais (verduras e legumes) também podem ser adquiridos nas feiras livres. Apesar de tais gêneros também serem adquiridos na compra principal, a feira é largamente freqüentada pelos entrevistados. O bairro Jardim Tropical tem uma feira que ocorre em dias de sexta, na Avenida Central do Bairro.

A tabela 18 e o diagrama 2 apresentam a distribuição dos entrevistados em relação aos locais de compra dos vegetais. A feira, juntamente com os supermercados e mercearias do bairro, são os locais mais visitados para tais compras - compram na feira 60,4% dos entrevistados; nas mercearias do bairro são 56,6%. Os grandes supermercados são pouco acessados a para compra de vegetais.

Considerando o aspecto da exclusividade de um local para compra de vegetais, vê-se que 35,8% dos entrevistados não vão à feira. Para tal fato a pesquisa captou reclamações sobre a qualidade dos produtos, os quais teriam amassamentos devido à manipulação dos fregueses e aos transportes entre feiras. Registrou também queixas sobre a venda em bacias, nas quais os feirantes misturam vegetais amassados ou pequenos.

**TABELA 18 - Locais de compra de vegetais**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Estabelecimento</b>	<b>Quant. Absoluta</b>	<b>Quant. Relativa sobre os 54 entrevistados (%)</b>
Na feira	32	60,4
Nas mercearias do bairro	30	56,6
Nos grandes supermercados	12	22,6
Só na feira	14	26,4
Só nas mercearias do bairro	15	28,3
Só nos grandes supermercados	12	22,6
Feira e Mercearias do bairro	13	24,5
Feira e grandes supermercados	6	11,3
Feira, mercearia e grandes supermercados	1	1,9
Não compram na feira	19	35,8

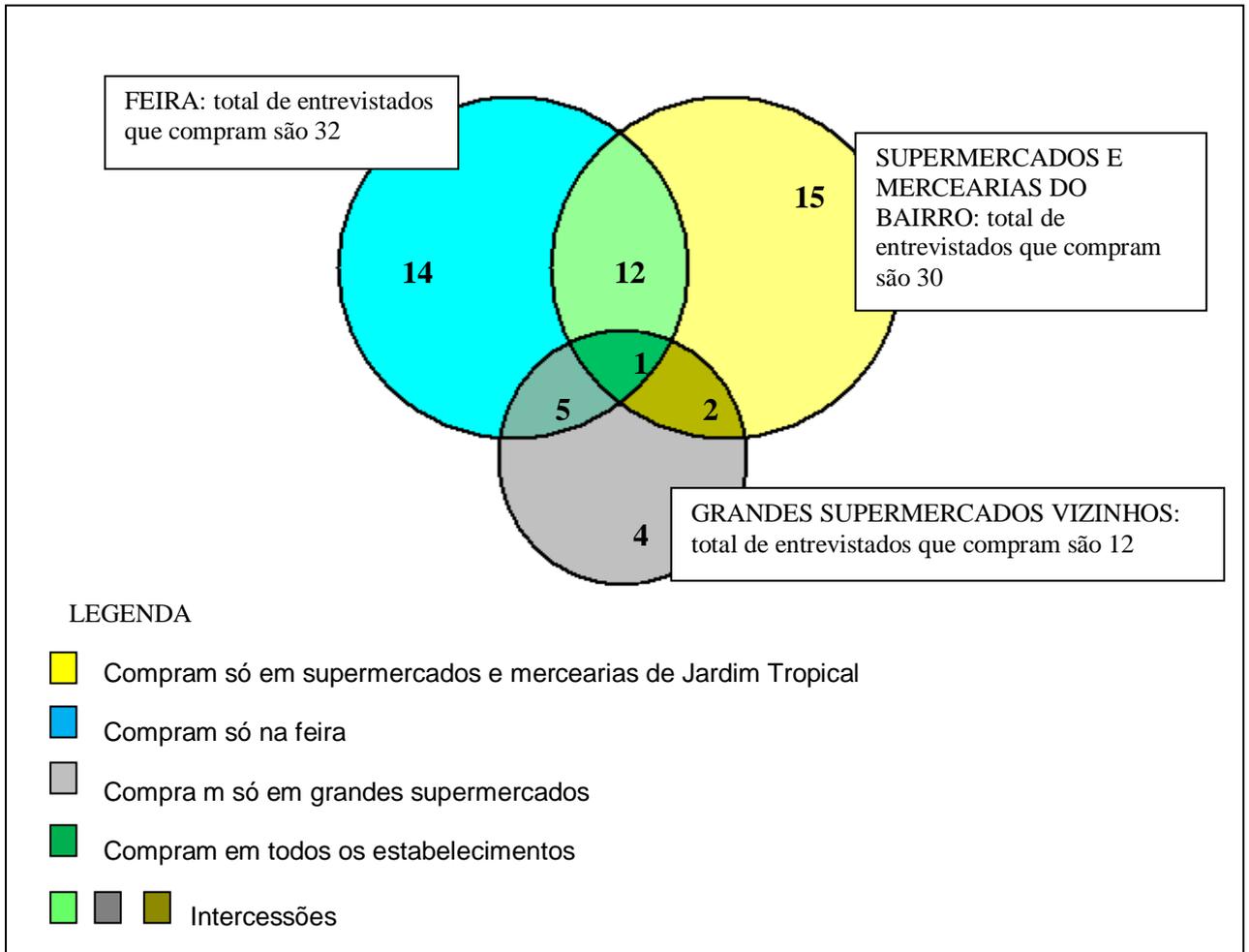


DIAGRAMA 2 – Distribuição dos entrevistados por estabelecimentos de compra de vegetais. (Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

A quantia em dinheiro gasta na feira pelas famílias é variável. A tabela 19 apresenta alguns desses valores gastos por alguns dos entrevistados, que são variáveis e dependem de vários fatores como o gosto por vegetais e o tamanho das famílias. Há uma indicação de um gasto maior para o grupo com renda entre 3 e 5 salários mínimos.

**TABELA 19 - Valores semanalmente gastos (R\$) por alguns entrevistados para a compra de vegetais por grupos de renda.**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Grupo de renda 1 a 2 salários mínimos</b>	<b>Grupo de renda 3 a 5 salários mínimos</b>
40 reais	15 reais
30	30
30	15
20	25
10	20
15	30
10	-
<b>MÉDIA 19,2 reais</b>	<b>MÉDIA 24 reais</b>

Os entrevistados que freqüentam a feira apontaram como motivação, principalmente, o preço e a variedade, esta não apenas de vegetais, mas como relatado em uma das entrevistas, “tem de tudo”, com destaque para o “caldo de cana com pastel”. A feira apresenta esse lado de entretenimento, como se fosse um shopping a céu aberto, onde além de alimentos, são encontradas mercadorias como roupas, eletrônicos, remédios fitoterápicos, CDs e DVDs, etc. (tabela 20).

**TABELA 20 - Motivos para a compra**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Supermercados e Mercearias do Bairro</b>	<b>Feira</b>	<b>Grandes Supermercados</b>
entrega	barato	promoção
perto	diversidade	preço
preço	pastel	variedade
amizade	entretenimento	
conta		
qualidade		

#### 5.4 A AGRICULTURA URBANA DOMICILIAR

No bairro Jardim Tropical ainda existem muitas casas com quintais, entretanto nem sempre eles são cultivados. Para um bairro popular, formado em sua maioria por

famílias de baixa renda, a utilização dos quintais para o cultivo de hortas, árvores frutíferas, plantas medicinais e criação de pequenos animais poderia propiciar economia, mais qualidade na alimentação e, num contexto filosófico, numa relativa autonomia produtiva – isto é, recuperar a condição de produzir seu próprio alimento, escapando da alienação da alimentação (um paralelo à alienação da mercadoria de Marx). Assim como o trabalhador, muitas vezes, não conhece a mercadoria que produz, também não conhece a qualidade do alimento que come, nem o processo que os faz chegarem à sua mesa – ambas as situações são redutoras da plena consciência da vida, isto é, de trabalho e de alimentação alienada (MARX, 1979).

A maioria dos domicílios pesquisados, conforme a tabela 21, possuem quintais livres (88,6 %). A exceção ocorre apenas na porção de Tabuleiro, devido à existência do condomínio de prédios, local todo pavimentado, em que os entrevistados não fazem nenhum cultivo. Mesmo nos 6 domicílios alugados existem quintais livres, mas que não são utilizados para cultivo, muitas vezes devido às restrições impostas ao inquilino. A maior parte das residências (84,1%) com quintais possui algum tipo de planta. Observa-se ainda que 37 domicílios com quintais apresentam algum tipo de plantação (84,1%), isto é, horta, árvores frutíferas ou plantas medicinais, mesmo que isso se limite, por exemplo, como visto em mais de um caso na pesquisa, a pelo menos um pé de boldo. Em contrapartida, também podem ser vistos em qualquer um dos compartimentos adotados nesse trabalho, alguns quintais exuberantes com uma grande variedade de plantas. Quando se considera a utilização dos quintais para o cultivo por compartimento geomorfológico, não existem diferenças significativas.

**TABELA 21 - Domicílios x quintais**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

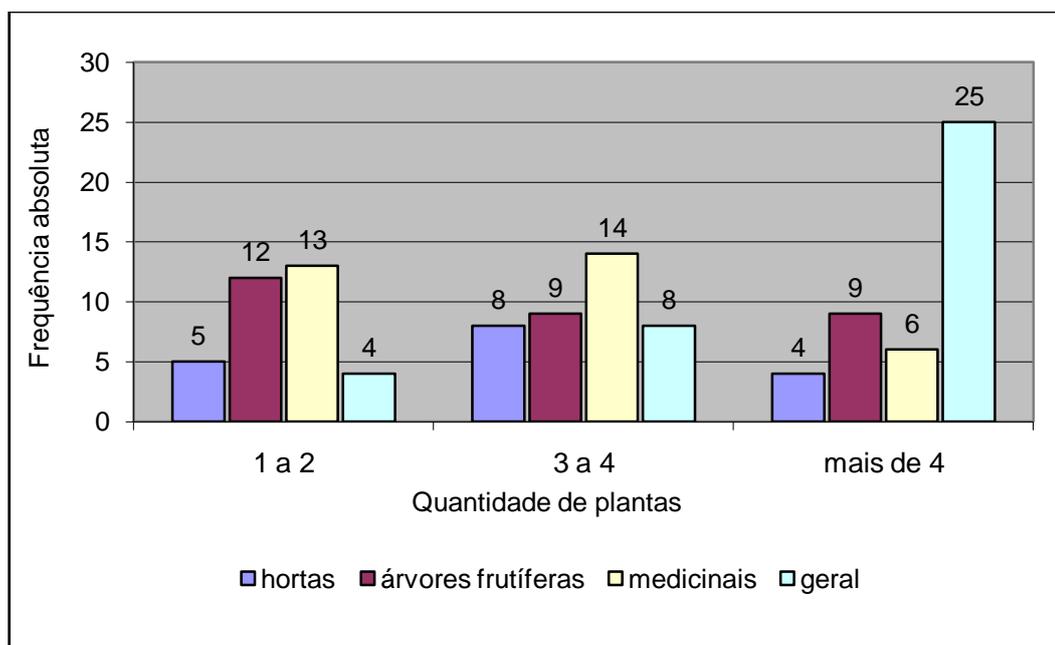
<b>Situação</b>	<b>freqüência absoluta</b>	<b>(%)</b>
Tem quintais	39	88,6
Tem plantas	37	84,1
Total domicílios (desconsiderando os apartamentos e alugados)	44	-

Quanto aos grupos de plantas existentes nos 37 domicílios, há uma participação bem maior das árvores frutíferas e das plantas medicinais, ambas estando presentes em cerca de 80% deles (tabela 22).

**TABELA 22 – Tipos de plantas nos quintais**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Planta	freqüência absoluta	(%)
Hortas	17	45,9
Frutas	30	81,1
Medicinais	33	89,2
Total de quintas com plantas	37	-

A quantidade de plantas por quintal é acima de 4 em grande parte deles, isto é, em 25 deles (67,6%), como mostrado no gráfico 7. Considerando-se a ocorrência do grupo quantitativo em relação ao tipo de plantas, verifica-se que a menor parte dos domicílios tem quantidade maior de 4 plantas por grupo, ressalvando-se o grupo das frutíferas que ainda tem uma participação regular, igualando-se ao grupo quantitativo 3 a 4.



**GRÁFICO 7 – Grupos quantitativos de plantas por domicílio**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Um aspecto muito interessante pode ser observado na tabela 22 e no gráfico 7: é a menor incidência das hortas nos domicílios pesquisados. Considerando que o trato com uma horta é bem maior do que com os grupos de medicinais e das árvores frutíferas, observa-se que a grande maioria das pessoas que tem horta, também tem em seus quintais as demais plantações. Isso quer dizer que, quando um indivíduo tem uma horta, muito provavelmente terá também plantas medicinais e árvores frutíferas no quintal. O diagrama 3 reforça essa idéia, pois indica que a quantidade de pessoas que só tem horta é zero. O número de entrevistados que têm só hortas e outro grupo de plantas (intercessões) também é mais reduzido, o que mostra também a tendência sugerida anteriormente.

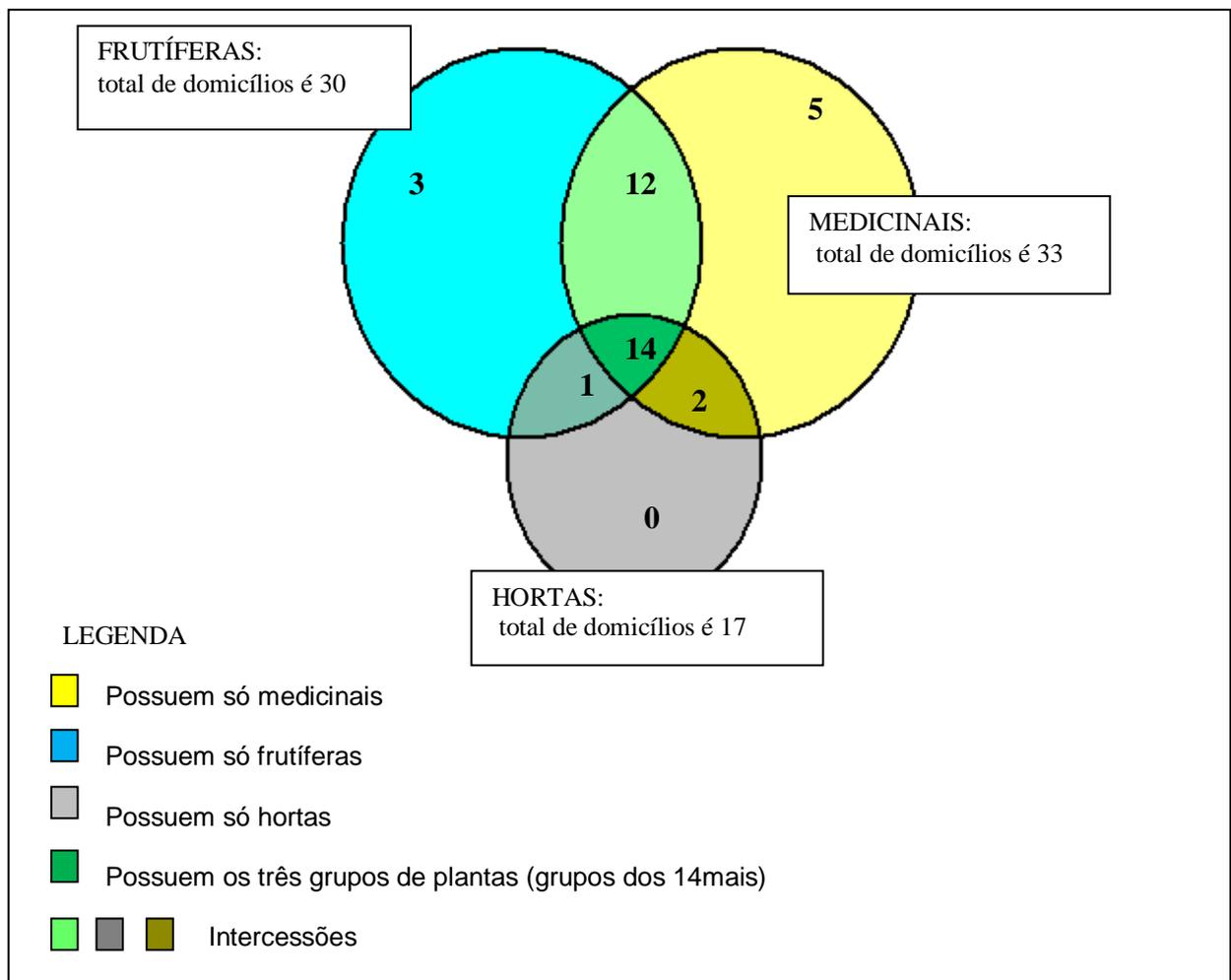


DIAGRAMA 3 – Distribuição dos domicílios por tipo de cultivo.  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

O grau de estudo das pessoas que cultivam alguma planta (Gráfico 8) é mostrado em relação ao total de entrevistados, pois mesmo quem reside em apartamento ou em casas de aluguel poderia ter, pelo menos, plantas medicinais em vasilhas, como ocorreu em dois casos na pesquisa. A tabela seguinte sinaliza que entre as pessoas com grau de estudo mais baixo há os maiores índices de plantas no domicílio – quer dizer, é mais provável que tais domicílios tenham plantas.

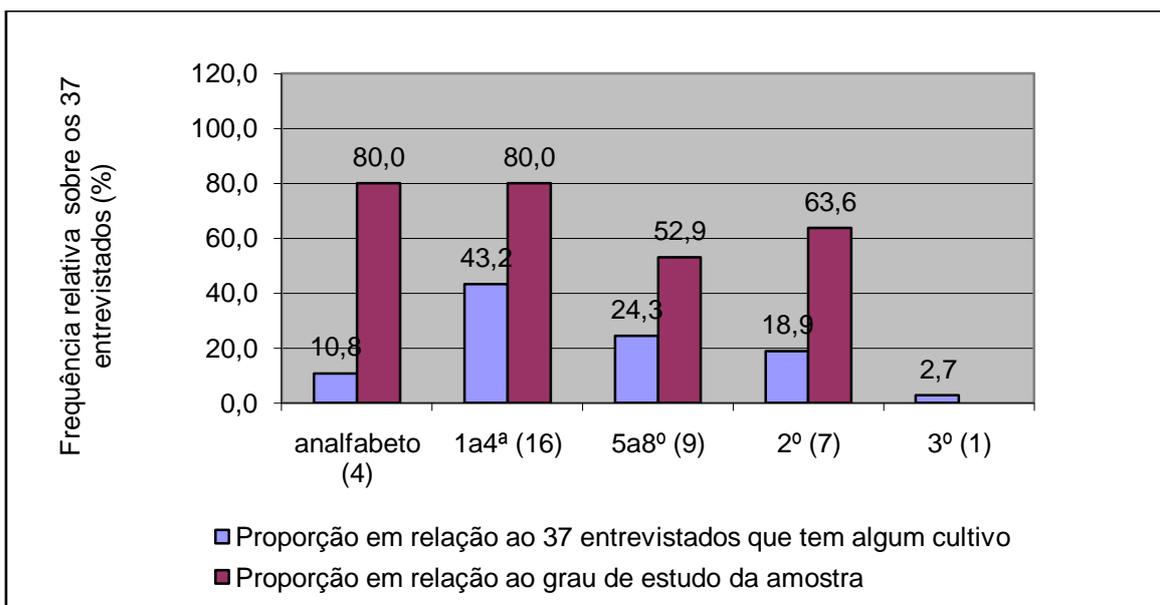


GRÁFICO 8 – Grau de estudo dos entrevistados que tem plantas

(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Outra relação apontada no grupo pesquisa é que as pessoas que têm origem socioespacial nos ambientes menos urbanizados, como pequenas cidades do interior e roças, também têm uma tendência a cultivar mais do que as pessoas que têm origem socioespacial nas grandes cidades (tabela 23).

TABELA 23 - Origem socioespacial dos entrevistados que cultivam plantas

(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Espaço	frequência absoluta geral da pesquisa	frequência por entrevistados que cultivam plantas	
		absoluta	relativa (%)
Cidade	18	10	55,6
Interior	27	20	74,1
Roça	9	7	77,8
<b>total</b>	54	37	

Para as famílias que não têm um quintal disponível ou que não o considera apto para se fazer algum tipo de agricultura, além do problema dos domicílios alugados e dos apartamentos, a pesquisa apontou como uma causa relevante a pavimentação, seja para garagem ou para manter o ambiente mais limpo. Outro fato detectado na pesquisa como impeditivo para o cultivo dos quintais, são as ampliações das residências ou a cessão de parte do quintal para os filhos construírem suas casas. Além disso, um entrevistado idoso, apesar de reforçar que “gosta muito de plantar”, apontou a idade avançada como um impeditivo para esta atividade.

Na pesquisa também se viu belos quintais, com uma variedade de culturas (foto 18). Em dois casos desses, a morte da pessoa que tinha mais cuidados com os quintais foi salientada. Uma senhora entrevistada relatou que seu quintal estava descuidado devido o falecimento do marido, o qual zelava e gostava do trato com as plantas. Ele conseguia o esterco, preparava os canteiros das hortas, entre outras atividades. Apesar dela também gostar muito, após a morte do marido, ficou difícil de manter tal cuidado.



Foto 19 – Quintal com variedade de culturas.  
Novembro de 2009. Foto do autor.

Os entrevistados também foram solicitados a informar o trato com as plantações, ou seja, o que fazem para que as mesmas possam desenvolver e produzir. Grande parte das práticas são basicamente as naturais, como a utilização da água e do esterco. Alguns utilizam também uma terra mais apropriada – “terra preta”. Poucos entrevistados usam produtos químicos. Um dos entrevistados já foi jardineiro e aprendeu a fazer uso de adubos químicos como calcário e uréia. Uma senhora faz uso de veneno para pragas e borboletas. As árvores frutíferas, de modo geral, recebem pouco trato. Houve apenas 1 citação sobre poda e aplicação do esterco. Algumas pessoas disseram que as árvores frutíferas recebiam apenas o trato da chuva (tabela 24).

**TABELA 24 - Trato dos entrevistados com as plantações**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Hortas e medicinais</b>		<b>Árvores frutíferas</b>	
<b>trato</b>	<b>citações</b>	<b>trato</b>	<b>citações</b>
água	10	água	2
terra	2	poda	1
adubo (calcário e produto "Ouro Verde")	2	afofa a terra e joga Uréia	1
veneno pra pragas e borboletas	1	esterco	1
esterco	7	chuva	4
sol	1	-	
tirar matos	1	-	

A origem das culturas que os entrevistados têm nos quintais, em alguns casos, veio de “mudas trazidas da roça”. Algumas das árvores frutíferas já existiam nos domicílios dos entrevistados. As plantas pequenas de horta, segundo algumas pessoas, foram adquiridas na feira ou das próprias sementes dos alimentos comprados, por exemplo, as de mamão.

Uma análise feita através a partir da tabela 25, tenta verificar se existe alguma relação entre os grupos de renda dos entrevistados e o fato de terem algum cultivo. Percebe-se que as proporções entre os grupos de renda, cada qual com sua respectiva quantidade de quintais, fica muita próxima, o que sugestiona um equilíbrio. Na tabela já foram descontados os domicílios com dificuldades de cultivo

(6 aluguéis, 5 apartamentos). O grupo de 3 a 5 SM tem uma proporção um pouco maior de entrevistados que cultivam plantas. O grupo de mais de 5SM, devido ao baixo número de entrevistados, limita as análises. No entanto, pode-se especular que os entrevistados com maior renda podem dispor de mais recursos financeiros, bem como de residências com quintais mais amplos para operacionalizar seus cultivos.

**TABELA 25 - Grupos de renda x cultivo de plantas**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Grupo de renda (salários mínimos = SM)	Frequência absoluta geral	Frequência dos entrevistados que tem plantas	
		absoluta	(%)
1 a 2	24	19	79,2
3 a 5	17	15	88,2
+ de 5	3	3	100,0
total domicílios (desconsiderando os apartamentos e alugados)I	44	37	

As hortas são o tipo de cultura que exige mais trabalho e tempo, requerendo preparação e cuidados com o canteiro, como adubação, irrigação, algum tipo de controle de praga e replantio. Essa é uma das razões para que este tipo de agricultura seja o menos praticado pelos entrevistados que têm quintais. Nas entrevistas foram levantadas as plantas cultivadas em hortas, como mostrado na tabela a seguir.

**TABELA 26 - Plantas cultivadas em hortas**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Nome	Frequência absoluta
cebolinha	10
coentro	7
couve	7
salsa	7
mandioca	3
pimenta	3
taioba	3
abobora	2
alface	2
almeirão	2
jiló	2

manjeriçao	2
quiabo	2
inhame	1
pimentao	1
serralha	1
tomate	1

Os populares “temperinhos” – cebolinha, coentro e salsa – foram muito citados. A preferência pelas plantas nos domicílios pesquisados é mostrada na tabela 26, sendo em sua maioria maior do que 3 tipos. A couve também tem número de ocorrências expressivas.

Alguns entrevistados afirmaram que cultivam hortas porque gostam, porque têm o costume. Na pesquisa ocorreu um caso em que o entrevistado chegou de uma cidade do interior de Minas Gerais há menos de um ano. Sua casa que fica na Encosta, tem um quintal pequeno, porém uma variedade enorme de plantas (hortaliças, frutíferas e medicinais). Os pais do autor desse trabalho também vieram do interior para o bairro de Jardim Tropical há cerca de 30 anos. Por muito tempo eles cultivaram hortas, porém, parecem ter perdido o gosto, o costume, ao longo dos anos. Nesse período, a casa foi ampliada, árvores frutíferas foram cortadas para preservar muros e evitar as “pedradas das crianças”.

Entre as justificativas para a considerável diminuição no cultivo de hortas, foi levantado o preço da água, sobretudo a partir do momento em que começou a ser cobrada a taxa de tratamento de esgoto. O pai do autor também disse, como relatado em uma das entrevistas: “não compensa”.

A pesquisa não conseguiu explicitar os motivos que levam os entrevistados a terem hortas. Entre os poucos relatos a respeito, duas pessoas disseram que era porque gostavam - simplesmente. Já as pessoas que não têm hortas ou outro tipo de plantas, apresentam como razão algum dos impeditivos sinalizados na tabela 27. Algumas falam com lamento sobre o fato não estarem mais cultivando. A questão do cultivo de hortas é também, em muitos casos, uma situação dinâmica, com períodos de cultivo e não cultivo, isso por variados motivos. Por exemplo, na área de Planície, um alagamento acontecido no ano passado destruiu várias hortas. Numa outra

situação, uma senhora moradora da Encosta relatou ter diminuído muito seus cultivos devido à morte do marido, que era o responsável por estercar e preparar os canteiros.

**TABELA 27 - Impeditivos para ter horta**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Descrição</b>	<b>Nº citações</b>
Mora em Condomínio	4
Mora de aluguel	6
Não tem interesse, não liga	6
Falta espaço	3
Saúde debilitada	1
Pavimentação do quintal	3
Cachorro no quintal	1
Galinhas no quintal	1
Enchente destruiu	2
Terra muito seca	1
Não compensa	2
Gasta tempo	1

As plantas frutíferas, representadas quase que exclusivamente pelas árvores, são bastante recorrentes nos domicílios (81,1% dos 37 que tem plantas). Elas não se prestam apenas para saciar a fome, mas também para o conforto térmico das famílias, evitando que sol aqueça por demais as paredes das casas; ou para descansar à sombra nos dias calorosos. Os tipos de frutíferas existentes nas residências pesquisadas estão mostrados na tabela abaixo.

**TABELA 28 - Tipos de Frutíferas**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Tipos de Frutíferas</b>	<b>Frequência absoluta</b>
acerola	15
manga	13
banana	8
mamão	8
cajá	7

**TABELA 28 - Tipos de Frutíferas**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Tipos de Frutíferas</b>	<b>Frequência absoluta</b>
abacate	6
goiaba	6
romã	6
cana	5
coco	4
laranja	4
cacau	3
graviola	3
limão	3
amora	2
café	2
jaca	2
jambo	2
jamelão	2
pitanga	2
ameixa da mata	1
beriba (tipo de pinha)	1
carambola	1
castanha da praia	1
caju	1
figo	1
guaraná	1
jabuticaba	1
mexerica	1
pinha	1
siriguela (cajá mirim)	1
<b>Total</b>	<b>114</b>

Em duas situações foi possível perceber a necessidade social, a importância das frutas para as famílias mais pobres, em dificuldades financeiras, diretamente refletidas em privação alimentar:

- Uma senhora, desempregada há quase dois anos e com sérios problemas financeiros, utiliza as frutas dos pés de acerola, manga e limão para fazer

sucos consumidos no café da manhã, almoço e lanches, saciando a fome de suas duas filhas;

- Durante uma entrevista na área de Planície, localidade denominada de José de Anchieta II, numa família com 5 crianças, um dos irmãos, adolescente, chegou com uma sacola de mangas recolhidas numa árvore frutífera, as quais foram imediatamente distribuídas para os outros irmãos.

Apesar disso, a pesquisa revelou vários casos de corte das árvores frutíferas acontecidos recentemente. Em dois relatos sentiu-se o pesar das pessoas por não poderem mais saborear de “deliciosas mangas”, bem como da grande insolação que passou a atingir as casas. A motivação do corte foi por recomendação da Defesa Civil, devido ao risco de queda de árvores no compartimento de Encostas, durante o período das intensas chuvas de novembro de 2009 – na ocasião, algumas árvores caíram. As reclamações de vizinhos devido à queda de frutos e folhas constituem também num fator significativo do corte de árvores. Essas situações são criadas pela grande proximidade das casas em alguns locais, sobretudo no compartimento de Encostas. Contudo, em uma das entrevistas, um morador relatou que tem resistido às pressões da vizinha para o corte de uma mangueira dentro de seu quintal, a qual dá deliciosos frutos. Abaixo estão descritas as situações de corte de árvores frutíferas.

**TABELA 29 – Motivos para corte de árvores frutíferas**

(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Motivos</b>	<b>Quantidade de citações</b>
sombra e umidade excessiva	1
reclamação do vizinho	2
sujeira folhas	1
defesa civil	1
ampliação de casa	2
casa para filhos	1
utilização do quintal para trabalho	1
garagem	2
crianças jogam pedras.	1

As plantas medicinais constituem o grupo mais presente nos quintais de Jardim Tropical, denotando serem largamente utilizadas. É curioso que às vezes o entrevistado tem apenas um pé de boldo, como já citado. As variedades mais comuns são o boldo, a cidreira, o alecrim, o hortelã e o saião. Ocorreu de dois domicílios sem quintais terem medicinais plantadas em latas ou vasilhas. A relação abaixo mostra as variedades encontradas com seus respectivos usos, relatados pelos moradores (tabela 30).

**TABELA 30 – Uso da plantas Mediciniais por domicílio**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Planta	Frequência	Uso
boldo	20	estômago, vômito, fígado, dor de barriga,
alecrim	6	tempero carne, ansiedade, pressão alta, coração, gripe, corante, chá
capim cidreira	6	estômago, calmante, ansiedade
hortelã	6	xarope, gripe, resfriado, calmante, cólica, tempero carne, gases, verme
saião	5	gripe, bronquite, inflamação, tosse, resfriado
trançagem	5	chá, antibiótico, tosse
babosa	4	dor estômago, verrugas, cicatrizante, caspa, piolho, estômago
manjerição	4	tempero, coração
arruda	3	estômago, dor de ouvido, garrafada de útero
erva doce	3	calmante
hortelã pimenta	3	xarope p/ gripe, tempero p/ carne, peixe, quibe, salgado
aroeira	2	inflamação, sinusite, dor de ouvido
cana macaco	2	rins, coluna
carqueja	2	chá coração, sangue, diabete, colesterol
cidreira	2	nervoso, calmante
cravo defunto	2	febre, dengue
guiné (gambá)	2	gripe, dor
macaé	2	barriga ruim, dor de barriga, estômago
mentrasto	2	remédio de verme
romã	2	garganta, xarope tosse
alfazema	1	calmante
anador	1	dores
arnica do Chile	1	dor cabeça, estômago

**TABELA 30 – Uso da plantas Medicinais por domicílio**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Planta	Frequência	Uso
árvore da felicidade	1	esporão
árvore da vida	1	não relatado
assapeixe	1	não sabe
avenca	1	ossos, asma
babosinha	1	não relatado
baço	1	machucados
beladona	1	não relatado
brilhantina	1	cólica menstrual, diabete, coração
capiva	1	"bom pra tudo"
carambola	1	não relatado
dipirona	1	dores
Melissa (erva cidreira)	1	chá pressão alta
erva cidreira	1	chá, gripe
funcho	1	não relatado
laranja	1	xarope
losna	1	gastrite, cólica menstrual
menta	1	gripe, resfriado
Novalgina	1	não relatado
peitoral de sereia	1	calmante
rosa branca	1	não relatado
saudade rosa	1	
serralha	1	salada
bardana	1	antibiótico, sinusite, depurativo
espinheira santa	1	circulação sangue
vick	1	Gripe

Três entrevistadas possuem em seus quintais uma grande variedade de medicinais - uma delas tem mais de 14 tipos. Segundo ela, é grande a procura que as pessoas fazem pelas plantas. Um caso ocorrido na Encosta é de uma senhora jovem, de uns 25 anos, que tem algumas medicinais, mas não faz uso - o quintal não tem muros. As medicinais foram plantadas pela vizinha, que também as usa.

No compartimento de Encosta, uma proporção maior de domicílios possui os três grupos de plantas, a ponto de todas terem pelo menos uma planta medicinal, conforme apontado no gráfico 9.

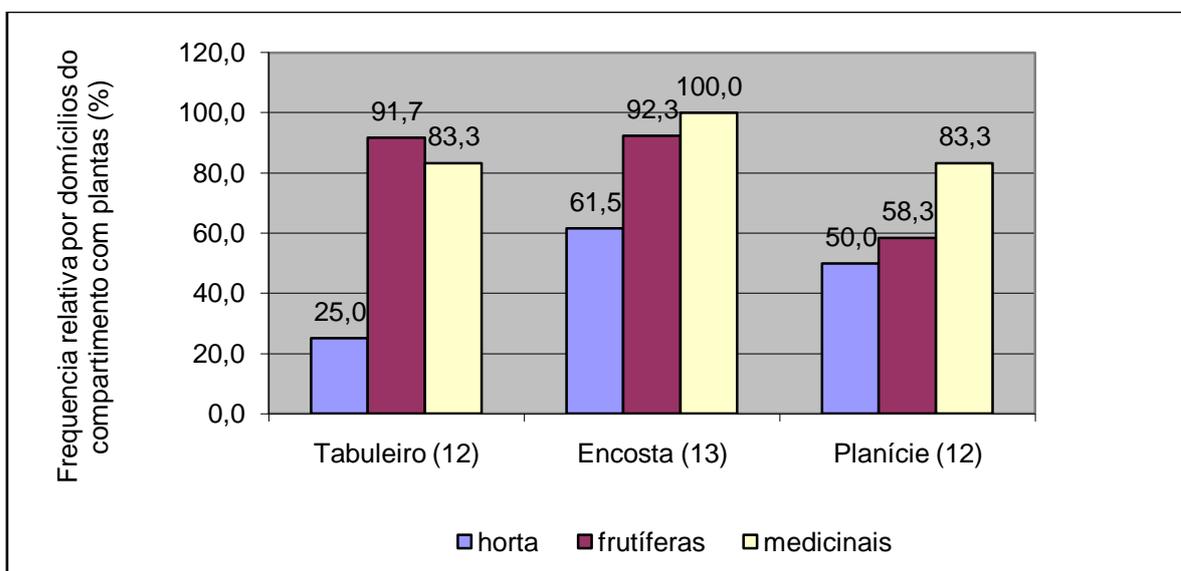


GRÁFICO 9 – Domicílios com plantas por compartimento  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

A criação de pequenos animais nos quintais dos domicílios pesquisados teve pouca representatividade (gráfico 10). A galinha é o único animal que os entrevistados já criaram ou criam, num total de 13 ocorrências, sendo que atualmente 7 pessoas criam-nas e outras 6 já tiveram criação, todos dentro do conjunto dos 37 entrevistados que têm algum tipo de planta. É válido destacar que destas 7 pessoas que criam galinhas, apenas duas têm hortas, o que pode ter relação com o fato de que, se as galinhas forem criadas soltas, acabam destruindo as hortas, isto é, neste caso, são práticas mutuamente excludentes.

Entre as razões que levam os entrevistados a criarem pequenos animais, está a presença de crianças na família, as quais pedem para que os pais criem tais animais. Nesse sentido está também a vontade dos pais em fazer da criação de pequenos animais uma forma de educar as crianças.

É relevante que os entrevistados que atualmente criam galinhas residam todos na porção de Tabuleiro. Uma hipótese é que seja pelo fato dos domicílios do Tabuleiro terem quintais maiores e os moradores terem maiores rendas.

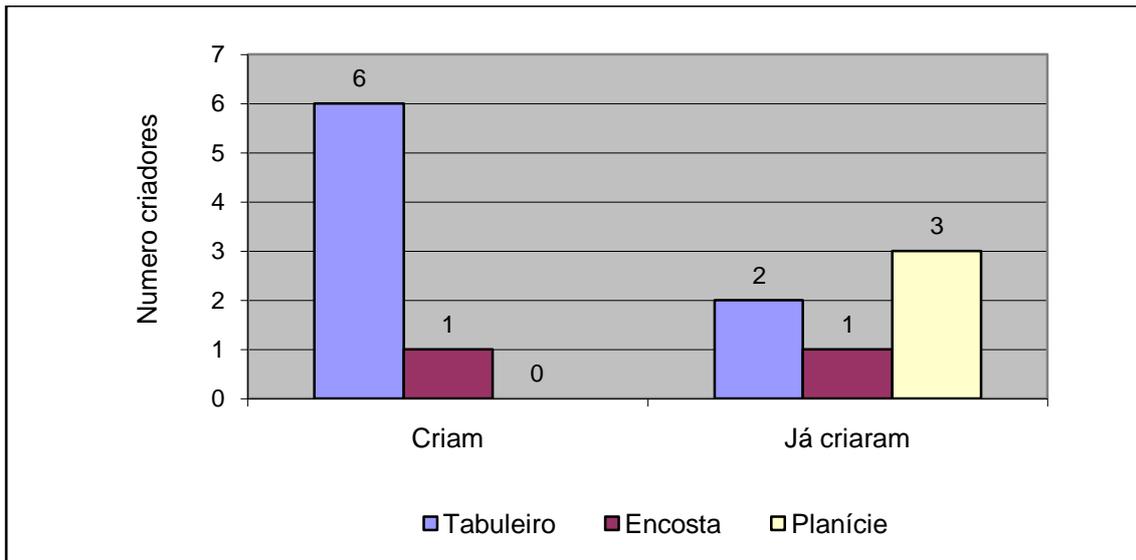
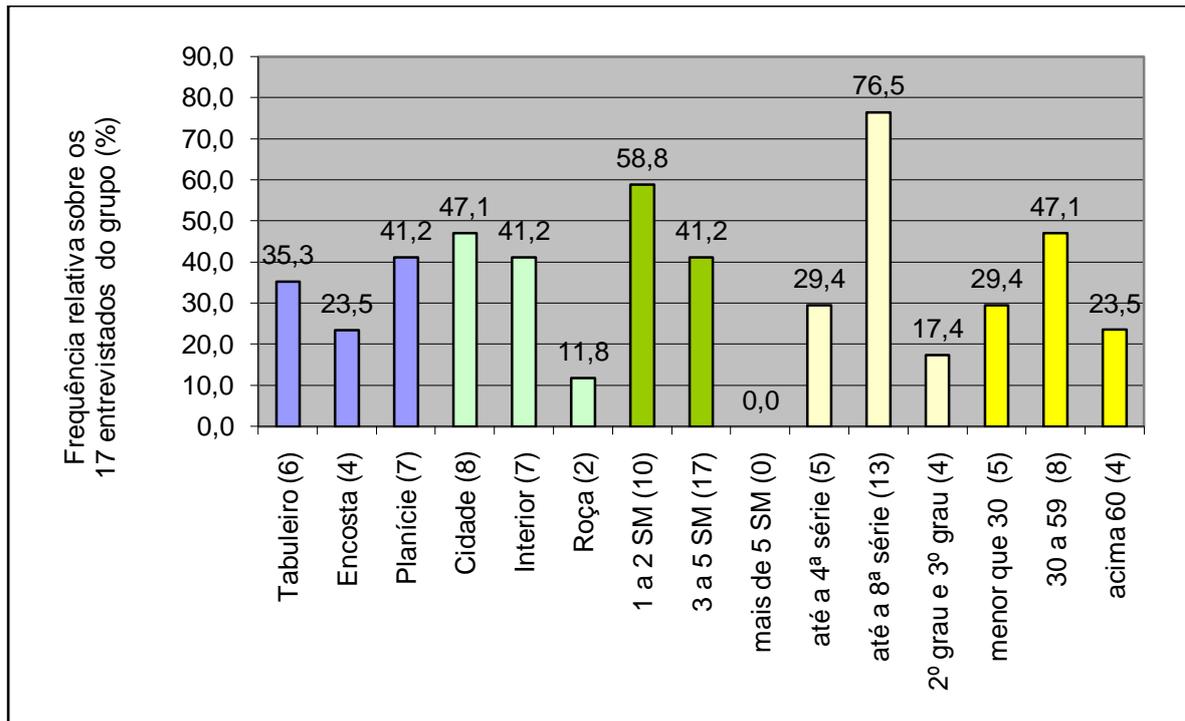


GRÁFICO 10 – Criação de galinhas – localização espacial  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Por fim, observa-se que as 7 pessoas que criam galinhas têm origem socioespacial em cidades do interior, vindo para o bairro Jardim Tropical depois de adultas. Esse grupo ainda contribui com 2 membros que cultivam também os três grupos de plantas em seus quintais.

Um grupo de entrevistados digno de receber alguns comentários é o grupo dos que não têm nenhum tipo de planta em seus quintais (gráfico 11). São 17 domicílios, abrangendo todos os 6 com moradia tipo aluguel e os 4 apartamentos do Condomínio de prédios. O grupo conta com pessoas que têm origem socioespacial variada, inclusive da roça e interior. A moradia de aluguel é um grande impeditivo para o cultivo de plantas, sobretudo das hortas e árvores frutíferas. Na pesquisa conversou-se com uma mãe jovem, que tem moradia de aluguel na porção de

Planície denominada Furnas. Ela veio há pouco tempo de Itajimirim, sul da Bahia, onde afirmou que desfrutava, com a família, de um quintal com hortas e várias árvores frutíferas. Durante a entrevista, lamentou a privação após sua vinda para a cidade.



#### LEGENDA

Compartimento geográfico	Origem socioespacial	Renda (salários mínimos)	Grau de estudo	Idade (anos)
--------------------------	----------------------	--------------------------	----------------	--------------

Obs. : Números entre parênteses no eixo das categorias (x) indicam a quantidade absoluta.

#### GRÁFICO 11 – Características socioeconômicas e espaciais dos 17 entrevistados que não têm plantas nos quintais.

(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Também foi entrevistado um senhor de aproximadamente 80 anos de idade, que viveu toda sua vida na roça e no interior, vindo recentemente residir com a filha, cujo quintal da residência é todo pavimentado e utilizado para garagem. O grupo também tem membros recentes: uma senhora moradora da porção de Encostas, de condição econômica muito baixa, que cortou as árvores frutíferas do quintal (que não tem muros), devido à reclamação dos vizinhos e risco de queda das árvores. Na porção

de Planície, na região chamada Sete Bicas, um casal jovem, ainda sem filhos, que reside em uma casa recém construída, ambos de origem interiorana, vindos do norte Estado, apesar de terem quintal, ainda não possuem plantas.

Uma última reflexão diz respeito sobre o grupo de entrevistados que possuem em seus quintais, ao mesmo tempo, o três grupos de plantas<sup>11</sup>. Considerou-se oportuno lança um olhar sobre este conjunto de pessoas, a fim de procurar alguma especificidade. São 14 entrevistados, dentre os quais 2 deles também criam galinhas. O grupo em tela doravante será chamado de Grupo dos “14mais” (gráfico 12). Os outros 23 entrevistados que têm plantas serão enquadrados no Grupo dos “Demais” (gráfico 13). A seguir, serão feitas algumas comparações entre esses dois grupos.

No Grupo dos 14mais, a maioria dos moradores reside no compartimento de Encosta (57,1%) – proporção maior do que o Grupo dos Demais, que tem mais membros do compartimento de Tabuleiro e Planície.

Quanto à origem socioespacial, o Grupo dos 14mais compõe-se de menos pessoas da cidade e de mais pessoas da roça do que o Grupo dos Demais. A composição por renda dos dois grupos é equilibrada, contudo, no Grupo dos 14mais estão todos os três entrevistados de renda mais alta. Pode-se levantar a hipótese de que a associação entre origem socioespacial em ambientes rurais e renda mais elevada aumenta a variedade dos quintais devido à maior possibilidade de se ter uma quintal maior e custear alguns gastos – isto é, pessoas com uma melhor condição financeira e de origem social em ambientes rurais teriam mais tendência de envolvimento com a agricultura.

---

<sup>11</sup> Deve-se destacar que neste grupo ocorre a ingestão também de refrigerante no café da manhã e no almoço, o que mostra uma mistura de hábitos mais rurais, como o cultivo de plantas, com hábitos de alimentação mais modernos. A presença de crianças nas famílias favorece o consumo de alimentos industrializados, como achocolatados e refrigerantes.

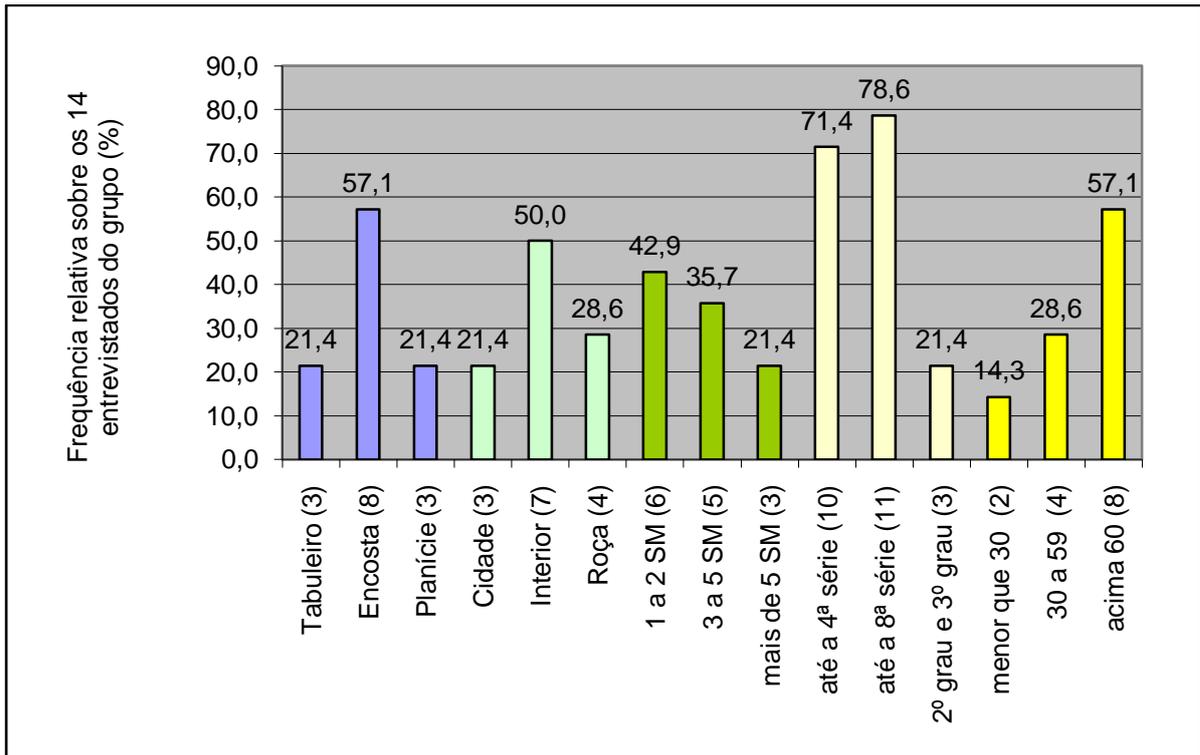


GRÁFICO 12 – Características socioeconômicas e espaciais do Grupo dos “14mais”  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

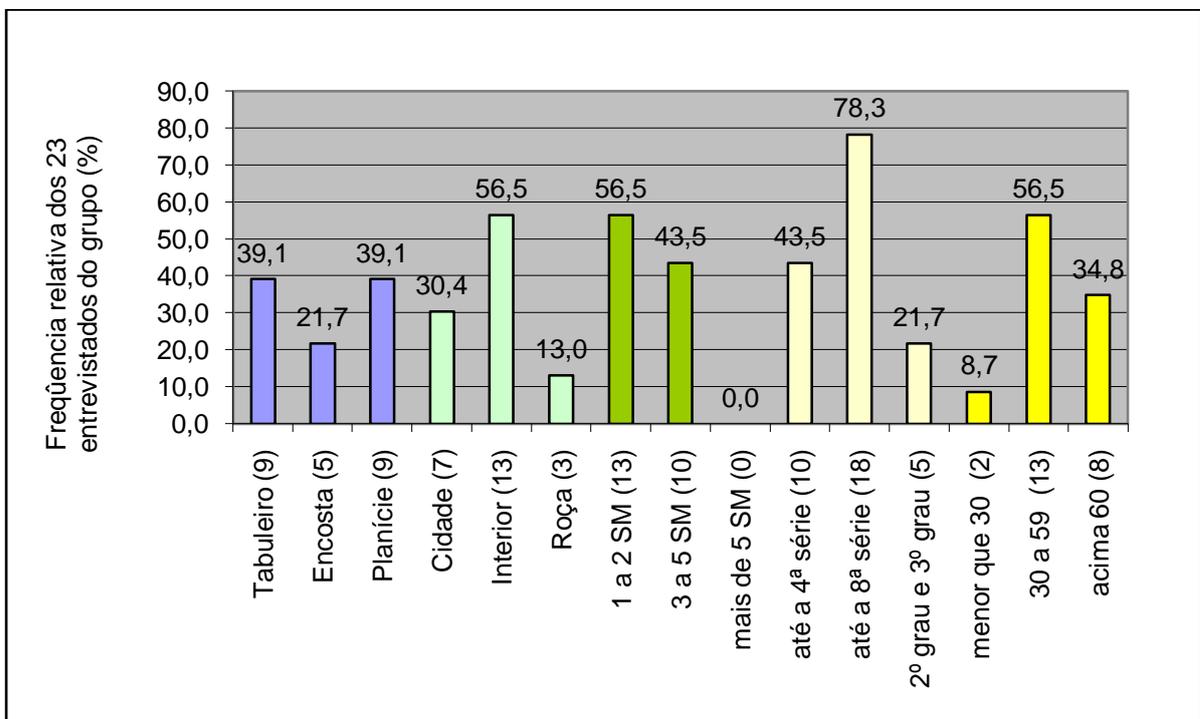


GRÁFICO 13 – Características socioeconômicas e espaciais do Grupo dos “Demais”  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

LEGENDA

Compartimento geográfico	Origem socioespacial	Renda (salários mínimos)	Grau de estudo	Idade (anos)
--------------------------	----------------------	--------------------------	----------------	--------------

Obs. : Números entre parênteses no eixo das categorias (x) indicam a quantidade absoluta.

Analisando a origem socioespacial destes entrevistados, observa-se que um deles nasceu em cidade, mas morou em sítio durante 10 anos; os outros dois nasceram em ambientes rurais (interior), morando lá por muitos anos, sendo que um deles é um casal que veio do Município de Marilândia-ES, com idade próxima aos 30 anos, possuindo um quintal bastante diversificado, como mostrado pelo quadro 3:

Horta	Frutas	Medicinais	Criação de animais
cebolinha, jiló, tomate	acerola, jaca, mamão e manga	arruda (não usa / mãe usava para dor de ouvido, garrafada útero) / boldo (estomago)	já teve galinhas e tirou ovos

Quadro 3 – Culturas em quintal de entrevistado  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

O grau de estudo dos membros dos dois grupos também é similar, mas o Grupo dos 14mais apresenta uma proporção bem maior de pessoas que tem escolaridade até a 4ª série primária (71,4%) do que o Grupo dos Demais (43,5%). Por fim, o critério idade mostra que no Grupo dos 14mais há uma participação relativa maior de pessoas acima de 60 anos.

## 5.5 CONSUMO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS

Apesar de ter sua forma de cultivo ligada à tradição camponesa de agricultura subsistência que é anterior à Revolução Verde acontecida após a Segunda Guerra Mundial, atualmente, a agricultura orgânica tem sido uma retomada deste modo de produção. A motivação é dada, de um lado, por um nicho de mercado, em que os lucros são altos, uma vez que a produção é dirigida às camadas mais abastadas da sociedade, sob o argumento destes estarem comprando saúde. Por outro lado, muitos agricultores, ao longo da transformação da agricultura, foram resistentes às técnicas de cultivo “modernas” da Revolução Verde, mantendo-se fiéis ao modo de cultivo tradicional, pensando na saúde da própria família.

Sabe-se atualmente que o uso indiscriminado de insumos químicos deixa resíduos nos alimentos que vão à mesa das pessoas. Os órgãos públicos não conseguem controlar o uso de agrotóxicos e, por outro lado, mesmo os próprios consumidores mais informados não protestam contra tal problema.

Nesse estudo, procurou-se captar a vivência dos entrevistados em relação aos alimentos orgânicos. Nesse intuito, foi feita uma experiência de vendas desses produtos na feira de Jardim Tropical, para verificar a receptividade das pessoas a estes alimentos. No ensejo, procedeu-se também a comparação entre os preços praticados pelos feirantes que vendem produtos convencionais (usam insumos químicos industriais) e o preço dos orgânicos adquiridos diretamente dos produtores de Santa Maria do Jetibá. Procurou-se também comparar estes preços com a cesta de produtos orgânicos comercializada pela Cooperativa de Economia Solidária O Broto.

Na pesquisa realizada, a primeira questão levantada junto aos entrevistados foi: O que é alimento orgânico? Mais da metade deles, isto é 30 pessoas do grupo de 54, responderam que os conheciam (tabela 31). As principais referências dadas remetem ao não uso de agrotóxicos, venenos, remédios ou químicas. Há uma identificação também com a aplicação de esterco animal nos cultivos. Ocorreu ainda de as pessoas terem ouvido falar, mas não conseguirem expressar o entendimento.

Outros entrevistados relacionam o alimento orgânico ao termo “natural”, que significa também o não uso de insumos industriais. No grupo de pessoas que disseram saber o que é alimento orgânico, 60% delas não possuem nenhum tipo de cultivo em seus domicílios. Há também a associação direta entre a horta domiciliar que usa esterco animal com o alimento orgânico.

**TABELA 31 – Relação de respostas à pergunta “o que é alimento orgânico?”**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Respostas</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>(%)</b>
Não usa agrotóxico	7	23,3
Sem química	2	6,7
Sem veneno	2	6,7
Sem remédio	3	10,0
Usa esterco	3	10,0
Natural.	2	6,7
Que tem bichinho	1	3,3
Conhece, mas não soube explicar	10	33,3
<b>total</b>	<b>30</b>	<b>100,0</b>

A maior parte os entrevistados que disseram conhecer o que é o alimento orgânico, consideraram-no melhor para a saúde do que os alimentos convencionais (77%), fazendo bem e evitando doenças. Apenas uma pessoa apontou dúvidas quanto à efetividade desse benefício, querendo chamar atenção para o fato de que alguns alimentos vendidos como orgânicos não o são, como no caso de ovos vendidos como “caipiras”, isto é, de galinhas criadas soltas, alimentadas sem ração.

O canal de comunicação em que as pessoas mais ouviram falar de alimentos orgânicos foi a televisão (tabela 32). Outro meio de conhecimento e, mais ainda, de envolvimento e consumo de alimentos orgânicos, é via participação em projetos sociais ligados à economia solidária existentes em Jardim Tropical e bairros próximos, como a Cooperativa de Reciclagem de Lixo (Recuperlixo) e a Cooperativa de Confeções (Confex), as quais têm uma articulação com a Cooperativa O Broto – pessoas que trabalham ou trabalharam nessas instituições recebiam a cesta da Cooperativa O Broto.

Por fim, observou-se também o conhecimento da alimentação orgânica através de eventos esportivos, como corridas rústicas, conforme informado por uma entrevistada que é corredora. Um caso também relevante apontado por uma das entrevistadas, que passava por dificuldades de saúde - segundo ela, de ordem neurológica - foi a solicitação que um médico lhe fez para procurar consumir alimentos orgânicos. Esta se dirige à feira de Jardim Tropical, na barraca de

agricultora de Santa Tereza, pois acredita que tais alimentos sejam orgânicos ou pelo menos mais naturais; adota também a prática de comprar legumes e frutas menores, de aparência inferior, acreditando que estes também sejam orgânicos.

**TABELA 32 – Relação de respostas à pergunta “onde ouviu falar?”**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Respostas</b>	<b>Quantidade de citações</b>
Televisão	6
Internet	1
Através de corrida rústica	1
Na Cooperativa Recuperlixo (em Jardim Tropical)	1
Recomendação médica	1
Na Cooperativa Tecidos (em Jose Anchieta)	1

Apesar das pessoas conhecerem, de certa forma, o que é o alimento orgânico, seu consumo praticamente é inexistente no grupo pesquisado (tabela 33). Quando ocorre, é apenas ocasional, na maioria das vezes dentro da concepção que a pessoa tem de que o alimento orgânico é aquele que simplesmente vem da própria horta, da roça de um parente ou de um conhecido. Tais alimentos chegam aos entrevistados quando a pessoa faz uma viagem ou recebe visitas de pessoas do interior; outra forma é por meio de redes que se estabelecem entre algumas cidades do interior com as áreas urbanas, como acontece com queijo e biscoitos que alguns entrevistados recebem de Minas Gerais e do sul da Bahia.

Algumas pessoas compram verduras, legumes e outros produtos (bolos, linguiça caseira, torresmo, pão tipo “broti”, etc.) na feira de Jardim Tropical, de uma agricultora de Santa Tereza, apontando seus produtos como “da roça” - em oposição aos produtos que vem do CEASA - e identificando-os como alimentos orgânicos. A agricultora informou que usa produtos químicos em poucos produtos, devido às dificuldades de cultivo.

**TABELA 33 – Consumo de alimentos orgânicos**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Tipos de alimentos</b>	<b>Quantidade de citações</b>
Compra ovos caipira, mas tem dúvidas se são realmente orgânicos	1
Da própria horta	1
Traz da roça / Quando vai à roça	4
Compra na feira	2
Açúcar Mascavo na Vila Rubim	1

Assim, percebe-se que o reconhecimento do que é o alimento orgânico passa pela confiança, pelo conhecimento que se tem da pessoa que o produz. Existe um quadro de referência que aponta para os cultivos que utilizam esterco, bem como para os alimentos pouco processados industrialmente como o açúcar mascavo, biscoitos e queijos vindos dos ambientes rurais.

Os impeditivos ao consumo de orgânicos afirmados pelos entrevistados estão indicados na tabela 34. O principal deles é o fato dos alimentos serem caros. Algumas pessoas disseram não saber onde encontrar os alimentos e outra disse que apesar de ser caro, “vale a pena”. Mesmo uma entrevistada de renda mais alta, reclama do preço dos alimentos orgânicos nos supermercados. Sua mãe, também moradora de Jardim Tropical, só come orgânicos, influenciando-a também a procurar consumir mais esses alimentos. Ela e outras pessoas mais interessadas não sabiam que na feira do bairro Laranjeiras, próximo à Jardim Tropical, existe uma barraca, certificada pela Chão Vivo, que vende orgânicos a preços bem mais baratos que os supermercados.

**TABELA 34 - Causas do não consumo dos alimentos orgânicos**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Causas</b>	<b>Quantidade de citações</b>
É caro	11
Não sabe onde encontrar	2
Não dá pra confiar	1
Não procura.	1
É caro, mas vale à pena	1

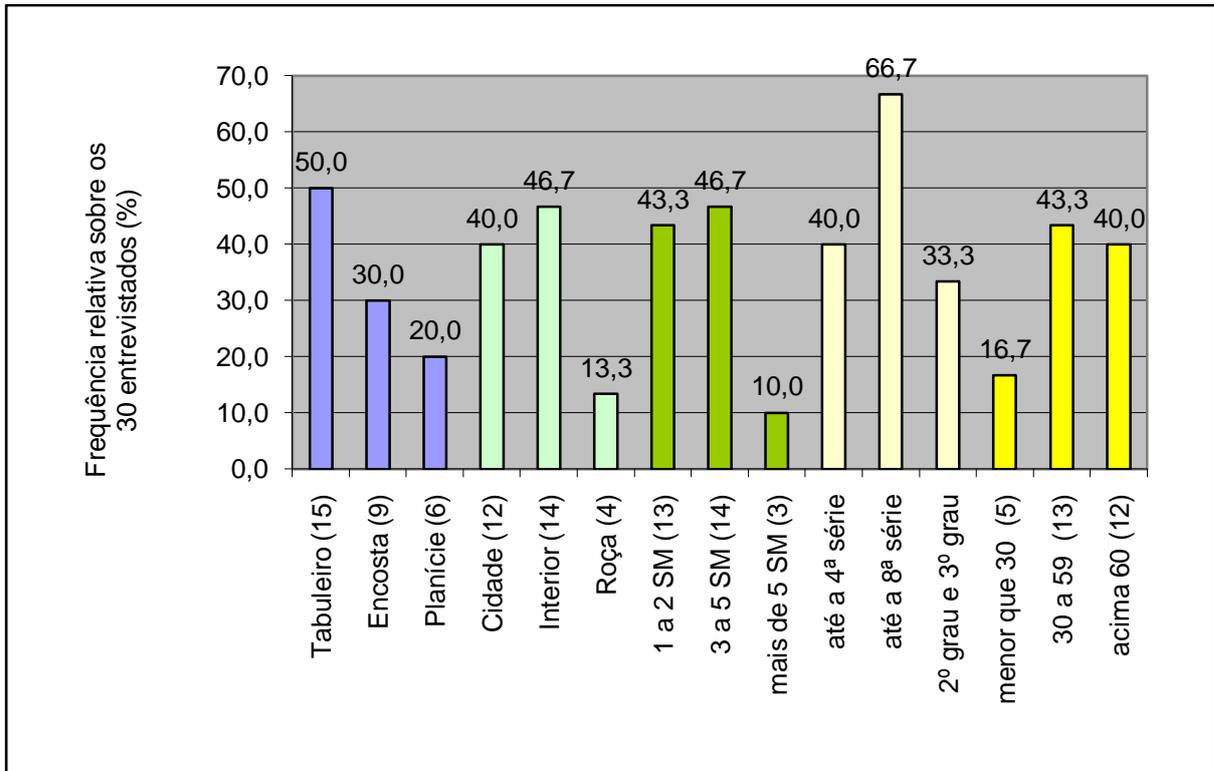
Os entrevistados apontaram os grandes supermercados como principal local de compra de alimentos orgânicos (tabela 35); as feiras foram pouco citadas. A Vila Rubim apareceu também como referência para a compra destes alimentos. A Cooperativa O Broto é pouco conhecida, apenas 4 pessoas citaram-na, duas delas ligadas a cooperativas de economia solidária. Elas não são mais consumidoras dos alimentos da Cooperativa, justificando que ocorria frequentemente o fornecimento da cesta com alguns alimentos pequenos e de má qualidade, além do problema de não ser possível a escolha dos itens.

**TABELA 35 - Locais de compra de alimentos orgânicos.**

(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

<b>Locais de compra</b>	<b>Quantidade de citações</b>
Grandes Supermercados	9
Cooperativa O Broto	3
Vila Rubim	1
Feira Laranjeiras	1
Feira Jardim Tropical	1

No gráfico abaixo serão analisados alguns aspectos relativos ao grupo de entrevistados que disseram conhecer o que são alimentos orgânicos. Na localização espacial destaca-se o fato de 50% dos entrevistados que conhecem orgânicos residirem no compartimento de Tabuleiro. A origem socioespacial indica uma baixa participação do grupo de pessoas que vieram da roça (13,3%), mas uma representação maior daqueles que vem do interior (46,7%). Em relação aos grupos de renda, não há diferenças significativas. Este poderia ser importante no que tange ao consumo, mas, como já comentado, nem mesmo as famílias com renda maior têm acesso aos alimentos orgânicos, tendo apenas consumos eventuais. O grau de estudo das pessoas que conhecem o que é alimento orgânico não apresenta tendências, apesar de que os entrevistados que estudaram até a 8ª série tem uma participação considerável de 66,7%.



#### LEGENDA

Compartimento geográfico	Origem socioespacial	Renda (salários mínimos)	Grau de estudo	Idade (anos)
--------------------------	----------------------	--------------------------	----------------	--------------

#### GRÁFICO 14 – Entrevistados que conhecem o que é alimento orgânico

(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Obs. : Números entre parênteses no eixo das categorias (x) indicam a quantidade de entrevistados.

A tabela 36 mostra a participação dos diversos grupos de entrevistados no grupo das 30 pessoas que disseram conhecer o que são alimentos orgânicos. Notar que o Grupo dos 14mais – pessoas que tem os três grupos de plantas nos quintais - apresenta uma participação relativa um pouco maior que os outros.

**TABELA 36 - Relação entre os grupos de entrevistados x conhecimento de alimentos orgânicos**  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Grupos	Quantidade de pessoas	Frequência absoluta	Frequência relativa sobre cada grupo
Grupo dos "14mais"	14	9	64,3
Grupo dos "Demais"	23	11	47,8
Tem alguma planta	37	20	54,1
Não tem plantas	17	10	58,8
Todos os entrevistados	54	30	55,6

### 5.5.1 BARRACA EXPERIMENTAL DE ORGÂNICOS NA FEIRA DE JARDIM TROPICAL

Esta experiência objetivou avaliar a receptividade dos consumidores da feira de Jardim Tropical aos alimentos orgânicos, observando o comportamento dos mesmos. Outro objetivo era comparar os preços da cesta da Cooperativa O Broto com os produtos comercializados na feira. Para tal, foi instalada uma barraca, estimulada por propaganda – cartaz afixado na barraca e chamadas orais dos vendedores (foto 20 e 21). Previamente, foram feitas duas observações na feira e solicitado aos fiscais da prefeitura a colocação da barraca. Eles explicaram a territorialidade dos feirantes e orientaram instalar a barraca no final da rua.



Foto 20 – Barraca para venda de hortifrutis orgânicos. Julho de 2009. Foto do autor.



Foto 21 – Alimentos orgânicos vendidos na feira.  
Julho de 2009. Foto do autor.

Os produtos vendidos foram hortaliças, verduras, legumes e frutas que compunham a cesta (caixa plástica) de orgânicos no mês de julho, da Cooperativa O Broto. A lista com os itens e quantidades, bem como o contato de um fornecedor-parceiro, foi conseguida com um dos diretores da Cooperativa. Os alimentos foram adquiridos do agricultor Deolindo Butescke, de Santa Maria de Jetibá, certificado pela Chão Vivo. Foram 6 cestas com custo unitário de R\$10,00 e peso aproximado de 8 kg por unidade, mais as folhas – a mesma cesta vendida para a Cooperativa O Broto.

A formação do preço dos alimentos para serem vendidos na feira foi obtida através de conversa com agricultor orgânico Deolindo, que fornece seus produtos para a Cooperativa O Broto e também os vende diretamente na feira de Barro Vermelho, em Vitória. A condição para a formação do preço foi equiparar o custo total com o da cesta da Cooperativa O Broto vendida aos cooperados, sendo possível, com isso, avaliar também a aceitação da cesta do Broto no que tange ao preço e à estratégia de venda em feiras.

Os alimentos foram buscados em Santa Maria do Jetibá, na noite anterior ao dia da feira (sexta-feira pela manhã). No dia seguinte, foram separados em sacolas, em quantidades similares às vendidas pelos feirantes. A barraca começou a funcionar às 6:30h, sendo fechada por volta das 11:00h.

Alguns fatos e percepções da experiência da feira estão relatados a seguir:

- Poucas pessoas chegam cedo à feira, isto é, antes das 07:00h da manhã;
- A barraca de orgânicos foi inicialmente montada no fim da rua, local de bem menor movimento. Foi colocado um cartaz na frente da barraca, identificando os alimentos como orgânicos, os quais foram organizados em sacolas, contendo porções, em geral de 1 kg;
- As pessoas que chegavam até a barraca eram perguntadas se sabiam o que era alimento orgânico. Houve algumas respostas como: “é da roça”, “é natural”. Alguns se lembraram da barraca de uma senhora de Santa Maria do Jetibá, como a que vende produtos vindos diretamente da sua propriedade: *“sempre compro da barraca que os produtos vem direto da roça”*.
- Alguns clientes gostam de manipular os alimentos antes de comprar. Houve uma senhora que apertou a mexericas. Outra quis provar a mandioca; pediu para cortá-la, tirou um pedaço e experimentou. Disse que era de boa qualidade e levou-a;
- Alguns clientes queriam saber qual o tipo, a espécie, o nome de algum alimento. Por exemplo, a banana verde: se era prata ou d’água;
- Ao dialogar com algumas pessoas que passavam pela barraca, estas falavam sobre receitas que faziam com os alimentos. O mais comentado foi a banana prata verde - entre as receitas: banana verde frita e sopa de banana verde. Uma senhora relatou que seu marido come inhame com leite ninho (em pó);
- A procura por vegetais foi bem maior nas barracas de convencionais, as quais já tinha clientes certos. Várias pessoas se aproximavam da barraca de orgânicos, olhavam os alimentos, não perguntavam nada e saíam sem comprar;
- Um hábito observado nos demais feirantes é que jogam água nas folhosas para conservá-las por mais tempo;

- Por volta das 08:30h o movimento no local em que estávamos caiu muito. Entretanto, na parte central da feira, havia mais pessoas; também existiam espaços vagos para barracas, devido a feirantes que faltaram. Decidimos mudar de local; para isso consultamos os fiscais da feira, os quais ficaram temerosos quanto à reação dos feirantes. Estes explicaram para os feirantes da área para onde iríamos que se tratava de um trabalho acadêmico, obtendo o aceite dos mesmos. Foram colocadas somente as mesas sob a sombra de um caminhão (foto 22). O movimento melhorou, destacando-se que quando alguém parava para perguntar ou comprar, outras pessoas se aproximavam também.



Foto 22 – Barraca para venda de hortifrutos orgânicos (mudança de local). Julho de 2009. Foto do autor.

- Os alimentos que foram vendidos mais rapidamente foram as folhosas. As laranjas foram o item que mais sobrou, provavelmente pela aparência, pois estavam pequenas e sem brilho;
- A propaganda verbal sobre os orgânicos deve ser cuidadosa, pois grande parte das pessoas que vão à feira é consumidora de vegetais cultivados pelo método convencional, podendo ficar constrangidas (e deixar de conhecer e/ou comprar) quando ouvem frases como: “alimentos sem veneno”, “tenha mais saúde”, ou “viva mais comendo orgânicos!”

- Outra constatação desse experimento é a interação que acontece com os clientes. Um exemplo foi uma mulher, aparentando 20 anos de idade, que se aproximou da barraca. Como o ambiente estava bastante descontraído, brincamos com ela para que levasse alimentos orgânicos para o namorado. Inicialmente, ela não quis comprar, mas permaneceu ali por muito tempo, até resolver comprar. Percebemos uma necessidade de atenção dessa cliente. Outra senhora, negra, que tem residência no município de Itaguaçu-ES, identificou-se com a simplicidade da barraca, dos produtos, sobretudo da origem e do cultivo. Disse ter ouvido em uma rádio, um programa que aconselhava o uso de defensivos agrícolas naturais, como o fumo, para afastar as “pragas”.
- Também passou pela barraca um rapaz negro que está trabalhando com comunidades Quilombolas do norte do estado, iniciando a organização de uma cooperativa de produção de orgânicos naquela região. Ele, inclusive, comentou sobre um encontro que participou sobre sementes crioulas.
- Por volta das 11:00h da manhã, a experiência foi finalizada, sobrando os seguintes alimentos: 2kg de banana verde, 2 sacolas de mexerica, 1 sacola de limão, 3 sacolas de laranja, 3 sacolas de abobrinha, 1 sacola de cenoura, 1 maço de salsa, 1 maço de coentro.
- A barraca da agricultora de Santa Maria do Jetibá, citada anteriormente, é muito conhecida, sendo que muitas pessoas chamam seus alimentos de “naturais” ou da “roça”. A mesma informou que uma parte de seus produtos não recebe agrotóxicos.

Durante a experiência, foram comprados hortifrutis convencionais vendidos na feira para fazer uma comparação com os preços dos orgânicos da barraca experimental. O resultado geral, considerando as mesmas quantidades de alimentos, está indicado na tabela 37, abaixo.

TABELA 37 – Comparação entre os preços de alimentos orgânicos e convencionais.  
(Fonte: Pesquisa de campo. 2009)

Tipo de alimentos	Itens componentes da cesta	Peso e preços totais			
		Cesta da Cooperativa O Broto	Cesta adquirida diretamente do produtor de orgânicos	Preços praticados na feira de Jardim Tropical	Alimentos convencionais da feira
Legumes	Aipim	8 a 10 kg – sem contar verduras por R\$ 16,00	9,5 kg - sem contar verduras por R\$ 10,50	9,5kg - sem contar verduras por R\$ 15,50	9,5kg - sem contar as verduras por R\$ 14,50
	Inhame ou batata doce ou batata baroa				
	Cenoura				
	Beterraba				
	Abobrinha (jacaré, japonesa ou italiana)				
Frutas	Banana (nanica, prata ou maçã)				
	Laranja (8 unidades pequenas)				
	Mexerica tipo tangerina (10 unidades pequenas)				
	Limão galego (6 unidades)				
Verduras	Repolho pequeno				
	Couve flor ou Acelga				
	Alface				
	Couve				
	Rúcula ou almeirão ou espinafre				
	Salsa				
	Coentro				
	Cebolinha				

A experiência mostrou uma boa receptividade dos consumidores, com cerca de 70% dos produtos sendo vendidos. Isso sinaliza que se houvesse no bairro de Jardim Tropical uma barraca de orgânicos, os alimentos seriam bem vendidos. Muitas pessoas se identificam e acreditam que realmente existem alimentos cultivados sem uso de “venenos” ou “remédios”. A propaganda, a alegria e o bom atendimento aos clientes nos pareceram importantes elementos para o sucesso das vendas.

Em função disso, acredita-se que a cesta da Cooperativa O Broto, a qual não tem muitos clientes no bairro, enfrenta problemas decorrentes, como dito por alguns ex-consumidores, não por causa do preço dos alimentos, mas pela impossibilidade de

escolha, tanto em qualidade quanto em quantidade, isso inclusive para pessoas que conhecem bem o que são os alimentos orgânicos, bem como o projeto da Cooperativa. Além disso, a conscientização para a escolha dos orgânicos passa também pela propaganda, a qual pode atingir mais pessoas na feira.

## **6 CONCLUSÃO**

A teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana de Milton Santos procura explicar o funcionamento desta economia nas cidades dos países subdesenvolvidos - concentrações econômico-espaciais, originadas a partir das grandes transformações socioespaciais provocadas pelo processo de industrialização iniciado no começo do século passado e intensificado após a Segunda Guerra Mundial. São elementos fundamentais desse processo a ação combinada do Estado e dos grandes monopólios econômicos – com o primeiro favorecendo o segundo, dirigindo os recursos públicos para benefício das classes mais abastadas, através da construção de infra-estruturas e financiamentos que atendem a uma pequena parcela da população, em nome do progresso – num contexto de modernização tecnológica e revolução no campo da informação e do consumo - com repercussão direta sobre as condições de vida no campo e na cidade, causando pobreza, desemprego, grandes fluxos migratórios e urbanização descontrolada.

Os movimentos migratórios provocados pelo êxodo rural trouxeram um grande contingente de pessoas do campo para a cidade. Como a economia das cidades não tem condições de absorver todo o excedente dos trabalhadores, estes precisam se adaptar às condições de pobreza, que é refletida na própria espacialidade dos lugares. A consequência desse arranjo é a existência de um ciclo de pobreza, tendo como resposta o surgimento de modos distintos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviço – isto é, os dois circuitos da economia urbana: Circuito Inferior (CI) e Circuito Superior (CS).

Como visto ao longo do trabalho, Jardim Tropical é um bairro popular originado durante anos 1960, no processo de concentração econômica e espacial da Grande Vitória, efeito da crise no campo e seu intenso êxodo rural. Situa-se sobre três

ambientes geomorfológicos distintos: o Tabuleiro litorâneo de altitude aproximada de 40m; a Planície Fluvio-marinha do Rio Santa Maria – com cerca 5m de altitude; e as Encostas do planalto. O bairro apresenta uma vida comercial intensa, com centralidade na porção de Tabuleiro, próximo à BR101, abrigando muitos estabelecimentos, de porte variado, vários setores e ramos econômicos, para atender ao mercado externo ao bairro; por outro lado, está uma diversidade de pequenos estabelecimentos, principalmente comerciais – bares, salões de beleza, mercearias, supermercados, padarias, lojas de roupas, oficinas em geral - que atendem principalmente a população do próprio bairro.

A amostra da população do bairro consistiu em 54 entrevistados, predominantemente mulheres (75%), todos casados, a maior parte com faixa de idade entre 30 e 60 anos. Nos domicílios residem mais adultos, depois, crianças, jovens e idosos; habitados em geral por mais de três pessoas. A renda das famílias é baixa, com mais da metade recebendo menos de dois salários mínimos. Uma parcela insignificante recebe mais de 5 SM. No bairro existe uma estratificação econômico-espacial por compartimento geomorfológico, que cria diferenças na paisagem e no cotidiano: a maior parte dos que têm renda mais alta reside no Tabuleiro; os de mais baixa renda na Planície e, sobretudo, nas Encostas. Isso também pode ser visto pela posse de automóveis, bem mais representativa para as pessoas que residem no Tabuleiro.

As atividades de trabalho exercidas pelos entrevistados são de baixa qualificação profissional, predominantemente no setor de serviços (como ajudantes, auxiliares, domésticas e, também, atividades tradicionais como pedreiros, carpinteiros, pintores, marceneiros). Os que estão efetivamente empregados são cerca de 40%; os demais são os aposentados, pensionistas, autônomos e diaristas. Os desempregados são 16%. A grande maioria dos indivíduos trabalha no próprio município, a maior parte no próprio bairro e uma parcela menor em bairros vizinhos. O grau de estudo de grande parte dos entrevistados é até a 8ª série (77,8%); até a 4ª série são (46,3%). Na parte do Tabuleiro está uma parte considerável dos que o possuem 2º grau – 58,3%. Estes índices baixos podem refletir uma geração de pessoas com idade mais alta que tiveram pouco acesso à educação formal. O tipo de moradia é quase que exclusivamente própria. A modalidade do aluguel foi mais recorrente na porção de

Planície. No Tabuleiro há as pessoas que moram no condomínio de apartamentos que faz parte de um programa do governo federal. Mais da metade dos entrevistados veio de ambientes rurais, com alguns afirmando terem exercido atividades ligadas à agricultura (lavouras e criação de gado). Muitas dessas pessoas vieram de cidades do Norte do ES e sul da BA, bem como dos municípios fronteiriços de Minas Gerais, entre as décadas de 1960 e 1980, em função dos efeitos da modernização da agricultura, que provocou grande crise no campo. A chegada dos migrantes implica em impacto cultural que, com o decorrer do tempo, altera os costumes trazidos dos ambientes rurais. Ao grau de abertura do indivíduo à penetração da cultura citadina moderna, contrapõe-se o grau de enraizamento dos elementos tradicionais, numa “balança dinâmica” em que estão em dialética aspectos funcionais e afetivos, forjando uma nova cultura.

O cotidiano de Jardim Tropical e seu entorno revela a materialidade dos Dois Circuitos da Economia Urbana, nele coexistindo e interagindo alguns de seus elementos. No bairro misturam-se várias atividades econômicas, como pequenas indústrias e estabelecimentos comerciais e de serviços, ligados a uma lógica externa ao bairro, que fazem parte do CS; a uma quantidade imensa de pequenos negócios como bares, salões de beleza, venda de chup-chup (suco congelado em sacola plástica), serviços de manicure, venda de churrasquinhos, cachorros quentes e marmitas, serviços de salgadeira, confeitaria e outras atividades (catadores de materiais recicláveis; vendedores de leite, de peixe, de doces, de polpa de fruta, perfumes e tapetes; limpadores de quintais, guardadores de fila, etc.), que fazem parte do CI.

A geograficidade da alimentação abordada neste trabalho envolve objetos geográficos ligados a um ou ao outro circuito. Ao investigá-la, constatou-se que no cardápio do almoço e do café da manhã existem diferenças quantitativas e qualitativas entre os que têm renda mais alta e os de renda mais baixa. No segundo grupo, existe inclusive falta ocasional de alimentos como leite, pão, carne e outros. As compras principais, que são mensais, são feitas por 21 pessoas (40%) só em estabelecimentos de Jardim Tropical; destes, apenas quatro residem no compartimento do Tabuleiro. A motivação é, sobretudo, funcional (distância, entrega, comodidade, praticidade), mas também pode ser afetiva (amizade,

confiança, atendimento). Os grandes supermercados de Laranjeiras são freqüentados por 41,5% dos entrevistados. A maioria reside no Tabuleiro e tem renda mais alta (58,3%), sendo o aspecto funcional econômico determinante (preço, variedade). A posse de carro também é recorrente neste grupo (metade das 24 famílias), mas também há indivíduos que vão de ônibus, a pé (inclusive empurrando um carrinho de mão) ou de táxi, bem como se utilizando de passe livre. Outra modalidade de compras é feita através do “disk cesta” – por telefone; uma alternativa funcional, sobretudo para quem necessita de crédito, não gosta de sair de casa ou tem dificuldades de deslocamento. Somente indivíduos do compartimento de Planície e Encosta utilizam esta modalidade. As mercearias e quilões são as opções para as compras complementares. Os pequenos bares que vendem alimentos não-perecíveis tentam aumentar seus lucros, aproveitando-se das situações de emergência e do recurso ao fiado. Os moradores do condomínio, por estarem em local fechado em que são suprimidas parcialmente as necessidades de lazer, e devido ao fato da maioria ter vindo de fora, parecem não ter uma identidade com o bairro; talvez por isso exista uma tendência de muitos dos seus moradores fazerem suas compras em Laranjeiras.

Portanto, para as compras principais é possível identificar dois grupos distintos: os que compram no bairro e os que compram fora. No primeiro grupo, estão sobretudo os entrevistados da Encosta e Planície, que não têm carro e possuem renda mais baixa. Neste grupo, os entrevistados apontam aspectos afetivos (amizade, confiança, atendimento e a pertença) para justificar sua opção; contudo, também há os aspectos econômico-funcionais: tempo e preço. No segundo grupo, o grande motivador é a economia. A maioria dos entrevistados reside no Tabuleiro (60%), tem renda mais alta (60%) e utiliza carro (50%). Entretanto, existem poucos indivíduos de outros compartimentos dispondo-se a caminhar, a utilizar bicicletas, táxi ou ônibus.

As compras complementares são disputadas entre os supermercados do bairro e as mercearias. Os supermercados localizam-se no centro comercial do bairro, fazem propaganda, têm entrega a domicilio, agregam uma seção de hortifrutis e açougue. As mercearias têm quilões mais diversificados, também entregam a domicilio e, em alguns casos agregam bares. Em geral, ficam mais distantes do centro do bairro,

beneficiando-se deste fator. Atuam principalmente nas compras ocasionais e têm menor volume de negócio. Uma terceira via de aquisição da compra de alimentos mensais são os atravessadores do “disk cesta”, que usam o artifício do crédito e da compra pelo telefone. Os pequenos bares diversificam o negócio, vendendo nas situações de emergência.

Os grandes supermercados tentam territorializar-se através da propaganda televisiva, na qual mostram as promoções de alguns itens. Os estabelecimentos locais maiores também se utilizam da propaganda – distribuição de panfletos com ofertas para atrair os clientes; outro recurso é a entrega em domicílio. Já os pequenos comerciantes não dispõem de estratégias publicitárias para aumentarem suas vendas; eles procuram valer-se das situações de urgência dos clientes e do recurso ao crédito pessoal.

A feira é bastante freqüentada – cerca de 60% dos entrevistados – da mesma forma que as mercearias e quilões. Quando o indivíduo não tem o hábito de consumir regularmente hortifrutis, vai-se pouco à feira. O entretenimento também atrai as pessoas, bem como a variedade de produtos; o preço mais em conta também motiva algumas pessoas. Como repulsa está a qualidade dos produtos, devido ao amassamento e à mistura entre bons e ruins e à quantidade excessiva nas bacias. Também na feira ocorre o surgimento de relações pessoais entre o feirante e o consumidor. As mercearias e quilões são muito frequentados porque estão abertos todos os dias. O cliente é atraído pelo atendimento, qualidade e entrega.

A escolha que o indivíduo faz entre tais objetos citados se dá em função de aspectos econômicos e/ou funcionais, como o preço dos alimentos, o custo do deslocamento, as condições de crédito, a posse de automóvel; ou de aspectos afetivos, como a amizade, a confiança, o bom atendimento e o hábito herdado dos pais; agindo isoladamente ou combinados. A condição de saúde e a situação empregatícia são modificadores dessa escolha: se a pessoa é aposentada, ela tem mais tempo para pesquisar e se deslocar; às vezes é isenta de pagar a passagem; se as condições de saúde são ruins, compra-se no próprio bairro e a entrega é feita em domicílio. A identidade territorial, isto é, o sentimento de pertencimento ao bairro, parece agir também como motivador para o consumo em estabelecimentos local.

A situação de pobreza a que está submetida parte dos moradores do bairro cria carências alimentares e mesmo a fome, o que potencializa a prática da agricultura nos domicílios, através do cultivo de quintais. Uma quantidade significativa das residências tem quintais livres (cerca de 80%), mesmo que sejam muito pequenos, sendo que destes, praticamente todos têm algum tipo de planta, com predominância das frutíferas e medicinais devido à menor necessidade de trato. Contudo, se considerarmos o uso intenso, cuja referência é a prática de hortas, menos da metade dos quintais livres são cultivados (45%), o que indica uma subutilização dos mesmos. A horta pode ser vista como uma alternativa de alimentação e como uma maneira de economizar. Na pesquisa, os entrevistados parecem não ver seus quintais como uma possibilidade de enfrentar dificuldades financeiras ou como fonte de alimentação mais saudável. Os domicílios que não têm quintais são os alugados, os apartamentos e aqueles com quintal pavimentado ou com garagens. A participação dos domicílios que possuem algum cultivo por compartimento geomorfológico é equilibrada.

As árvores frutíferas e as medicinais são as plantas mais cultivadas (81 e 89% respectivamente) em relação aos 37 entrevistados que têm plantas. As hortas são menos cultivadas (50%). Considerando o número de plantas por domicílios, 25 deles (46%) têm mais de quatro plantas. Houve casos das pessoas fazerem grande uso das frutas do quintal, devido às dificuldades financeiras. Entretanto, as árvores frutíferas têm sofrido grande pressão para serem cortadas, por causa de fatores como a queda de frutos sobre telhados, sujeira, ação das raízes e risco de queda, tendo como prejuízo, em alguns casos, a diminuição do conforto térmico propiciado pela sombra e o fim do aproveitamento dos frutos. A necessidade de reprodução material das famílias, com a ampliação da casa ou cessão de parte do quintal para os filhos construírem é um modificador importante do cultivo dos quintais.

As hortas representam uma relação mais intensa com a agricultura urbana porque exigem mais conhecimento e dão mais trabalho. A pesquisa revelou que as pessoas que tem horta, também têm os outros tipos de plantas. Sua variedade de cultivo, em geral é pequena, com grande incidência dos temperos (cebolinha, coentro, salsa), seguida pela couve; as hortas exuberantes não foram significativas na pesquisa –

apenas seis. A criação de pequenos animais foi pouco expressiva, mas muito ligada às pessoas do interior ou da roça, estas todas de origem rural e moradoras da porção de Tabuleiro.

A origem socioespacial dos entrevistados que possuem algum cultivo é predominantemente de ambientes mais ruralizados, com participação relativa próxima de 70%, independente do tempo de permanência em tais espaços. As pessoas com grau de instrução mais baixo (analfabetos e até a 4ª série) também têm uma participação maior nesse grupo. Em relação à renda, a pesquisa apontou uma participação um pouco maior do grupo de renda mais baixa – de 1 a 2SM.

Quando se considera o Grupo dos 14mais (entrevistados que possuem os três tipos de plantas em seus domicílios), verifica-se que a maior parte deles reside na Encosta, tem origem no interior e na roça, o grau de estudo até a 4ª série e idade acima de 60 anos. No entanto, também se observou, no caso das três famílias de renda mais alta, que a condição econômica mais favorável é um modificador que, associado a outros fatores, estimula o cultivo. Entre as pessoas que não têm nenhum cultivo, os impeditivos são o estado de saúde, a idade avançada, o preço da água, a pavimentação, a existência de cachorros. Nesse grupo, porém, também há pessoas de origem rural e grau de estudo mais baixo. A vida citadina tende a provocar a redução ou perda dessa prática por motivos diversos, como o uso do tempo para entretenimentos, o custo da água, a idade avançada. Tudo isso faz com que não haja transferência do saber agrícola para os descendentes. Quando um indivíduo sofre privação alimentar devido à falta de dinheiro, é que, em poucos casos, vê seu quintal como possibilidade de enfrentar tal problema.

Dentro das condições de vida em bairros populares e considerando-se as práticas de agricultura que tornaram hegemônicas com a modernidade industrial pós Segunda Guerra Mundial, os cultivos de alimentos orgânicos (re)aparecem como uma nova forma de relação com a natureza. Em Jardim Tropical, os indivíduos entrevistados têm imagens sobre os alimentos orgânicos que remontam ao que vem dos ambientes rurais, vinculados primeiramente ao não uso de venenos, agrotóxicos

e “remédios”, sendo chamados de alimentos “naturais”, “da roça” ou que usam esterco, sendo cultivados sem “venenos”. A maioria das pessoas que disseram conhecer os orgânicos reside na porção de Tabuleiro, com participação relativa um pouco maior de quem tem renda mais alta. A proporção delas sobre o grupo dos entrevistados que têm plantas, sobre o grupo dos que não têm plantas, sobre todos os entrevistados é muito parecida. O Grupo dos 14 mais tem uma participação um pouco mais expressiva (64%).

A televisão foi o canal de comunicação mais citado como fonte de conhecimento. Na verdade, ela simplesmente estimula que a explicitação do entendimento pré-concebido dos entrevistados, sobretudo os de origem rural, venha à tona. A pesquisa revelou também outros meios de conhecimento acerca dos alimentos orgânicos: pessoas que trabalharam em organizações de economia solidária ou que tiveram contato com o assunto em eventos esportivos. O preço, principalmente, e em menor grau, a oferta, foram as dificuldades apontadas para o consumo. Contudo, entrevistados que consumiram orgânicos da Cooperativa O Broto deixaram de comprar, queixando-se da quantidade de itens e do tamanho de alguns produtos. Não existe consumo regular, mesmo para quem conhece o Broto. A barraca experimental demonstrou aceitação dos orgânicos quando o preço compensa e quando se pode escolher o item e sua quantidade.

Avalia-se que o consumo de orgânicos no grupo pesquisado não se configura como um valor e como práxis. Ainda que as pessoas tenham idéia de que os alimentos possam conter resíduos de agrotóxicos, isso não gera opinião nem atitudes críticas, sendo o consumo de orgânicos praticamente inexpressivo ou mesmo nulo, devido aos altos preços e a pouca oferta. Somente em situação de problemas de saúde é que o indivíduo torna-se mais atento e atuante. Mesmo as iniciativas de economia solidária como da Cooperativa O Broto, são pouco valorizadas pelas pessoas, inclusive por aquelas que têm algum nível de consciência da problemática acerca qualidade dos alimentos.

A proposta deste estudo em discorrer sobre a geograficidade da alimentação tentou usar um procedimento de análise que articulasse a realidade, o vivido, com a produção teórica da ciência geográfica. Este caminho corre o risco de cair na

descrição simples de indicadores; na descrição extensa do cotidiano sem as implicações espaciais e geográficas ou, por outro lado, em teorizações sem ligação com a realidade, com o cotidiano.

O trabalho teve como base de pesquisa o cotidiano, que de certa forma está representado nas vivências dos moradores trazidas na entrevistas. Os resultados apresentados pelos gráficos e tabelas podem apontar linhas de investigação mais específicas, não aprofundadas neste momento.

Ao aplicar os questionários, foi possível ouvir sobre os gostos, sorrir juntos, sentir alegrias, saudades e frustrações. Esses sentimentos, do pesquisador e pesquisados, articulam-se com as influências econômicas e políticas, de diversas escalas. Nesse movimento é que foi buscado o método para o desenvolvimento desse trabalho.

O fato do autor do trabalho não ter feito uma iniciação científica na temática em questão pode ser considerado um fator limitante às discussões. Ferramentas conceituais importantes poderiam ser mais bem utilizadas, assim como a experiência na aplicação dos questionários, que foi muito demorada, o que pode comprometer a qualidade dos dados fornecidos pelos entrevistados. Durante a análise dos dados visando transformá-los em informações, percebeu-se a importância do planejamento da pesquisa. A conceituação previa de termos como origem socioespacial, com suas derivações cidade, roça e interior, têm um potencial muito grande e importante no entendimento da geograficidade da alimentação aqui pretendida.

O que se quis chamar atenção ao longo da pesquisa foi a importância dos aspectos socioespaciais para o entendimento da Geografia criada pelo movimento da sociedade urbana, em busca de seus alimentos. Dessa forma, no bairro Jardim Tropical, por trás da alimentação, no que tange aos objetos geográficos de venda de alimentos, às ações sobre os quintais, bem como ao consumo de alimentos orgânicos, há uma geograficidade complexa, constituída por aspectos econômicos, sociais, espaciais, culturais e psicológicos. A base contextual em que se colocou o estudo caracteriza bem o cenário, pois no bairro coexistem as realidades dos dois circuitos da economia urbana, proposta por Santos.

O uso dos quintais para cultivos e o consumo de orgânicos em bases agroecológicas, como também a escolha crítica dos estabelecimentos para compra de alimentos são atitudes que requerem, em primeiro lugar, conhecimento. Este é condição para o surgimento da consciência questionadora. Contudo, mesmo que ocorra esta combinação, não há garantia de que se transformará em práxis, em ação cotidiana, em autonomia.

As condições atuais da globalização tem imposto ao cotidiano das pessoas uma cultura de acomodação. Tal efeito talvez seja decorrente do estresse advindo de preocupações criadas por necessidades de toda ordem. Tal situação tende a gerar uma grande busca por relaxamento e entretenimento, muito bem apropriada na engrenagem capitalista. A acomodação participativa em geral é atribuída á famigerada falta de tempo.

Esse período da historia, também chamado por alguns de pós-modernidade - com seus efeitos (des)norteadores e alienantes face à fluidez das tecnologias, às fronteiras mal delimitadas entre as ciências e à grande quantidade de informação produzida e disponibilizada nas diversas mídias – parece condicionar a ação humana a uma inércia racional, de cunho econômico-funcional, que ao longo dos últimos anos vem se colocando como cultura hegemônica (SARAIVA, 2008).

O trabalho aponta que a esta hegemonia contrapõe-se os valores da cultura dos espaços rurais e os valores afetivos e éticos, como amizade e a confiança. Entretanto, esta aparente rigidez espacial do tempo atual, tem um dado dinâmico, decorrente das vicissitudes e da ação dos atores das contracorrentes – os quais, em face de revolução no campo da informação, têm mais facilidade de apresentar suas idéias, disseminando o conhecimento, o que pode levar à conscientização e participação de mais pessoas.

Cabe a ciência geográfica, partindo de uma natureza transformada continuamente – articulando as escalas local e global, procurar entender como os processos políticos, econômicos e culturais, em andamento, reestruturam essa própria natureza, apontando suas contradições e esquemas de dominação.

Assim, contribui-se para a “forma-ação” de uma consciência crítica que leve a sociedade e, sobretudo, as massas oprimidas a lutarem – através da participação – contra as situações de pobreza, dominação e exclusão (FREIRE, 1993).

Finalizando, essa pesquisa procurou captar essa Geografia desenhada por mulheres e homens na busca de sua reprodução material, debruçando-se sobre a espacialidade criada pela necessidade destes se alimentarem, dentro da totalidade da sociedade capitalista. Acreditamos que a reflexão foi válida, apesar de haverem caminhos que poderiam ser mais bem explorados.

## 7 BIBLIOGRAFIA

AFONSO, L. D.; SERPA, A. S. P. (2007) **Perfil socioeconômico e cultural do bairro de Itapuã em Salvador-BA**. Disponível em: <<http://www.geografia.ufpr.br>>. Acesso em 26/02/2010.

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos – PARA**. Nota Técnica para divulgação dos resultados do PARA de 2008. Brasília, 15 de abril de 2009. Disponível em <[http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2009/pdf/150409\\_para.pdf](http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2009/pdf/150409_para.pdf)>. Acesso em 30.04.2010.

BERNADINO, Renata Venturim. (2006). **Cooperativa solidária de alimentos orgânicos do estado do Espírito Santo "O Broto"**: um despontar para a sustentabilidade. In: Os urbanitas. Revista de Antropologia Urbana. Ano 3, volume 3, número 4.

CARLOS, Ana Fani. A Cidade. São Paulo: Contexto, 2003

CARVALHO, Horácio Martins (org.). (2001) **O campesinato no século XXI**: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. Petrópolis: Vozes,

CASTRO, J. (2003). **Geografia da Fome**. 16a. Ed., Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2003.

CHÃO VIVO - **Associação de Certificação de Produtos Orgânicos do ES** . (Certificadora "Chão Vivo"). Disponível em: <<http://www.chaovivo.com.br/novo/index.asp>> . Acesso em 25/02/2010.

CAPORAL, F. R. e COSTABEBER, J. A. (2004). **Agroecologia e Extensão Rural**: Contribuições para a promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA.

CAPORAL, F. R. (2009). **Agroecologia**: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Disponível em: <http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/artigos-e-revistas>. Acesso em 28-04-2010.

CASTIGLIONI, A. H. (1994). **Processo de crescimento da Grande Vitória**. "Revista Instituto Jones", ano VII, n.1. Vitória.

CLAVAL, P. (2002). **A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia**. In: KOZEL, S. & MENDONÇA, F. (orgs.). Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba: UFPR, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato (1995). **Espaço, um conceito chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias de. & GOMES, Paulo César da Costa. & CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Geografia: conceitos e temas. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CUCHE, Denys. (1999) **Cultura e Identidade**. In: A Noção de Cultura em Ciências Humanas. Bauru: Edusc, cap.6. p.175-202.

FONSECA. Ângelo Martins. (2001). **A emergência do lugar no Contexto da Globalização**. In: RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador, Ano III, n. 5, p. 96-103, dez., 2001

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 21ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

IBGE - Folha **SF-24-V-B-I-1**. Disponível em: <[http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)> . Acesso em 05/04/2009.

IDAF **Levantamento Mestre Álvaro**. 2009. Imagem aérea, arquivo eletrônico.

IJSN – Instituto Jones Santos Neves (2009). **Espírito Santo em Mapas**. 2ª edição. <disponível em <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/esmapas/>> em 22/02/2010.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. Tradução portuguesa do Inglês por Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1989.

MENDONÇA, F. e KOZEL, S. (org.). (2002). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**.

NEVES. Jose Luis (1996) **Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades**. **Cadernos de pesquisa em administração, S. Paulo, V.1, nº. 3, 2º sem.** <disponível em <http://www.ead.fea.usp.br/>> Acesso em 23.07.2009.

LENCIONE, Sandra. (1999) **Região e geografia**. São Paulo: Edusp.

PMS - Prefeitura Municipal da Serra. **Mapas dos Bairros de acordo com a lei de Bairros nº 3.421/2009** de 27/07/2009 <disponível em <http://www.serra.es.gov.br/>> Acesso em 15/01/2010.

PMS - Prefeitura Municipal da Serra. **Serra em Números**. 2ª Edição. <disponível em <http://www.serra.es.gov.br/>> Acesso em 15/01/2010.

PROJETO RADAM BRASIL – **Mapa Geomorfológico**. (1983).

REDE. **A Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas**. Disponível em <<http://www.rede-mg.org.br>>. <Acesso em 30.04.2010>

SANTOS, M. O (1979). **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

SARAIVA, C. P.; SANTOS, C. M.; TONONI, J. T.; PADILHA, R. B.; BORGES, R. M. (2008). **Por uma Geografia da Autonomia**. UFES – Universidade Federal do Espírito Santo. Trabalho de final de curso da Licenciatura de Geografia.

SCARIM, P. C. e LUCCI P. H. G. (2009). **Relatório final**: projeto geografia dos alimentos. UFES – Universidade Federal do Espírito Santo – Departamento de Geografia.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço** (1996): Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, Marcelo Lopes. (2002). **Mudar a Cidade**. Uma introdução crítica ao planejamento e gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

## ANEXO 1

**QUESTIONÁRIO PARA MONOGRAFIA – GEOGRAFICIDADE DA ALIMENTAÇÃO**  
**Caso do Bairro Jardim Tropical, Serra - ES**

**1 - IDENTIFICAÇÃO / INFORMAÇÕES SOCIO-ECONOMICAS e ESPACIAIS.**

**1.1 Endereço:**

**1.2 Número de pessoas moradoras:**

( ) criança ( ) adolescente ( ) jovens  
 ( ) adulto ( ) idoso

**1.3 Quantos trabalham / Profissão**

Alimento	nº	Profissão	Bairro / munic.	Obs.:
Carteira ass.				
Sem carteira				
Autônomo				
Doméstica				
Aposentado				
Pensionista				

**1.4 Grau de estudo:**

( ) 4ª serie ( ) 5 a 8ª ( ) 2º grau ( ) superior

**1.5 Renda Familiar?**

( ) 1 a 2 SM ( ) 3 a 5 SM ( ) mais de 5

**1.6 Como mora?**

( ) casa própria ( ) aluguel ( ) favor

**1.7 Qual o vínculo com a roça?**

Pessoa	Nasce na Roça / cidade interior	Atividade que exercia	Idade que veio p/ cidade	Tempo em que vive na cidade
Entrevist.				
país				
Avos				

**2 - HÁBITOS ALIMENTARES: Onde e como se alimentam?**

**2.1 Café da manhã** (1 nunca/ 2 raram./ 3 freq./ 4 sempre)

( ) não toma

Alimento	Casa ( )	Trabalho ( )	Rua ( )	Obs.
Café preto				
Leite				
Iogurte				
Refrig.				
Suco				
Água				

Pão padaria				
Pão caseiro				
Manteiga				
Margarina				
Bolo				
Bolo caseiro				
Biscoito polvilho				
Biscoito				
Salame				
Presunto				
Queijo				

Alimento	Casa ( )	Trabalho ( )	Rua ( )	Obs.
Mandioca				
Batata Doce				
Milho				
Banana Terra				
Laranja				
Banana				
Mamão				

**2.2 Entre o café e o almoço come / bebe alguma coisa (inclusive água)? Onde?**

**2.3 ALMOÇO - (1 nunca/ 2 raram./ 3 freq./ 4 sempre)**

C: casa / M: marmita / MTX: marmitex / EMP: empresa / SS: self service / R.PF: restaur. prato feito

ALIMENTO	( )	( )	( )	OBS.:
Arroz				
Feijão				
Macarrão				
Farinha				
Polenta/angu				
Carne de boi				
Carne galinha				
Carne porco				
Carne frango				
peixe				
Ovo				
Batata Inglesa				
Mandioca				
Abóbora				
Banana Terra				



